

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF)

PERLA CRISTINA FRANGIOTI MACHADO

**DESENVOLVIMENTO DE ITINERÁRIO FORMATIVO
RELACIONADO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
desafios e perspectivas no novo ensino médio**

SÃO CARLOS - SP
2023

PERLA CRISTINA FRANGIOTI MACHADO

**DESENVOLVIMENTO DE ITINERÁRIO FORMATIVO
RELACIONADO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
desafios e perspectivas no novo ensino médio**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física Escolar.

Linha de Pesquisa: Educação Física no ensino médio.

Orientador: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos

SÃO CARLOS - SP
2023

Machado, Perla Cristina Frangioti

Desenvolvimento de itinerário formativo relacionado com a Educação Física escolar: desafios e perspectivas no Novo Ensino Médio / Perla Cristina Frangioti Machado -- 2023. 115f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Glauco Nunes Souto Ramos
Banca Examinadora: Fábio Ricardo Mizuno Lemos, André Luis Ruggiero Barroso
Bibliografia

1. Educação física escolar. 2. Novo ensino médio. 3. Itinerários formativos. I. Machado, Perla Cristina Frangioti. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Perla Cristina Frangiotti Machado, realizada em 06/03/2023.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos (UFSCar)

Prof. Dr. Fábio Ricardo Mizuno Lemos (IFSP)

Prof. Dr. André Luis Ruggiero Barroso (SME)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional.

**Dedico este trabalho às mulheres da minha
vida: minha mãe (*in memorian*) e minhas filhas
Clara e Heloísa (*in memorian*).**

AGRADECIMENTOS

Não estaria escrevendo esses agradecimentos se não fosse pelo meu mestre, amigo e orientador, professor Dr. Glauco Nunes Souto Ramos, que desde a graduação me incentiva a estudar, acreditando no meu potencial e colaborando com a construção do meu saber e aperfeiçoamento da prática docente.

Agradeço o Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional, o ProEF, por proporcionar a tantos professores do “chão da escola” a oportunidade de qualificação profissional.

Agradeço os membros da banca, Prof. Dr. André Luis Ruggiero Barroso e Prof. Dr. Fábio Ricardo Mizuno Lemos, por gentilmente terem colaborado com a construção desse trabalho.

Agradeço a todos os meus professores, da tenra infância até agora, cada um deixou sua contribuição em minha formação pessoal e profissional.

Agradeço aos meus alunos e ex-alunos, que nesses dezessete anos – atuando como professora da escola pública – me ensinaram como ser uma professora e uma pessoa melhor.

Agradeço os meus colegas de ProEF (UFSCar – Unesp) por me mostrarem que não estou sozinha, que somos muitos buscando e desenvolvendo uma Educação Física Escolar de qualidade. Sou grata aos colegas dos grupos de estudo: NEPATEC e FOCUS, pela troca de experiências e pelo aprendizado.

Agradeço às minhas queridas amigas (do ProEF para a vida), Rafaela e Karina, juntas formamos “as meninas superpoderosas”.

Agradeço à minha amiga Catiana, por sempre dividir comigo os momentos de tristeza e alegria.

Agradeço a todos e todas do Grupo Transformação, pois vocês tornam a minha jornada nesta Terra mais especial.

Agradeço os meus amigos(as) e familiares, que deixam meus dias mais leves.

Agradeço à minha mãe (*in memorian*), que tanto se orgulhava de ter uma filha professora. E ao meu pai (*in memorian*), que por todos os desafios, me tornou uma pessoa mais forte.

Agradeço aos meus irmãos, Patrícia e Ricardo, meus cunhados Júnior e Marília, minha sobrinha Bruna, por serem sempre meu porto seguro. E ao Gustavo, “agregado” do coração. Amo vocês!

Agradeço à minha família de coração: Irma, Waldo, Juliana, gratidão por “adotarem”, com muito amor, a mim e à minha família.

Por fim, sou especialmente e infinitamente grata ao meu esposo e minhas filhas. Matheus, por compreender a paixão que tenho em ser professora, sempre me apoiando. Clara e Heloísa (*in memoriam*), por me ensinarem, todos os dias a ser uma pessoa melhor. Amo vocês.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

RESUMO

A lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e ficou conhecida como “Novo Ensino Médio”. Além de mudanças na estrutura e grade horária, flexibilizou o currículo, inserindo os itinerários formativos. As escolas públicas estaduais de São Paulo iniciaram a implementação no ano de 2021, em plena pandemia do covid-19. Tem havido falta de orientação e de clareza por parte da Secretaria Estadual de Educação e das escolas de como os professores devem trabalhar e desenvolver, especialmente, os itinerários formativos. Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar os processos de ensino na Educação Física desenvolvidos nas aulas de atuação da professora-pesquisadora no Novo Ensino Médio, inseridas nos itinerários formativos da área de Linguagens e suas Tecnologias. Do ponto de vista metodológico, o estudo se caracteriza enquanto qualitativo, através da pesquisa de intervenção pedagógica, realizada no 1º semestre letivo de 2022, com estudantes das 2ª séries do Novo Ensino Médio matriculados no itinerário formativo “#SeLiganaMidia”, Componente 3: Jornalismo e inclusão nos esportes: práticas e experimentações. A coleta de dados foi realizada por meio dos diários de aulas elaborados pela professora-pesquisadora. A análise dos dados se deu através da elaboração de categorias a partir de leituras e identificações de aspectos centrais para a pesquisa dos relatórios elaborados, a saber: *Engajamento e impressões da docente durante o processo de desenvolvimento do Itinerário Formativo*, a qual apresentou as angústias e incertezas da professora-pesquisadora durante as aulas do IF; *Estruturação e desenvolvimento do Itinerário Formativo a partir do MAPPA*, indicou como a professora-pesquisadora utilizou e adaptou o material disponibilizado pela Secretaria da Educação de SP e; *Aspectos positivos e negativos do Novo Ensino Médio e do Itinerário Formativo*, abordou as reflexões da professora-pesquisadora sobre o NEM de maneira geral e, especificamente, o NEM na rede pública do estado de SP. As considerações finais apontaram que o NEM apresenta diversos problemas, desde estruturais até socioeducacionais, com mais pontos negativos do que positivos. Além do mais, o estado de São Paulo, ao iniciar a implementação do NEM antes do prazo final definido pelo MEC, gerou muitas dúvidas e inseguranças tanto nos alunos como nos professores, principalmente com relação aos IF.

Palavras-chave: Educação física escolar; novo ensino médio; itinerários formativos.

ABSTRACT

The law 13.415/2017 changed the so called “Law of Directives and Bases of National Education” (Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB) and is known as “New High School” (NEM). It promoted changes in its structure and timetable, flexibilized the curriculum, and added the Itinerários Formativos - *IF* (track of specialization). In 2021, during the Covid-19 pandemic, the public schools of São Paulo State started its implementation. Both the State Department of Education and the schools are not informing clearly about how teachers should work in it, especially regarding/concerning *IFs*. Therefore, the objective of this research is to analyze the Physical Education teaching processes during the classes of a teacher-researcher under the new guidelines of the *IF* “Languages and Their Technologies”. The methodology was based on a qualitative analysis, through pedagogical intervention. It was conducted in the first half of 2022, with second year students of the NEM, enrolled in the #SeLigaNaMidia division, component 3: “Journalism and Inclusion in Sports: Practices and Experimentation”. The data collection source was the classroom diaries written by the teacher-researcher. The data analysis was held through the elaboration of categories, as follows: Engagement and impressions of the researcher during the process; Structuring and development of the support material (MAPPAs); Strengths and weaknesses of the *NEM* and the *IF*. The study pointed out that the *NEM* presents several problems, from structural to socio-educational, with more weaknesses than strengths. Moreover, the state of São Paulo, when beginning the implementation of the NEM, before the deadline set by the Ministry of Education, generated many doubts and insecurities both among students and teachers, especially regarding the *IFs*.

Key-words: School Physical Education, Itinerários formativos, New High School.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 APRESENTAÇÃO | 12 |
| 2 INTRODUÇÃO | 14 |
| 2.1 OBJETIVO | 16 |
| 2.2 PRODUTO EDUCACIONAL..... | 17 |
| 3 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR | 18 |
| 3.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR | 18 |
| 3.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO | 22 |
| 3.2.1 Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM), PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais e a Educação Física..... | 23 |
| 3.2.2 Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) e a Educação Física..... | 27 |
| 3.2.3 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – Ensino Médio | 29 |
| 3.3 O NOVO ENSINO MÉDIO (NEM)..... | 32 |
| 3.4 O CURRÍCULO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO..... | 37 |
| 3.4.1 Currículo Paulista..... | 38 |
| 3.4.2 Material de Apoio ao Planejamento e Práticas do Aprofundamento (MAPPA)..... | 41 |
| 3.4.2.1 #SeLigaNaMídia e o Componente 3 - Jornalismo e inclusão nos esportes: práticas e experimentações (JIE) | 43 |
| 3.5 POLÍTICA EDUCACIONAL..... | 45 |
| 4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA | 51 |
| 5 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS | 56 |
| 5.1 Engajamento e impressões da docente durante o processo de desenvolvimento do Itinerário Formativo..... | 57 |
| 5.2 Estruturação e desenvolvimento do Itinerário Formativo a partir do MAPPA..... | 61 |
| 5.3 Aspectos positivos e negativos do Novo Ensino Médio e do Itinerário Formativo..... | 66 |

| | |
|---|------------|
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 76 |
| REFERÊNCIAS | 78 |
| APÊNDICES | 88 |
| APÊNDICE A – termo de assentimento livre e esclarecido para responsável..... | 88 |
| APÊNDICE B – termo de assentimento livre e esclarecido..... | 90 |
| APÊNDICE C – diário de bordo da professora do período anterior ao início da pesquisa | 92 |
| APÊNDICE D - diários de aula da professora-pesquisadora..... | 96 |
| ANEXO..... | 115 |
| ANEXO A – parecer consubstanciado do cep..... | 115 |

1 APRESENTAÇÃO

Sou professora efetiva da rede pública estadual de São Paulo desde 2006. Cursei Educação Física (licenciatura plena) na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), turma 2001 e, com isso, a escola começou a ser uma opção de um futuro trabalho.

Em meu trabalho de conclusão de curso (TCC), abordei um tema relacionado à educação. A Educação Física escolar estava no processo de transição de um componente que só tinha o “fazer prático” para um que possuía também os conceitos, um “saber sobre”, sendo assim, abordei o papel do livro didático na disciplina. O TCC intitulado “O livro didático na Educação Física escolar” (FRANGIOTI, 2004) foi orientado pelo professor Glauco Nunes Souto Ramos.

Em 2005, ingressei na primeira turma de Pós-graduação *lato sensu* em Educação Física Escolar da UFSCar. Neste mesmo ano, fui aprovada no concurso para professora da rede pública estadual de São Paulo, sendo efetivada em 13/02/2006. Ali deu-se início à minha carreira como professora de Educação Física Escolar, em uma escola de anos iniciais do Ensino Fundamental, na cidade de Matão, onde atuei por oito anos. Gostava de trabalhar com essa idade, mas sentia que faltava alguma coisa, muitas situações relacionadas à faixa etária das crianças me aborreciam; apesar de lidar bem com elas, ficava desconfortável.

Em 2013, solicitei remoção para a minha cidade, Araraquara, e consegui transferência para uma escola de Ensino Médio. Sinceramente, acreditava que teria muitos problemas com os alunos, um preconceito pelo desconhecido. Essa minha postura corrobora com Dayrell (2003), quando cita que, em nosso dia a dia, nos deparamos com uma série de estereótipos relacionados à juventude que interferem no modo como compreendemos os jovens, além de nos alertar sobre a necessidade de refletirmos sobre estas imagens:

[...] pois, quando arraigados nesses “modelos” socialmente construídos, corremos o risco de analisar os jovens de forma negativa, enfatizando as características que lhes faltariam para corresponder a um determinado modelo de “ser jovem”. Dessa forma, não conseguimos apreender os modos pelos quais os jovens, principalmente se forem das camadas populares, constroem as suas experiências (p. 2).

Sendo assim, ao iniciar meu trabalho com eles, surpreendi-me e amei a experiência com os jovens! Embora a quadra tenha sido interdita, prejudicando as aulas durante um longo período, o que foi um grande desafio, consegui desenvolver um bom

trabalho. Fiquei nessa situação por quase dois anos, até que a direção liberou o espaço do pátio para as aulas. Apesar dessa situação, criei muitos vínculos com meus alunos.

Na mesma escola, a partir do segundo ano, iniciei aulas com os Anos Finais do Ensino Fundamental. Paralelamente, por seis meses, fui professora da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma outra escola da rede.

Em 2021, ingressei no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física Escolar (ProEF), tendo a UFSCar como meu polo. Além disso, comecei a ministrar aulas na escola particular. Com isso, voltei a atuar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, iniciei minha atuação na Educação Infantil e encerrei outras atividades paralelas, me dedicando somente às escolas, que é onde realmente gosto de estar.

Enfim, após ter trabalhado em todos os ciclos da Educação Básica, posso afirmar que gosto muito mais de ministrar aulas para o Ensino Médio. E, justamente por isso, me preocupa muito qual será a situação da Educação Física neste “Novo Ensino Médio” (NEM), oficialmente lançado pelo governo do estado de São Paulo, em 2021 (SÃO PAULO, [2020?]a).

Krawczyk (2011) aponta que o “[...] ensino médio é o nível de ensino que provoca os debates mais controversos, seja pelos persistentes problemas do acesso e da permanência, seja pela qualidade da educação oferecida, ou, ainda, pela discussão sobre a sua identidade” (p. 3).

Além desses constantes desafios citados por Krawczyk (2011), acredito que o NEM trará mais dificuldades, principalmente neste período conturbado de sua implementação no Estado de São Paulo, e como buscaremos tratar ao longo deste trabalho. Por exemplo, em dezembro de 2021, houve a atribuição de aulas para o ano letivo de 2022. Ao conversar com os dirigentes da escola na qual trabalho, ambos me desencorajaram a ministrar aulas no Itinerário Formativo, pois eles mesmos tinham dúvidas de como seria. Além disso, em nenhum momento foi informado a mim que haveria aulas do componente curricular Educação Física nos segundos anos do Ensino Médio, em período contraturno, na chamada “expansão do Ensino Médio”.

Com isso, após ter me apresentado, sigo brevemente com a introdução deste trabalho. Aproveito também para explicar que o texto será escrito tanto em primeira pessoa do singular, abordando a minha trajetória como professora-pesquisadora, como na primeira pessoa do plural, relatando o trabalho junto ao meu professor orientador.

2 INTRODUÇÃO

A alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação efetuada em 2017, através da Lei nº 13.415/2017 (BRASIL, 2017a), ficou conhecida como “Novo Ensino Médio” (NEM). Ela modificou a estrutura, ampliou a carga horária mínima do discente na escola de 800 horas para 1.000 horas e, além disso, reorganizou e flexibilizou o currículo, contemplando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e oferecendo itinerários formativos, desenvolvendo as áreas do conhecimento e a formação técnica. Segundo o site do Ministério da Educação, esta mudança tem como objetivo: “[...] garantir a oferta de educação de qualidade a todos os jovens brasileiros e de aproximar as escolas à realidade dos estudantes de hoje, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade” (BRASIL, [2017?]b).

Segundo Brasil ([2017?]b), Itinerários Formativos são:

[...] o conjunto de disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras situações de trabalho, que os estudantes poderão escolher no ensino médio. Os itinerários formativos podem se aprofundar nos conhecimentos de uma área do conhecimento (Matemáticas e suas Tecnologias, Linguagens e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) e da formação técnica e profissional (FTP) ou mesmo nos conhecimentos de duas ou mais áreas e da FTP (n.p.).

Uma questão importante a salientar é que as redes de ensino terão autonomia para definir quais os itinerários formativos irão ofertar, considerando um processo que envolva a participação de toda a comunidade escolar (BRASIL, [2017?]b).

Segundo o Documento Orientador para Implementação do Novo Ensino Médio da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, [2020?]b), este modelo garante o “[...] desenvolvimento das competências gerais e específicas de todos os componentes curriculares organizados por área de conhecimento, com aprofundamento e ampliação as aprendizagens relacionadas às competências gerais” (p. 5).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta a divisão de áreas, informando onde cada componente curricular está inserido. A Educação Física integra a área de Linguagens e suas Tecnologias, juntamente com Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Arte (BRASIL, 2018a).

A implementação do Novo Ensino Médio na rede pública estadual de São Paulo se deu em 2021, ano acometido pela pandemia de covid-19, sendo o ensino, em sua maioria, mediado por tecnologia devido à necessidade de isolamento social.

Apesar de a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC) ofertar algumas formações, principalmente através das pautas do Centro de Mídias de São Paulo (CMSP) para professores, gestores e alunos, sobre o NEM, a incerteza e as dúvidas continuaram grandes, de minha parte e entre meus pares, que lecionam em outras escolas, inclusive de outras cidades. O questionamento central é o mesmo: como tudo irá funcionar? Ninguém sabe dizer ao certo, são sempre especulações, apesar de haver a Resolução SEDUC 97 de 08 de outubro de 2021 que informa:

II — Para a 2ª série do Ensino Médio, 42 (quarenta e duas) aulas semanais, sendo 35 (trinta e cinco) aulas presenciais e 7 (sete) aulas na carga horária de expansão, totalizando 1.680 (mil seiscentos e oitenta) aulas anuais correspondentes a 1.260 (mil duzentos e sessenta) horas anuais, a serem oferecidas na seguinte conformidade:

- a) 20 (vinte) aulas da Formação Geral Básica oferecidas de forma presencial no (?)
- b) 02 (duas) aulas de Projeto de Vida, 1 (uma) aula de Tecnologia e Inovação, 02 (duas) aulas de Língua Inglesa e 10 (dez) aulas de aprofundamento curricular oferecidas de forma presencial no turno.
- c) 02 (duas) aulas do componente curricular de Educação Física que compõem a carga horária do Itinerário Formativo serão oferecidas de forma presencial no contraturno ou aos sábados ou pelo CMSP.
- d) 3 (três) aulas de Orientação de Estudos e 2 (duas) aulas de Eletivas 2, que compõem a carga horária do Itinerário Formativo serão oferecidas no contraturno presencial ou pelo CMSP (SÃO PAULO, 2021a, p. 2, grifo nosso).

A Resolução nomeia a Educação Física como: “Educação Física que compõe o itinerário formativo”, com isso, fico na dúvida sobre qual é o meu lugar como professora de Educação Física: o que eu farei dentro do Itinerário Formativo da área de linguagens escolhido pela minha escola? Se a ideia deste novo modelo é diluir os componentes curriculares dentro dos itinerários, por que a Educação Física se encontra separada e em contraturno? Ainda, como será esta Educação Física fornecida aos sábados pelo Centro de Mídias de São Paulo (CMSP)?

Para levantar uma das possíveis problemáticas deste modelo de aula assíncrona, mediado pelo CMSP, cito o trabalho desenvolvido por Machado e Ramos (2021). Os autores realizaram uma pesquisa sobre a quantidade de aulas de Educação Física oferecidas pelo Centro de Mídias de São Paulo entre os anos letivos de 2020 e 2021 e o resultado apresentado é que há, proporcionalmente, menos aulas desse componente curricular comparado a qualquer outro que possua duas aulas semanais na grade de horários. Portanto, será que haverá uma frequência adequada de aulas inéditas? Os alunos irão acessá-las? Essas e outras indagações me afligem: eu não deveria desenvolver os objetos de estudo da Educação Física pensando nesta nova perspectiva, deste novo modelo? Como que o professor de

Educação Física responsável por estas aulas “regulares” deverá planejá-las? O que o Estado e a própria escola esperam de nós?

Lopes (2019) comenta que a reforma do Ensino Médio ocorreu de maneira impositiva, inserida em uma lógica autoritária, sem debates nas comunidades disciplinares que se “[...] viram excluídas da reforma – notadamente Sociologia, Filosofia, Artes e Educação Física” (p. 70). Além disso, a autora reforça que essa mudança pode “[...] tanto não quebrar, como pretendido, a lógica disciplinar do nível médio de ensino, como pode produzir maior insegurança e sensação de fracasso entre os docentes” (p. 71, grifo nosso).

O itinerário formativo que foi oferecido em minha escola é: “LGG1: #SeLiganaMídia”, sendo a primeira Unidade Curricular: “Tá na mídia, tá no mundo!”, conforme quadro a seguir:

Figura 1 – Aprofundamento Curricular – Área de Linguagens e suas tecnologias (LGG) – LGG1 – #SeLiganaMídia

| APROFUNDAMENTO CURRICULAR ÁREA DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS | | | | |
|--|--|--------------------------------------|-------------|-------------|
| APROFUNDAMENTO CURRICULAR – Área de Linguagens e suas tecnologias (LGG) | | | | |
| LGG1 – #SeLiganaMídia | | | | |
| UNIDADE CURRICULAR 1 – TÁ NA MÍDIA, TÁ NO MUNDO! | | | | |
| | COMPONENTES CURRICULARES | AULAS SEMANAIS | TOTAL AULAS | TOTAL HORAS |
| Unidade Curricular UC1LGG1 – “TÁ NA MÍDIA, TÁ NO MUNDO!” | Laboratório de produção jornalística | 2 | 40 | 30 |
| | Observatório da imprensa internacional | 2 | 40 | 30 |
| | Jornalismo e inclusão nos esportes: práticas experimentais | 3 | 60 | 45 |
| | Criação & comunicação publicitária | 3 | 60 | 45 |
| TOTAL DE AULAS SEMANAIS DA UNIDADE CURRICULAR | | 10 | | |
| TOTAL GERAL DE AULAS | | | 200 | |
| TOTAL GERAL DE HORAS | | | | 150 |
| OBSERVAÇÃO: As aulas dos componentes que compõem a carga horária da Unidade Curricular devem ser atribuídas aos professores preferencialmente com habilitação prioritária, senão aos professores com habilitação/qualificação alternativa, conforme segue: | | | | |
| COMPONENTE | HABILITAÇÃO PRIORITÁRIA | HABILITAÇÃO/QUALIFICAÇÃO ALTERNATIVA | | |
| Laboratório de produção jornalística | Língua Portuguesa | Língua Inglesa ou Arte | | |
| Observatório da imprensa internacional | Língua Inglesa | Língua Portuguesa ou Arte | | |
| Jornalismo e inclusão nos esportes: práticas experimentais | Educação Física | não há outra habilitação | | |
| Criação & comunicação publicitária | Arte | Língua Portuguesa ou Língua Inglesa | | |

Fonte: São Paulo ([2021?])b, n.p.).

A partir de nossas inquietações, apresentamos a seguir o objetivo do nosso trabalho.

2.1 OBJETIVO

Analisar os processos de ensino na Educação Física desenvolvidos nas aulas de atuação da professora-pesquisadora no Novo Ensino Médio, inseridas nos itinerários formativos da área de Linguagens e suas Tecnologias: “#SeLiganaMídia”.

2.2 *PRODUTO EDUCACIONAL*

Esta nova regulamentação do Ensino Médio no Brasil traz muitas inseguranças e incertezas, diante disso, acredito ser pertinente a elaboração de um produto educacional da categoria cursos (BATALHA, 2019).

Segundo Batalha (2019), “[...] a categorização em CURSOS foi dada para aqueles produtos que traziam nas suas descrições aspectos como formação, desenvolvimento de atividades, metodologias, capacitação” (p.16). A autora comenta ainda que, diante do cenário nacional, considerando a necessidade de formação continuada dos docentes, a “[...] produção de Produtos Educacionais que se configuram como instrumentos que contribuam para a formação continuada é extremamente relevante e fundamental para o trabalho docente” (p. 17).

Por fim, pretendo que o curso seja disponibilizado na plataforma Portal de Cursos Abertos (PoCA), oferecido pela Universidade Federal de São Carlos. Segundo o site da plataforma, “[...] alunos da pós-graduação da UFSCar ou de outras IES podem propor cursos no PoCA, desde que o curso seja elaborado em parceria com um docente ou técnico-administrativo vinculado a uma IES” (PROPOSTAS, [2018], n.p.).

3 A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação Física na escola passou – e ainda passa – por diversas transformações ao longo dos anos, desde mudanças baseadas em leis até alterações na concepção e objetivos deste componente curricular. Darido (2005) comenta: “Os conteúdos escolares não existiam na sua forma atual, eles têm um caráter histórico, eles vão sendo elaborados e re-elaborados conforme as necessidades de cada época e dos interesses sociais vigentes” (p. 69). A autora complementa: “No Brasil, a Educação Física na escola recebeu influências da área médica com ênfase nos discursos pautados na higiene, saúde e eugenia, dos interesses militares e do nacionalismo” (p. 69).

Nos 17 anos em que atuo na Educação Física Escolar, entendo que as mudanças, de um modo geral, geram muitas dificuldades, desde não conseguir trabalhar integrada a meus pares, devido às divergências de concepções e entendimentos sobre o papel deste componente, além de desafios com comunidade e gestão escolar. Por outro lado, é por meio delas que podemos conseguir melhorar a área e a nossa intervenção pedagógica nas escolas.

Com isso, para que o leitor entenda esta trajetória da Educação Física na Educação Básica como um todo, mas com um recorte especial para o Ensino Médio, apresentaremos uma breve história da Educação Física abordando suas leis e documentos orientadores a partir das diversas Leis de Diretrizes e Bases (LDB), bem como suas concepções pedagógicas.

3.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação Física Escolar passou por diversas mudanças na legislação da educação básica brasileira, ao longo das últimas décadas, até tornar-se componente curricular. Impolcetto e Darido (2020) apresentam os aspectos legais da Educação Física como componente curricular da Educação Básica:

- LDB de 1961 e de 1971: na primeira, a prática da Educação Física se tornou obrigatória nos cursos primários e médio aos alunos com até 18 anos. Já na alteração realizada em 1971, tornou-se obrigatória em todos os níveis de ensino, entretanto inseriu facultatividade em alguns casos como: alunos fisicamente incapacitados, que trabalhassem mais de seis (6) horas por dia e estudassem à noite, entre outros.

- LDB de 1996: extinguiu o decreto anterior e, por meio da Lei nº 9.394/1996, tornou a Educação Física componente curricular da Educação Básica, sendo facultativo no Ensino Superior.

- Lei nº. 10.328/2001:

Em 2001 foi alterado o texto do artigo 26 em seu parágrafo 3º incluindo o termo obrigatório à frente da expressão componente curricular, o que reforçou a exigência legal da Educação Física na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e Ensino Médio (IMPOLCETTO; DARIDO, 2020, p. 18).

- Lei nº 10.793/2003: traz questionamentos sobre se houve avanço ou retrocesso na área, pois especifica que sua prática seria facultativa em alguns casos, como mulheres com prole, entre outros. O termo “prática” é muitas vezes interpretado como o próprio componente curricular da Educação Física e não somente em atividades práticas propostas nas aulas.

Segundo Darido (2020), a transição de atividade para componente curricular traz grandes desafios à Educação Física Escolar, inclusive: “[...] a difícil missão de superar a caricatura de ser uma simples hora de lazer ou mera oportunidade de fazer atividade física, para constituir-se em um componente curricular que tematiza a cultura corporal de movimento” (p. 30).

Bracht (2010) aponta que, após se tornar componente curricular, houve uma “desnaturalização” do que era considerado objeto da Educação Física, advindo de uma visão apenas biológica do ser humano.

Isso quer dizer que o corpo não mais é entendido somente como uma dimensão da natureza (em nós) e sim, principalmente, como uma construção cultural, portanto, simbólica. O corpo e suas práticas expressam a sociedade na qual estão inseridos, ou seja, são construções históricas, assim como, no extremo, a própria noção de natureza é uma construção histórica. Nesse entendimento, as diferentes práticas corporais (ou atividades físicas, como eram chamadas) foram construídas pelo homem em determinado contexto histórico-cultural e com sentidos próprios. Promove-se, então, uma “culturalização” do objeto/conteúdo da Educação Física. Assim vão ser cunhadas as expressões cultura corporal, cultura de movimento e cultura corporal de movimento para expressar o objeto/conteúdo de ensino da Educação Física (p. 2).

Além dessa transição legislativa, a Educação Física Escolar está presente em outros documentos que orientam a Educação Básica no país, tais como as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Importante ressaltar que esses não são currículos,

mas propostas curriculares. Um diferencial relevante entre eles é que os dois primeiros não eram de uso obrigatório, ou seja, ficava a critério das instituições seguir suas orientações ou não. Já a BNCC surge com o intuito de servir como base e ser obrigatória para a elaboração dos currículos dos diversos componentes curriculares, nos estados e municípios do Brasil – entre eles, o Currículo Paulista (SÃO PAULO, 2019a).

Os PCN foram elaborados após a participação do Brasil em alguns eventos internacionais, como a Conferência Mundial de Educação Para Todos, em 1990, em Jomtien (Tailândia) e para atender compromissos nacionais, tais como citados na Emenda Constitucional nº 14, de 12 de setembro de 1996 e na Lei Federal nº 9394 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), ambas fomentando a responsabilização dos governos e poderes públicos no tocante à garantia de qualidade e financiamentos da Educação Básica (BRASIL, 1997).

Segundo Galian (2014), os PCN

[...] constituem uma das formas de expressão do papel do Estado na busca por coesão e ordem, atuando no sentido de atingir a uniformização do currículo nacional, pela definição de um conteúdo mínimo a ser transmitido na escola básica, o que tem sido uma busca recorrente na história das políticas públicas de educação no Brasil (p. 651).

Segundo Darido e colaboradores (2001), esse documento foi elaborado por um grupo de pesquisadores e professores, inspirado no modelo educacional espanhol.

Em 1997, foram lançados os documentos referentes aos 1o. e 2o. ciclos (1a. a 4a. séries do Ensino Fundamental) e no ano de 1998 os relativos aos 3o. e 4o. ciclos (5a. a 8a. séries), incluindo um documento específico para a área da Educação Física [...]. Em 1999, foram publicados os PCNs do Ensino Médio por uma equipe diferente daquela que compôs a do Ensino Fundamental, e a supervisão ficou sob a responsabilidade da Secretaria de Ensino Médio, do Ministério da Educação e do Desporto [...] (DARIDO e col., 2001, p. 18, grifo nosso).

Já os PCN do Ensino Médio (PCNEM) apontam a necessidade do desenvolvimento de conteúdos e ações que promovam a formação de cidadãos críticos: “O aluno do Ensino Médio, após, ao menos, onze anos de escolarização, deve possuir sólidos conhecimentos sobre aquela que denominamos cultura corporal” (BRASIL, 2000a, p. 37). Também fazem uma discussão sobre o histórico da Educação Física Escolar e suas dificuldades, tanto legislativa como na formação e atuação dos professores, tais como comentamos anteriormente. Por fim, apresentam competências e habilidades a serem desenvolvidas e percebe-se uma descentralização do esporte e a proposição de mais elementos

das práticas corporais da Educação Física, como: “[...] compreender as diferentes manifestações da cultura corporal, reconhecendo e valorizando as diferenças de desempenho, linguagem e expressão” (BRASIL, 2000a, p. 43). Em uma nova versão, os PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2002) complementaram o documento anterior, com um olhar voltado para a pluralidade da juventude e com mais informações aos professores.

O documento OCEM teve início em 2004, através de grupos de trabalho que envolviam professores, Secretarias Estaduais e o Ministério da Educação, sendo finalizado em 2006. O documento é separado por áreas do conhecimento, entretanto, possui uma parte para cada componente curricular. A proposta aborda a Educação Física de maneira crítica e reflexiva, enfatizando sua contribuição para a formação do cidadão.

O diálogo das práticas corporais realizadas com outras linguagens, disciplinas e métodos de ensino deve respeitar as práticas corporais como sendo elas mesmas um conjunto de saberes. Os saberes tratados na Educação Física nos remetem justamente a pensar que existe uma variedade de formas de apreender e intervir na realidade social que deve ser valorizada na escola numa perspectiva mais ampliada de formação (BRASIL, 2006, p. 218-219).

Por fim, a BNCC do Ensino Fundamental foi homologada em 2017 e a do Ensino Médio, em 2018. Uma das principais diferenças entre elas é que, nesta última, não há uma divisão por componentes curriculares (com exceção de Língua Portuguesa e Matemática), mas por áreas do conhecimento. Segundo o documento:

Essa organização “não exclui necessariamente as disciplinas, com suas especificidades e saberes próprios historicamente construídos, mas, sim, implica o fortalecimento das relações entre elas e a sua contextualização para apreensão e intervenção na realidade, requerendo trabalho conjugado e cooperativo dos seus professores no planejamento e na execução dos planos de ensino [...]” (BRASIL, [2018]b, p. 469).

A proposta é controversa e possui apoiadores e críticos em todo cenário educacional. Boscatto, Impolcetto e Darido (2016) comentam: “As discussões realizadas em várias instituições sobre o tema e o percurso histórico e legal que vem sendo desenvolvido, demonstram que a BNCC pode ser considerada uma Política de Estado” (p. 99). Concordo com os autores, pois percebo, no dia a dia da escola, o quanto os governos/governantes influenciam na dinâmica do sistema educacional, desde a parte burocrática aos currículos e metodologias de ensino.

Neira (2018a) afirma que a “[...] BNCC retrocede política e pedagogicamente. O fato de ter ressuscitado princípios, taxonomias e tipologias da segunda metade do século XX traz à tona a racionalidade técnica revestida pelo discurso neoliberal” (p. 222).

Já Callai, Becker e Sawitzki (2019) comentam que situar a Educação Física na área de Linguagens no Ensino Fundamental (além do Ensino Médio) é um avanço em relação aos PCN. Além disso, complementam:

As mudanças que a BNCC traz para a Educação Física são avanços em termos de concepções críticas, preocupadas em formar um indivíduo capaz de conhecer e reconhecer a cultura corporal de movimento, além de ter capacidade e autonomia de se posicionar diante dela e refletir perante cada conhecimento e os espaços que são ofertados pela comunidade, além de levar o aluno a observar se tem ou não a oportunidade de vivenciar tal prática fora do contexto escolar (CALLAI; BECKER; SAWITZKI, 2019, p. 14).

Boscatto, Impolcetto e Darido (2016) realizaram um estudo cujo objetivo era “[...] compreender os aspectos histórico-legais que repercutem na elaboração da Base Nacional Comum Curricular” (p. 96) e, após abordarem os documentos legais que instituem o engendramento da BNCC, indicam que ela garante os “[...] ‘conteúdos mínimos’ que devem ser garantidos em todas as unidades de educação básica do país [...]” (p. 100) e indicam que estes “[...] conhecimentos curriculares devem ser complementados por uma parte diversificada no currículo escolar” (p. 101), para que se atenda a diversidade e necessidade dos diversos contextos culturais.

Entre críticos e apoiadores, corroboro com Betti (2018), que afirma: “Não acho que a BNCC-EF deva ser queimada em uma fogueira no meio da rua. A BNCC-EF precisa de **interlocutores críticos**, não detratores levianos de um lado, nem de seguidores fiéis ou aplicadores de outro” (p. 173, grifos do autor).

Com isso, após esse breve relato sobre a história da Educação Física no cenário escolar, seguiremos com informações mais específicas acerca da Educação Física no Ensino Médio.

3.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

Para apresentar o percurso da Educação Física no Ensino Médio, indicaremos cronologicamente a relação da área com os documentos oficiais instituídos a partir da LDB vigente. Neira (2018b) comenta que os “[...] textos que vieram a público nos últimos vinte anos, anunciam, por meio das concepções embutidas, o cidadão ideal para construir ou

consolidar um determinado modelo de sociedade” (p. 17). Além disso, alerta sobre a “[...] raridade de estudos sobre os textos em questão” (p. 16).

Sendo assim, apresentaremos: Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – PCNEM (BRASIL, 2000a), PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2002), Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM (BRASIL, 2006), Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, [2018]b) e Currículo Paulista (SÃO PAULO, 2019a).

3.2.1 Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM), PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais e a Educação Física.

A “Parte I – Bases Legais” dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) apresenta informações sobre a criação do documento. Segundo Brasil (2000b), a primeira proposta foi elaborada pelo então “[...] diretor do Departamento de Desenvolvimento da Educação Média e Tecnológica, professor Ruy Leite Berger Filho, e pela coordenadora do projeto, professora Eny Marisa Maia” (BRASIL, 2000b, p. 8). Houve também a consultoria de especialistas (professores universitários). O objetivo era realizar uma reorganização do currículo em áreas do conhecimento a fim de promover contextualização e interdisciplinaridade. Após debate, o documento foi submetido à apreciação de Secretários de Estado em reuniões do Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED) e outras, organizadas pela Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Além desse, outros debates foram executados até o documento ser aprovado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), em 01 de agosto de 1998 – Parecer nº 15/98 da Câmara de educação Básica (CEB), resultando na elaboração da Resolução que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, Resolução CEB/CNE nº 03/98 e a qual o Parecer se integra (BRASIL, 2000b).

Além da parte burocrática, os PCNEM elencam os objetivos do “novo” Ensino Médio vinculados à contemporaneidade. Para eles, a educação deve cumprir papel econômico, científico e cultural e deve ser estruturada em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser (BRASIL, 2000b).

Por fim, o documento apresenta a LDB e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM).

É na Parte II – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (BRASIL, 2000a) que se encontram as orientações para o desenvolvimento da Educação Física. Inicialmente, o documento aborda características gerais da área, apresentando os seguintes objetivos:

“Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação” (p. 6).

“Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção” (p. 8).

“Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas” (p. 8).

“Respeitar e preservar as diferentes manifestações da linguagem utilizadas por diferentes grupos sociais, em suas esferas de socialização; usufruir do patrimônio nacional e internacional, com suas diferentes visões de mundo; e construir categorias de diferenciação, apreciação e criação” (p. 9).

“Utilizar-se das linguagens como meio de expressão, informação e comunicação em situações intersubjetivas, que exijam graus de distanciamento e reflexão sobre os contextos e estatutos de interlocutores; e saber colocar-se como protagonista no processo de produção/recepção” (p. 10).

“Compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização de mundo e da própria identidade” (p. 10).

“Conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais (p. 11).

“Entender os princípios das tecnologias da comunicação e da informação, associá-las aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte e aos problemas que se propõem a solucionar” (p. 11).

“Entender o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na sua vida, nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social” (p. 12).

E “Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para a sua vida” (p. 12).

Em seguida, apresenta as competências e habilidades da área dividida em três partes: representação e comunicação; investigação e comunicação; e contextualização sociocultural (BRASIL, 2000a). Logo após, seguem as orientações por componente

curricular: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Educação Física, Arte e Conhecimentos de Informática.

O item “Conhecimentos de Educação Física” ressalta a necessidade da formação integral do aluno e de todos eles, não somente dos mais habilidosos. Ele critica a maneira como normalmente a Educação Física era desenvolvida no Ensino Médio, sendo apenas um aprofundamento tático do que foi desenvolvido no Ensino Fundamental. Alerta que esse modelo promovia um descomprometimento do aluno e até uma evasão das aulas.

Neira (2018b) comenta que os PCNEM deixam claro o esgotamento do modelo esportivista hegemônico, entretanto que esta nova concepção contraria o objetivo desta etapa, ou seja, justamente a consolidação dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental. O autor também chama a atenção para a necessidade de renovarmos as aulas, atrelando-as com os novos objetivos apresentados para que a Educação Física contribua com o desenvolvimento integral do estudante, tendo o “[...] entendimento do ser humano, enquanto produtor de cultura” (BRASIL, 2000a, p. 34). Além disso, Neira (2018b) aborda a importância desse componente curricular ser vinculado à proposta pedagógica da escola. Para finalizar, aponta as competências e habilidades a serem desenvolvidas nas aulas de Educação Física.

Neira (2018b) critica esse documento, indicando: “[...]os PCNEM de Educação Física representam um retrocesso ao ressuscitar, mesmo que encobertas pelo discurso da educação para a saúde, as velhas preocupações com a aptidão física” (p. 22). Silva (2003), em análise da última versão do documento, aponta que Neira foi um dos consultores, mas que nele não consta se “[...] a equipe de consultoria organizou conjuntamente o módulo Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, ou se os consultores foram designados para a elaboração da disciplina de sua especialidade” (p. 181).

Apesar de entender os argumentos de Neira (2018b) e de outros autores que criticam os PCNEM, e de ter consciência de seus pontos falhos, acredito que o documento é o início de uma transição da Educação Física Escolar voltada para uma educação integral, especialmente no Ensino Médio, tão carente de atenção pelos sujeitos que são responsáveis pela educação no Brasil.

No ano de 2002, foi lançada uma nova versão: os PCN+: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2002). Segundo Oliveira e colaboradores (2013), “[...] os PCN+ vieram suprir a necessidade dos professores em aprender novas metodologias ou novas maneiras de abordar os conteúdos a partir de análises e reflexões sobre o documento” (p. 6).

Nos PCN+, a parte destinada à Educação Física possui 39 páginas, contra 12 na versão anterior. Comparando as duas, observamos que nos PCNEM a Educação Física é dividida em dois itens: Conhecimentos de Educação Física; e Competências e habilidades a serem desenvolvidas em Educação Física (Gerais da área: Representação e comunicação; Investigação e compreensão; contextualização sociocultural). Já os PCN+ foram escritos pela professora Dra. Suraya Darido, referência na área da Educação Física Escolar, e abordam a Educação Física de maneira mais completa. É composto pelos seguintes itens:

- Introdução: apresenta o material;
- Conceitos, competências e habilidades a serem desenvolvidos: abordam de maneira mais profunda os conceitos e as competências da Educação Física vinculadas aos três eixos estruturantes da área de Linguagens;
 - Sugestões metodológicas: fornece exemplos de como a Educação Física pode ser desenvolvida de maneira crítica, a fim de atingir os objetivos propostos, de modo a repensar as aulas “[...] para além da repetição mecânica dos fundamentos dos esportes mais tradicionais” (BRASIL, 2002, p. 152);
 - A construção do projeto pedagógico da escola: entendo que esta é uma das partes mais inovadoras do material, pois realmente mostra aos professores a necessidade e a importância de a Educação Física integrar-se à proposta pedagógica da escola. Além disso, critica a LDBEN (Art. 26, §3) ao excluir as aulas de Educação Física do período noturno, comenta que, através do planejamento do professor, ele pode propor aulas que considere as características e necessidades dos estudantes deste período, sempre vinculadas ao projeto político-pedagógico da instituição. Outra crítica é relacionada às escolas que possuem a Educação Física no contraturno, gerando mais dificuldades, aumentando o número de alunos afastados das aulas e, por consequência, da cultura corporal. Atualmente, na rede pública do Estado de São Paulo, as aulas de Educação Física do segundo ano estão em contraturno nas escolas regulares e são inexistentes nas de tempo integral. Entendo que esse foi mais um retrocesso que a Educação Física recebeu. Para finalizar, sugerem várias maneiras de trabalhar a Educação Física integrada aos demais componentes curriculares;
 - Avaliação: traz um histórico de como eram feitas as avaliações na perspectiva tradicional ou esportivista e apresenta novas maneiras de avaliar baseadas em cinco questões centrais: por quê, quem, o quê, como e quando avaliar;
 - Sobre a formação do professor: aponta um histórico e características das formações iniciais em cursos superiores e apresenta mudanças de perspectivas, além disso

comenta a importância da formação continuada dos professores, inclusive citando alguns problemas que afetam essa possibilidade, e sugere maneiras metodológicas para se abordar os profissionais;

- Bibliografia: relação de materiais utilizados na construção do texto.

Consideramos os PCN+ um grande ganho à Educação Física Escolar, já que instrumentaliza melhor os docentes, especialmente os que já estavam em atuação para que consigam promover esta mudança de paradigma da área, com mais recursos para torná-la realmente pertencente à escola e mostrando a sua importância na formação integral dos discentes.

Após essa descrição sobre os PCNEM e PCN+, daremos sequência com outro importante documento oficial: as Orientações Curriculares do Ensino Médio.

3.2.2 *Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) e a Educação Física*

Segundo Brasil (2006), as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) foram criadas a partir de “[...] ampla discussão com as equipes técnicas dos Sistemas Estaduais de Educação, professores e alunos da rede pública e representantes da comunidade acadêmica” (p. 5), com o intuito de auxiliar os professores em suas práticas docentes, fomentando o diálogo entre escolas e professores.

O texto apresenta algumas ações que visam melhorar a qualidade do ensino, garantindo condições de acesso e de permanência na escola durante toda a Educação Básica. Entre eles:

- Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb): que redistribui os recursos vinculados à educação, orientados pelo número de alunos da educação básica, atrelados aos números do censo escolar do ano anterior (BRASIL, [2021?]a);
- Programa de Equalização das Oportunidades de Acesso à Educação Básica (Prodeb)¹;
- Programa Nacional do Livro do Ensino Médio (PNLEM): teve início em 2004 e “[...] prevê a universalização de livros didáticos para alunos do ensino médio público

¹ Buscamos informações que definissem o que é este Programa, entretanto não encontramos nenhuma resposta satisfatória, apenas reportagens que comentavam quais estados receberiam esta verba. Entramos em contato com o Fale Conosco do site do Ministério da Educação (MEC) para obter tais informações, entretanto, não obtivemos sucesso.

de todo o país” (BRASIL, [2021?]b, n.p.). O documento também aponta sobre o fim da dualidade entre o Ensino Médio e a educação profissional. Com isso, unindo os anos finais da Educação Básica com o ensino profissionalizante, acreditava-se que haveria um aumento na qualidade nesta etapa de ensino.

As OCEM são organizadas em três volumes: Linguagem, Código e suas Tecnologias (no qual a Educação Física está inserida); Ciência da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; e Ciências Humanas e suas Tecnologias.

Entendemos que houve um avanço desse material se comparado aos PCN+ (BRASIL, 2002), pois além de toda parte crítica, histórica, metodológica e de objetivos que os PCN+ já nos trazem, ele olha para os jovens, sujeitos do ensino médio.

Os alunos que participam e realizam nossas aulas de Educação Física no ensino médio são sujeitos socioculturais. O que isso significa? Inicialmente, significa superarmos uma certa visão estereotipada da noção de “alunos”, buscando dar lhes outro significado. O desafio é buscar entender esses alunos/as na sua condição de jovens, compreendendo-os nas suas diferenças, percebendo-os como sujeitos que se constituem como tal a partir de uma trajetória histórica, por vezes com visões de mundo, valores, sentimentos, emoções, comportamentos, projetos de mundo bastante peculiares (BRASIL, 2006, p. 220).

Outro ponto que consideramos um ganho é que o documento aborda de maneira mais completa as sugestões e seleção de conteúdo, inclusive nos fazendo refletir sobre a política na elaboração de um currículo, como demonstra o trecho abaixo:

Currículo escolar é sempre fruto de escolha e de silenciamentos, ou seja, fruto de uma intenção. É impossível a qualquer escola dar conta da totalidade dos conhecimentos e dos saberes construídos pela humanidade. O tratamento de qualquer saber na escola é um processo de seleção cultural, de um recorte de quais aspectos da cultura trataremos junto com os alunos, o que vai ser explicitado ou não nos nossos processos de formação. Esse processo de escolha/seleção nunca foi simples. É intencional e político e, como tal, é sempre resultado de conflitos e lutas de poder realizados pelos atores dentro e fora da escola. Longe de um simples consenso, currículo é campo de luta: luta por quais saberes, valores e formas de socialização farão parte da vida dos alunos. [...] No caso específico da Educação Física, não são poucos os casos de um currículo escolar que privilegie apenas as práticas corporais de origem européia ou norteamericana, notadamente os esportes. Ao escolher abordar ou não práticas corporais oriundas da cultura afro-brasileira (como a capoeira, os maracatus, etc.), bem como a forma como elas aparecem na escola, aponta-se para um conjunto de escolhas curriculares e políticas de como essas relações são tratadas no meio escolar (BRASIL, 2006, p. 225-226).

Além disso, sugere “temas da comunidade escolar” e “temas da Educação Física”, inclusive apresentando uma divisão de conteúdos parecida com a que teremos a

seguir na Base Nacional Comum Curricular. Por exemplo: Ginástica, Esporte, Jogos, Lutas e Dança.

Para finalizar, o documento faz indicações de fontes de estudo e pesquisa para Educação Física Escolar.

Após as elucidações sobre as OCEM, abordaremos a Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio.

3.2.3 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – Ensino Médio

O documento traz as mesmas informações iniciais contidas nas demais etapas da Educação Básica: “Apresentação”, “Introdução” e “Estrutura da BNCC”. Em seguida, inicia a parte específica sobre o Ensino Médio, a partir do capítulo cinco, discutindo sobre os desafios enfrentados, como defasagens que os estudantes trazem do Ensino Fundamental, evasão escolar, excesso de componentes curriculares e uma “[...] abordagem pedagógica distante das culturas juvenis e do mundo do trabalho” (BRASIL, [2018]b, p. 461).

Dando continuidade, traz o conceito de “juventudes” e múltiplas culturas juvenis, mostrando a importância de a escola proporcionar experiências que acolham as diversas necessidades apresentadas e contextualizadas pelos jovens, proporcionando a formação integral dos estudantes (aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais), fornecendo ferramentas para os que querem seguir nos estudos ou se inserir no mundo do trabalho.

Na sequência, apresenta a principal diferença entre as etapas da educação, que é a alteração da LDB através da Lei nº 13.415/2017, conhecida como “Novo Ensino Médio” (NEM). Cita o Art. 36:

O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber: I – linguagens e suas tecnologias; II – matemática e suas tecnologias; III – ciências da natureza e suas tecnologias; IV – ciências humanas e sociais aplicadas; V – formação técnica e profissional (BRASIL, [2018]b, p. 467).

Justifica a alteração com o discurso da valorização do protagonismo juvenil através da escolha de itinerários formativos, os quais atenderiam aos diversos interesses dos estudantes: “[...] aprofundamento acadêmico e formação técnica profissional” (BRASIL,

[2018]b, p. 467). Além disso, legitima a organização curricular por áreas do conhecimento e não mais por componentes curriculares.

Em conclusão, sinaliza a necessidade dos diversos sistemas de ensino e redes escolares orientarem seus currículos de modo a atender as demandas de suas juventudes locais. Entretanto, reflito até que ponto este protagonismo juvenil e o atendimento às suas necessidades é possível, já que muitos fatores interferem na organização de um currículo e, especialmente, de uma escola. Por exemplo, será que o quadro de professores atende às opções dos alunos? Os alunos terão acesso a escolas próximas às suas residências que atendam suas expectativas? Se não houver, terão subsídios para frequentar outras mais distantes? Enfim, são muitas dúvidas que o tempo e as pesquisas talvez consigam responder.

Após essa primeira apresentação, a BNCC mostra brevemente a organização e estrutura da proposta para o Ensino Médio, por meio das competências gerais e específicas (seguidas das habilidades) às seguintes áreas do conhecimento: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias e; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Em seguida, para encerrar essa parte, adentra ao tema “Currículos: BNCC e itinerários” (BRASIL, [2018]b, p. 471), reforçando a flexibilidade que os sistemas e redes de ensino possuem para elaborar seus currículos com o intuito de atender às necessidades de seus jovens, apontando algumas sugestões de como se desenvolver a articulação entre as áreas do conhecimento (laboratórios, oficinas, clubes, observatórios, incubadoras, núcleos de estudos e núcleos de criação artística).

Neira (2018b) critica o documento, comentando que a questão base é “[...] entender o lugar que a BNCC pretende ocupar no cenário educacional quando, no seu texto introdutório, apresenta as habilidades a serem desenvolvidas como aprendizagens essenciais” (p. 29). Também questiona quem pode ter autoridade de decidir ou não o que as pessoas devem aprender e complementa que:

[...] a amputação dos conhecimentos da Educação Física e dos demais componentes, aliada à preocupação com saberes instrumentais e com a Reforma do Ensino Médio, leva a crer que está em marcha um projeto de escola voltado a formação de mão de obra de baixa qualificação, mas flexível o suficiente para adaptar-se às funções que exijam competências de complexidade reduzida (NEIRA, 2018b, p. 29).

Oliveira, Almeida Jr e Gariglio (2018) relatam, em nota de rodapé, que o fato da BNCC do Ensino Fundamental ter sido aprovada em 2017, desconectada da BNCC do Ensino Médio, “[...] revela a intenção tácita do governo de desvincular esta etapa da formação

escolar da totalidade da Educação Básica, bem como atacar frontalmente a lógica da formação integral previstas nas Diretrizes Curriculares nacionais do Ensino Médio (DCNEM)” (p. 18). Concordo com os autores, percebo que, em minha experiência de nove anos atuando no Ensino Médio, formar para o mercado de trabalho é o objetivo principal desta etapa da Educação Básica, apesar do discurso nos documentos ser diferente disso.

Por fim, tendo essa visão geral da BNCC do Ensino Médio, daremos sequência à parte específica na qual se encontra a Educação Física, a área de Linguagens e suas Tecnologias.

3.2.3.1 A BNCC e a Educação Física

Não há neste documento, assim como existe na BNCC do Ensino Fundamental, uma parte específica para tratar da Educação Física. Pertencente à área de Linguagens e suas Tecnologias, ela aparece brevemente na descrição inicial. Oliveira, Almeida Jr e Gariglio (2018) afirmam que na “[...] BNCC do Ensino Médio, destaca-se o quase desaparecimento da Educação Física como componente curricular nesta etapa da Educação Básica, assim como todos os demais, exceto Língua Portuguesa e Matemática” (p. 18). Corroboramos com os autores e considero o documento bem raso com relação às informações sobre a Educação Física. Ele somente aponta a necessidade de se aprofundar os conhecimentos sobre a cultura corporal de movimento de maneira crítica: “Nesse sentido, a área contribui para formar sujeitos capazes de usufruir, produzir e transformar a cultura corporal de movimento, tomando e sustentando decisões éticas, conscientes e reflexivas sobre o papel das práticas corporais em seu projeto de vida e na sociedade” (BRASIL, [2018]b, p. 475).

Assim, encerra-se a parte “específica” da Educação Física, sendo abordado, a partir de então, de maneira global com os demais componentes de Linguagens e suas Tecnologias (exceto a Língua Portuguesa).

Dando sequência, apresenta as sete competências específicas da área, discorrendo sobre cada uma delas, incluindo suas habilidades, e focando posteriormente no componente curricular de Língua Portuguesa. É evidente a hierarquização de conteúdos, com o destaque para a Língua Portuguesa, pois em apenas uma competência é possível visualizarmos de forma mais evidente a EF e, mesmo assim, quando descritas as habilidades referentes a esta competência, novamente são realizados apontamentos muito gerais, sem apresentar nenhuma especificidade. Como professora, tenho uma frustração relacionada à superficialidade com a qual a Educação Física é tratada e, pensando em uma formação

continuada, acredito que esse documento não é suficiente para embasar e orientar a nossa prática na escola.

Depois de termos apresentado os documentos orientadores, vamos nos aprofundar sobre o que foi denominado de Novo Ensino Médio.

3.3 O NOVO ENSINO MÉDIO (NEM)

Autores como Oliveira, Almeida Jr e Gariglio (2018) e Gonçalves e colaboradores (2022) comentam que o processo de reforma do Ensino Médio se deu a partir do golpe civil sofrido pela presidente Dilma Rousseff, em 2016, ideia que compactuamos com os autores citados.

O golpichment jurídico-parlamentar-midiático de 2016 contra a presidente Dilma Rouseff representou o início de um processo político com um recuo democrático e com a regressão dos direitos sociais no Brasil, promovendo, assim, desdobramentos infelizes à educação do País. Entre eles, conforme noticiado pelos meios de comunicação, a Medida Provisória (MP) n.º 746, de 2016, assinada pelo Presidente Michel Temer para a reforma do Ensino Médio (GONÇALVES e col., 2022, p. 11).

Oliveira, Almeida Jr e Gariglio (2018) também trazem essa informação e complementam:

No tocante ao campo da Educação Física, também fomos surpreendidos com a possibilidade de supressão deste componente curricular no Ensino Médio, que se materializaria na não obrigatoriedade do mesmo em parte do trajeto formativo dos estudantes, fato que mobilizou um debate significativo em diferentes instâncias e contextos (OLIVEIRA; ALMEIDA JR; GARIGLIO, 2018, p. 18).

Todo esse retrocesso iniciado pelo Projeto de Lei n.º 6840, de 2013, gerou um movimento forte de oposição que incluía movimentos sociais, de entidades profissionais e de grupos de pesquisa, o chamado Movimento em Defesa do Ensino Médio, que tinha como objetivo impedir a aprovação dessas alterações (GONÇALVES e col., 2022). Por fim, esse movimento social conseguiu evitar que a Educação Física, Arte, Sociologia e Filosofia permanecessem na grade curricular. Inclusive, na publicação “Novo Ensino Médio – perguntas e respostas”, publicado no site do Ministério da Educação (MEC), há um item destinado a esclarecer este ponto:

Como ficará a oferta de educação física, arte, sociologia e filosofia? E língua portuguesa e matemática?

A LDB inclui, no ensino médio, obrigatoriamente, estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia (Art. 35-A, § 2º). Já o ensino de língua portuguesa e matemática será obrigatório nos três anos do ensino médio, assegurada às comunidades indígenas, também, a utilização das respectivas línguas maternas (LDB, Art. 35-A, §3º), independente da(s) área(s) de aprofundamento que o estudante escolher em seu itinerário formativo (BRASIL, [2017?] b, n.p.).

Oliveira, Almeida Jr e Gariglio (2018) e Gonçalves e colaboradores (2022) comentam que o Governo Federal justificou a urgência da reforma pela crise e/ou fracasso desta etapa da Educação Básica.

[...] o Ministério da Educação (MEC) faz uso indiscriminado de dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), divulgados em 2016, que trata dos resultados negativos das escolas estaduais – resultados esses persistentes desde 2011 – como indicador de “falência do Ensino Médio” (OLIVEIRA; ALMEIDA JR; GARIGLIO, 2018, p. 19).

Além disso, também acreditamos que “[...] estes dados do IDEB deveriam ser tomados como referências e evidências da necessidade de um amplo debate nacional sobre os rumos do Ensino Médio [...]” (OLIVEIRA e col., 2018, p. 20), a fim de realizar reformas efetivas na melhoria desta etapa da educação.

Estudiosos do campo da educação (MOTTA; FRIGOTTO, 2017; HERNANDES, 2019; CÁSSIO; GOULART, 2022; OLIVEIRA e col., 2018; GONÇALVES e col., 2022) estão problematizando os riscos das mudanças do NEM, apontando retrocessos como concepção dualista, profissionalização e inserção imediata no mercado de trabalho, desvalorização do trabalho docente (contratação de professores com “notório saber” para os itinerários formativos, ausência de definição clara sobre planos de carreira, piso salarial, entre outros), hierarquização de conhecimentos, adoção de Educação a distância (EaD), abertura para o processo de privatização, entre outros. Participando de grupos de estudo e conversando entre os pares, fica claro para nós o quanto essa preocupação é verídica e como já estamos colhendo tristes consequências.

Diante desse quadro de instauração de uma política neoliberal na educação, a lei nº 13.415/2017 fez mudanças na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu-se uma nova estrutura do Ensino Médio. Com isso, a etapa final da Educação Básica passa a ser chamada de “Novo Ensino Médio”.

Neste modelo de ensino, a Educação Física novamente enfrentará alterações. A obrigatoriedade do componente curricular se restringirá ao primeiro ano do Ensino Médio e, nos anos subsequentes, será incorporado aos itinerários formativos, sendo que somente a Língua Portuguesa e Matemática deverão estar presentes nos três anos (BRASIL, [2017?]b).

Bungenstab e Lazzarotti Filho (2017) comentam que “[...] outros liames do texto da lei indicam, de forma subliminar, retrocessos no que tange a presença de uma EF crítica no EM” (p. 21). Os autores se referiam à ascensão do notório saber e o retorno da visão atlética e esportivizante da vida. Para além dessas questões, este novo modelo parece limitar a abrangência de conteúdos relacionados à cultura corporal de movimento, aos objetos de estudo próprios da Educação Física. Um argumento que pode validar a fala desses autores é que, apesar da Educação Física pertencer à Área de Linguagens, o professor de Educação Física está presente em itinerários formativos (da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo) que não são dessa área. Por exemplo:

Figura 2- Aprofundamento curricular – Área de Ciências da Natureza e suas tecnologias (CNT): CNT1 – Ciência em Ação! – UC4- para alunos do 2º ano EM de 2022

| APROFUNDAMENTO CURRICULAR – Área de Ciências da Natureza e suas tecnologias (CNT) | | | | |
|---|---|--------------------------------------|-------------|-------------|
| CNT1 – CIÊNCIA EM AÇÃO! | | | | |
| UNIDADE CURRICULAR 4 – COMUNICAÇÃO, SAÚDE E BEM ESTAR | | | | |
| | COMPONENTES CURRICULARES | AULAS SEMANAIS | TOTAL AULAS | TOTAL HORAS |
| Unidade Curricular UC4CNT1 – “COMUNICAÇÃO, SAÚDE E BEM ESTAR” | Sistemas endócrino e nervoso: respostas e dependência | 3 | 60 | 45 |
| | Interpretando sinais do corpo | 2 | 40 | 30 |
| | Tecnologia e Saúde | 2 | 40 | 30 |
| | Interação de substâncias no organismo | 3 | 60 | 45 |
| | TOTAL DE AULAS SEMANAIS DA UNIDADE CURRICULAR | 10 | | |
| | TOTAL GERAL DE AULAS | | 200 | |
| | TOTAL GERAL DE HORAS | | | 150 |
| OBSERVAÇÃO: As aulas dos componentes que compõem a carga horária da Unidade Curricular devem ser atribuídas aos professores preferencialmente com habilitação prioritária, senão aos professores com habilitação/qualificação alternativa, conforme segue: | | | | |
| COMPONENTE | HABILITAÇÃO PRIORITÁRIA | HABILITAÇÃO/QUALIFICAÇÃO ALTERNATIVA | | |
| Sistemas endócrino e nervoso: respostas e dependência | Biologia | Educação Física | | |
| Interpretando sinais do corpo | Educação Física | não há outra habilitação | | |
| Tecnologia e Saúde | Física | Química | | |
| Interação de substâncias no organismo | Química | Biologia | | |

Fonte: São Paulo ([2021?]b, n.p.).

Figura 3- Aprofundamento curricular – Área de Ciências da Natureza e suas tecnologias (CNT): CNT1 – Ciência em Ação! – UC6 – Para alunos do 3º ano EM de 2023

| MATRIZ 38 | | | | |
|---|--|--------------------------------------|-------------|-------------|
| APROFUNDAMENTO CURRICULAR – Área de Ciências da Natureza e suas tecnologias (CNT) | | | | |
| CNT1 – CIÊNCIA EM AÇÃO! | | | | |
| UNIDADE CURRICULAR 6 – PROJETO ECONOMIA CIRCULAR | | | | |
| | COMPONENTES CURRICULARES | AULAS SEMANAIS | TOTAL AULAS | TOTAL HORAS |
| Unidade Curricular UC6CNT1 – “PROJETO ECONOMIA CIRCULAR” | Cidades sustentáveis | 3 | 60 | 45 |
| | Aventura e Consciência Ecológica | 2 | 40 | 30 |
| | Aprimoramento de Resíduos eletrônicos | 2 | 40 | 30 |
| | Produtos e processos de baixo impacto | 3 | 60 | 45 |
| | TOTAL DE AULAS SEMANAIS DA UNIDADE CURRICULAR | 10 | | |
| | TOTAL GERAL DE AULAS SEMESTRAIS | | 200 | |
| | TOTAL GERAL DE HORAS SEMESTRAIS | | | 150 |
| OBSERVAÇÃO: As aulas dos componentes que compõem a carga horária da Unidade Curricular devem ser atribuídas preferencialmente aos professores com licenciatura indica como prioritária, senão aos professores com licenciatura/habilitação indicada como alternativa, conforme segue: | | | | |
| COMPONENTE | LICENCIATURA PRIORITÁRIA | LICENCIATURA/HABILITAÇÃO ALTERNATIVA | | |
| Cidades sustentáveis | Biologia | Química | | |
| Aventura e Consciência Ecológica | Educação Física | não há outra habilitação | | |
| Aprimoramento de Resíduos eletrônicos | Física | Química | | |
| Produtos e processos de baixo impacto | Química | Química | | |

Fonte: São Paulo ([2023?]).

Se a Educação Física está inserida na área de Linguagens e suas Tecnologias, restamos a dúvida do porquê ela se apresenta em itinerários que não são mistos, ou seja, que não são da área pertinente à Educação Física.

Para orientar a efetivação do NEM, o Governo Federal organizou um cronograma² de ações. O site da instituição apresenta:

- 1) **No ano de 2021:** aprovação e homologação dos referenciais curriculares pelos respectivos Conselhos de Educação e formações continuadas destinadas aos profissionais da educação;
- 2) **No ano de 2022:** implementação dos referenciais curriculares no 1º ano do ensino médio;
- 3) **No ano de 2023:** implementação dos referenciais curriculares nos 1º e 2º anos do ensino médio;
- 4) **No ano de 2024:** implementação dos referenciais curriculares em todos os anos do ensino médio;
- 5) **Nos anos de 2022 a 2024:** monitoramento da implementação dos referenciais curriculares e da formação continuada aos profissionais da educação (BRASIL, 2022, n.p.).

² A Portaria nº 627, de 04 de abril de 2023, suspendeu por 60 dias - contados a partir do final da consulta pública realizada pelo MEC (PORTARIA Nº 399, DE 8 DE MARÇO DE 2023) - os artigos 4º, 5º, 6º e 7º da Portaria nº 521, de 13 de julho de 2021, que tratam, respectivamente, de: implementação nos estabelecimentos de ensino que ofertam o ensino médio dos novos currículos, alinhados à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e aos itinerários formativos; cronograma referente aos materiais e recursos didáticos para o Novo Ensino Médio, via Programa Nacional do Livro Didático (PNLD); alinhamento das matrizes do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) para a etapa; e atualização da matriz de avaliação do Novo Enem.

Entretanto, segundo Freitas e col. (2022), a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEDUC) já vinha desenvolvendo, há dez anos, uma série de medidas que “[...] apontavam para os rumos que a reforma tomaria no estado após a homologação da lei federal 13415/2017” (p. 46). Para os autores, “[...] a atual política federal para esse nível de ensino já vinha sendo experimentada no estado de São Paulo há alguns anos” (FREITAS e col., 2022, p. 46). Além disso, afirmam que essa reforma se iniciou muito antes da promulgação da Lei federal e que ações tomadas pelo governo de São Paulo anteriores a 2017 tiveram ampla participação de setores privados e agilizaram a consumação da reforma no estado (FREITAS e col., 2022). Segundo Jacomini (2022),

O estado de São Paulo foi o primeiro a aprovar um novo currículo para o ensino médio, em julho de 2020, motivo de orgulho para o então secretário da educação Rossieli Soares da Silva, que deixou o cargo no dia 1 de abril de 2022, para concorrer ao cargo de deputado federal pelo PSDB/SP (p. 268).

Uma das mudanças desse currículo que teve a participação das empresas privadas em sua elaboração é o chamado programa “Inova Educação” (SÃO PAULO, 2019b), iniciado no ano letivo de 2020.

O documento, disponível no site da educação de SP, aponta:

Figura 4 - Cronograma da implementação do NEM em SP



Fonte: <http://www.educacao.sp.gov.br/copied/wp-content/uploads/2021/05/Consulta-P%C3%ABblica-Apresenta%C3%A7%C3%A3o-25-05-Materiais-dos-ITs-Novo-Ensino-M%C3%A9dio.pdf>

Importante ressaltar que as “[...] discussões sobre o rumo do Ensino Médio já estavam acontecendo pelo Brasil desde 2013, baseadas no Projeto de Lei n. 6.840-A/2013 que tramitava no Congresso Nacional, e também que “[...] foi a partir das mudanças na conjuntura nacional que culminaram no impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 31 de agosto de 2016, que a reforma tomou corpo [...]” (JACOMINI, 2022, p. 267).

Freitas e colaboradores (2022) afirmam que o estado de São Paulo vem mantendo uma “[...] coerência ideológica e sequência geral, sobretudo no campo da educação, com destaque para a implementação das políticas neoliberais[...]” (p. 55) que, em nosso entendimento, colaboraram com a degradação do sistema educacional e facilitaram este “pioneirismo” do NEM no estado.

Prova disso é que, antecipando o cronograma e em plena pandemia da covid-19, São Paulo iniciou a implementação gradual do Novo Ensino Médio na rede pública estadual: em 2021, para os estudantes da 1ª série; em 2022, para todos os da 2ª série; e em 2023, serão contemplados todos os discentes da 3ª série (SÃO PAULO, [2020?]b).

A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC) elaborou 10 itinerários formativos, sendo que a Área de Linguagens está presente em quatro deles, a saber: Áreas de Ciências Humanas e Linguagens (Cultura em movimento: diferentes formas de narrar a experiência humana), Área de Ciências da Natureza e Linguagens (Corpo, saúde e linguagens), Área de Linguagens e Matemática (Start! Hora do desafio!) e Área de linguagens e suas tecnologias (#SeLiganaMídia).

Dando sequência ao trabalho, discorreremos sobre o Currículo Paulista, foco de meus estudos e de minha atuação profissional.

3.4 O CURRÍCULO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

Os documentos orientadores citados no tópico anterior embasaram a elaboração de currículos pelos diversos estados e municípios do Brasil, como o realizado pelo estado de São Paulo: o chamado “Currículo Paulista” (SÃO PAULO, 2020c). Além disso, na tentativa de auxiliar os professores que lecionariam no NEM das escolas públicas da rede estadual de SP, a SEDUC elaborou materiais de suporte ao professor, como o “Material de Apoio ao Planejamento e Práticas do Aprofundamento” – MAPPA (SÃO PAULO, 2022c). A seguir, abordaremos esses dois materiais.

3.4.1 Currículo Paulista

A primeira etapa do Currículo Paulista, documento elaborado em conjunto com as redes municipais, estaduais e particulares de ensino, contemplou a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, sendo homologado em 01 de agosto de 2019 (SÃO PAULO, 2019a).

Já as discussões para a elaboração do currículo do Ensino Médio que envolveram representantes das “[...] redes estadual, municipais e privadas de ensino, da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, do Centro Paula Souza, das universidades estaduais e de entidades não governamentais” (SÃO PAULO, 2020c, p. 8), ocorreram em 2018 e sua homologação foi datada em 14 de dezembro de 2018. O documento apresenta definições e objetivos a serem desenvolvidos pelos profissionais da educação do estado de SP, visando a formação integral dos alunos. Ele traz dados numéricos sobre os sistemas educacionais de SP, discorre resumidamente sobre o surgimento e os currículos do Ensino Médio na história do país, até chegar na alteração da Lei nº 13.415/2017. Segundo o documento,

Nesse processo, a flexibilização, materializada nos itinerários formativos, apresenta formas de propiciar novas experiências de organização e estrutura do ensino nas escolas, que deverão ser incorporadas nas suas Propostas Pedagógicas e/ou Regimentos Escolares (SÃO PAULO, 2020c, p. 16).

Após consulta pública sobre a primeira versão do Currículo Paulista, a final foi aprovada pelo Conselho Estadual de Educação em 29 de julho de 2020.

Depois desse histórico, o documento apresenta os “fundamentos pedagógicos do Currículo Paulista”, que têm como objetivo o compromisso com a formação integral do aluno (dimensões intelectual, física, emocional e cultural) independente da rede de ensino que frequenta e da jornada que cumpre, através do desenvolvimento de competências e habilidades essenciais elencadas (SÃO PAULO, 2020b). Questiono-me se isso realmente é possível, um currículo oferecer a mesma oportunidade a todos: será que o aluno do período noturno tem garantidas as mesmas qualidades e oportunidades que os discentes dos demais períodos? Pensando sobre a Educação Física, que em sua maioria é inexistente nas aulas da noite, entendo que já haveria uma defasagem de competências e habilidades proporcionadas a esses jovens.

Na sequência, o documento comenta sobre as “juventudes e o Ensino Médio”, abordando a diversidade sócio-histórico-cultural e indicando a necessidade da escola manter uma relação horizontal com eles. Continuando, passa pela “inclusão educacional: atendimento, modalidades e temáticas”, que trata da necessidade de se diminuir as desigualdades e defasagens entre os jovens. Logo após, fala rapidamente sobre a “Educação de Jovens e Adultos – EJA”. Para finalizar esse capítulo, comenta sobre a “transição da etapa do Ensino Fundamental para a etapa do Ensino Médio”, em que aborda a necessidade de se promover ações que os integrem tanto na parte socioemocional como na pedagógica.

Após essa visão geral, inicia a parte específica sobre a “organização curricular do ensino médio”. Sendo a primeira a “formação geral básica” e, na sequência, as áreas do conhecimento, comentando que:

A principal característica da etapa final da Educação Básica é a flexibilização curricular, tendo como objetivo consolidar, aprofundar e ampliar a formação integral do estudante. A finalidade é desenvolver o conjunto de competências e habilidades, propiciando protagonismo ao jovem e maior autonomia e assertividade nas suas escolhas, por meio do desenvolvimento do projeto de vida em consonância com os princípios da justiça da ética e da cidadania (SÃO PAULO, 2020c, p. 46).

Também apresenta as áreas do conhecimento e coloca que o Currículo Paulista possui “competências específicas” para cada uma delas vinculadas às habilidades a serem desenvolvidas, em consonância com a BNCC, durante os três anos e, para finalizar, explica como deve ser feita a leitura alfanumérica dessas habilidades.

Na sequência, aborda especificadamente cada área e seus componentes pertencentes, apontando habilidades, objetos de conhecimento e a articulação entre eles nos seguintes campos: campo da vida pessoal; campo das práticas de estudo e pesquisa; campo jornalístico-midiático; campo de atuação na vida pública; e campo artístico literário.

Sobre a Educação Física estar inserida na área de Linguagens e Tecnologias, o documento traz a seguinte informação:

O componente curricular EDUCAÇÃO FÍSICA está inserido na área de Linguagens e suas Tecnologias, objetivando uma mudança de intencionalidade nas práticas corporais com o foco na apropriação crítica do movimento humano em seus sentidos, significados, símbolos e códigos (SÃO PAULO, 2020c, p. 57).

E reforça a necessidade de garantir-se o desenvolvimento dos aspectos físicos, cognitivo e socioemocionais dos estudantes. Informa que, no Ensino Fundamental, isso se dá através do desenvolvimento das unidades temáticas: Brincadeiras e Jogos; Danças;

Ginásticas; Esportes; Lutas; Práticas Corporais de Aventura e; Corpo, Movimento e Saúde. E que, no Ensino Médio, existe o aprofundamento dessas unidades temáticas. Tais conhecimentos devem ser trabalhados em três dimensões: aprender sobre; aprender a fazer; e aprender a ser e conviver.

Para finalizar essa etapa, o documento apresenta um quadro intitulado “Organizador curricular da área de Linguagens e suas Tecnologias”, que contém os seguintes itens: competências; habilidades; campos de atuação social; e objetos do conhecimento de todos os componentes curriculares da área. Utiliza a mesma estrutura com as demais Áreas do Conhecimento.

A seguir, apresenta o capítulo “Itinerários Formativos” e traz a definição:

Os itinerários formativos são compostos por diferentes arranjos curriculares, um conjunto de unidades curriculares que possibilita ao estudante aprofundar e ampliar as aprendizagens desenvolvidas na formação geral básica, em uma ou mais áreas do conhecimento, permitindo que vivencie experiências educativas associadas à realidade contemporânea e que promova a sua formação pessoal, profissional e cidadã (SÃO PAULO, 2020c, p. 196).

Nesse capítulo, também apresenta os objetivos e os quatro eixos estruturantes (investigação científica; processos criativos; mediação e intervenção sociocultural; e empreendedorismo). Explica que eles podem ter “[...] diferentes arranjos curriculares, estruturados em uma das áreas do conhecimento, na formação técnica e profissional ou, também na mobilização de competências e habilidades de diferentes áreas, compondo os itinerários integrados, conforme os termos da DCNEM” (SÃO PAULO, 2020c, p. 197). Em seguida, explica sobre os códigos alfanuméricos das habilidades relacionadas às competências gerais para os itinerários formativos e segue para a abordagem sobre os Itinerários das áreas do conhecimento, iniciando com Linguagens e suas Tecnologias.

Fornecer informações sobre a área e como desenvolver os eixos estruturantes além do quadro “Organizador curricular do itinerário formativo”, composto por: habilidades relacionadas às competências gerais/eixos estruturantes; habilidades específicas associadas aos eixos estruturantes; e pressupostos metodológicos. Segue o mesmo modelo para os demais itinerários, incluindo a Formação Técnica e Profissional.

Após descrever os Itinerários por área, apresenta da mesma forma os Integrados, ou seja, articulados entre áreas do conhecimento ou entre áreas e a formação técnica profissional. Para finalizar, aponta as referências utilizadas no documento.

Sendo assim, tivemos uma visão geral do Currículo Paulista do Ensino Médio e daremos sequência com informações sobre o “Material de Apoio ao Planejamento e Práticas de Aprofundamento” desenvolvido pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e conhecido como MAPPa.

3.4.2 Material de Apoio ao Planejamento e Práticas do Aprofundamento (MAPPa)

O Material de Apoio ao Planejamento e Práticas do Aprofundamento – MAPPa (SÃO PAULO, 2022a) apresenta o Aprofundamento Curricular: “#SeLigaNaMídia” (Linguagens e suas Tecnologias), Unidade Curricular (UC) 1 “Tá na mídia, tá no mundo”. Ele é composto por:

- Apresentação do MAPPa: oferece aos professores informações sobre o material;
- Apresentação do Aprofundamento: aborda os objetivos do Aprofundamento;
- Apresentação da Unidade Curricular: comenta os objetivos da Unidade Curricular 1;
- Percorso Integrador: apresenta a estrutura de integração dos Componentes, os eixos estruturantes, objetos do conhecimento e as competências e habilidades da formação geral básica que serão aprofundadas;
- Quadro Integrador: demonstra como se interligam as cinco atividades de cada Componente.

Para terminar, aborda separadamente os quatro Componentes que constituem este itinerário formativo. Segue figura demonstrativa:

Figura 5 - Quadro demonstrativo UC1

| UC1 Tá na mídia, tá no mundo! | | | |
|--|-----------------------|----------------|---|
| | Duração | Aulas semanais | Professores que podem ministrar este componente |
| Laboratório de produção jornalística | 20 semanas / 30 horas | 2 aulas | L.P., L. I., L. E. ou Arte |
| Observatório da imprensa internacional | 20 semanas / 30 horas | 2 aulas | L. I., L. E. ou Arte |
| Jornalismo e inclusão nos esportes: práticas e experimentações | 20 semanas / 45 horas | 3 aulas | Educação Física |
| Criação & comunicação publicitária | 20 semanas / 45 horas | 3 aulas | Arte, L.P. ou L. I |

Fonte: elaborada pela autora.

Todos os Componentes são divididos em cinco atividades e, estas, em três partes: Introdução, Desenvolvimento e Sistematização. Cada uma delas possui uma sugestão de quantidades de aulas para serem desenvolvidas. O componente “Jornalismo e inclusão nos esportes: práticas e experimentações (JIE)” possui três aulas na Introdução, seis aulas no Desenvolvimento e, por fim, três aulas na Sistematização, totalizando 12 em cada Atividade.

Analisando a quantidade de semanas sugeridas pelo MAPPA, percebemos que é exatamente a quantidade apresentada no Calendário Escolar. Porém, não considera toda uma logística que é pertinente à escola, por exemplo: na primeira semana de aula, há atividades de acolhimento aos estudantes, em que são desenvolvidas propostas para recebê-los, adaptá-los e integrá-los à escola e ao novo ano (orientação da própria SEDUC), ou seja, não iniciamos os conteúdos dos diversos componentes curriculares e nem dos aprofundamentos; também não observa as pontes de feriados, entre outras coisas. Entendemos que isso já oferece aos professores uma grande insegurança e até uma descrença no material, pois já terão que adaptar as propostas para que “caibam” dentro do seu planejamento.

Outra situação que podemos observar no quadro é que, apesar da Educação Física compor a área de Linguagens, na atribuição dos componentes, o professor só está apto para um deles. Qual seria a razão dessa divisão? Os demais professores podem ministrar todos os outros, com exceção do que pertence à Educação Física.

Provavelmente por ser uma novidade e por estar em processo de implementação, não localizamos artigos acadêmicos que possam aprofundar algum tipo de análise. A seguir, faremos uma breve apresentação de parte do MAPPA do aprofundamento curricular #SeLigaNaMídia, o Componente 3 – Jornalismo e inclusão nos esportes: práticas e experimentações, que foi ministrado pela professora-pesquisadora durante esta pesquisa.

3.4.2.1 #SeLigaNaMídia e o Componente 3 - Jornalismo e inclusão nos esportes: práticas e experimentações (JIE)

O aprofundamento curricular #SeLigaNaMídia pertence à Unidade Curricular (UC), intitulada “Tá na mídia, tá no mundo!” (Linguagens e Suas Tecnologias), e é composto por quatro componentes curriculares: laboratório de produção jornalística; observatório da imprensa internacional; jornalismo e inclusão nos esportes; e criação & comunicação publicitária.

Segundo São Paulo (2022a), essa UC “[...] está centralizada no campo jornalístico midiático. Nesse contexto, a área de Linguagens e suas Tecnologias irá promover investigações, reflexões, debates, análises e (re)produções de conteúdos e mídias encontrados nesse campo” (p. 9).

Gostaríamos de ressaltar o seguinte trecho: “[...] a integração dos componentes é garantida pelo trato pedagógico com práticas de linguagens presentes no campo jornalístico-midiático” (SÃO PAULO, 2022a, p. 9). Em nosso entendimento, essa integração só acontece na teoria, já que o estado, apesar de destinar uma aula por semana (no caso do JIE) sem aluno (chamada Aula de Trabalho Pedagógico Individual – ATPI), para a preparação das atividades, não garantiu momentos de planejamento em conjunto com os demais docentes do itinerário.

Outro ponto interessante é que no JIE só há uma “competência” (Competência 5) e um “eixo estruturante e suas competências e habilidades” (investigação científica), enquanto nos demais componentes há, em média, pelo menos três de cada um deles.

São elas, no JIE:

Competências e Habilidades da Formação Geral Básica a serem aprofundadas:
Competência 5.

EM13LGG501: Selecionar e utilizar movimentos corporais de forma consciente e intencional para interagir socialmente em práticas corporais, de modo a estabelecer relações construtivas, empáticas, éticas e de respeito às diferenças.

Eixos Estruturantes e suas Competências e Habilidades: Investigação Científica.
 EMIFLGG01: Investigar e analisar a organização, o funcionamento e/ou os efeitos de sentido de enunciados e discursos materializados nas diversas línguas e linguagens (imagens estáticas e em movimento; música; linguagens corporais e do movimento, entre outras), situando-os no contexto de um ou mais campos de atuação social e considerando dados e informações disponíveis em diferentes mídias (SÃO PAULO, 2022a, p. 59-60).

Após essas informações gerais, o MAPPA segue com o detalhamento das cinco atividades propostas no componente.

As atividades são divididas em três partes: Introdução, Desenvolvimento e Sistematização. Além disso, em momentos diferentes, aparecem quadros informativos chamados “De olho na Integração”, que apontam com qual componente devemos integrar.

Analisando as propostas das três primeiras Atividades, podemos dizer que possuem a mesma estrutura. Na Introdução, há sempre a pesquisa e/ou retomada de assuntos, no Desenvolvimento encontramos situações mais práticas, com práticas corporais diversas, porém relacionadas a desportos e paradesportos e, finalmente, a Sistematização solicita retomada e produção de algo, normalmente vinculados à escrita (por exemplo: escrita de crônicas e fotorreportagens). Já a Atividade 4 solicita, na Introdução e Desenvolvimento, práticas de modalidades, finalizando com a elaboração e postagem de conteúdo no canal de jornalismo esportivo da turma. Encerrando a UC, a Atividade 5 é voltada para as “[...] possibilidades de atuações dentro do jornalismo esportivo [...]” e “[...] possibilidades secundárias, como blogueiros e influencers (se possível da sua região ou comunidade) que divulgam modalidades ou comentam sobre programas já existentes” (SÃO PAULO, 2022a, p. 75). Com isso, Introdução e Desenvolvimento são voltadas para a realização de um evento esportivo, no qual existe a prática esportiva, entretanto, ela é utilizada como ferramenta para que os discentes possam vivenciar o mundo do jornalismo e, como consequência, produzirem um programa jornalístico no final do semestre.

Para encerrar o MAPPA, ao final da Atividade 5, há um parágrafo sobre avaliação:

No contexto escolar, há a possibilidade de promover diferentes tipos de avaliações. Por isso, ao longo das etapas do desenvolvimento das atividades, avalie os estudantes de modo individual e coletivo e retome as habilidades previstas para o componente, bem como a participação síncrona e assíncrona nas produções previstas, sejam elas práticas ou teóricas. Dialogue a respeito do processo de aprendizagem e dê feedbacks sobre o quanto/como as habilidades foram desenvolvidas. Durante esse processo, é importante que os estudantes tenham a oportunidade de promover autoavaliações relacionadas às várias práticas (SÃO PAULO, 2022a, p. 80).

Acreditamos que o MAPPA, apesar de ser o “[...] guia para a implementação da parte flexível do Currículo do Novo Ensino Médio do Estado de São Paulo: os Aprofundamentos Curriculares” (SÃO PAULO, 2022a, p. 5), não consegue atender de maneira adequada às inquietações e dúvidas dos professores. Além disso, as propostas de atividades parecem fora da realidade escolar, especialmente no retorno as aulas presenciais, após o período mais crítico da pandemia. Ainda, entendemos que, apesar das práticas corporais estarem inseridas em alguns momentos, elas não são suficientes para desenvolver a Competência 5 solicitada, especialmente se os discentes tiverem uma defasagem de aprendizagem relacionada à cultura corporal de movimento. Para nós, as atividades propostas no JIE são focadas em atender, muito mais, a linguagem escrita e midiática.

Desta forma, após termos apresentado esses dois materiais, especialmente no estado de SP, seguiremos para o debate sobre a política educacional, pois acreditamos que estas estão intimamente relacionadas e nos ajudam a compreender todo esse processo.

3.5 POLÍTICA EDUCACIONAL

Mainardes e Marcondes (2009) descrevem o professor Stephen J. Ball (Universidade de Londres) como “[...] um dos mais eminentes pesquisadores da área de política educacional da atualidade” (p. 303). Complementam que seus trabalhos acontecem desde a década de 1980 e oferecem vastos recursos intelectuais que facilitam o entendimento de como as políticas “[...] são produzidas, o que elas pretendem e quais os seus efeitos” (p. 303). Ao iniciar os estudos para minha pesquisa, tive contato com várias obras deste autor. Foi muito interessante perceber que suas atividades aconteciam no Reino Unido e não no Brasil, tão grande eram as similaridades dos relatos com o que vivenciamos aqui. Além disso, fiquei perplexa com relação à atualidade dos trabalhos, mesmo tendo sido escritos há mais de 20 anos, pareciam estar contando o que eu venho presenciando na escola, especialmente nos últimos anos.

Desde o início da década de 1980, Ball vem desenvolvendo pesquisas e publicando livros e artigos sobre temas variados, tais como: teoria da organização escolar, etnografia, micropolítica, mercados educacionais, reformas educacionais, escolha das escolas pelos pais, privatização da educação, performatividade, mudanças discursivas no contexto educacional e escolar, impacto das reformas sobre o trabalho e a identidade dos professores e demais profissionais da educação, redes políticas, entre outros. Esses temas, em geral, são analisados de forma articulada aos conceitos de justiça social, poder, desigualdades sociais, classes sociais e discurso. Os trabalhos de Ball possuem, em geral, uma perspectiva desconstrucionista e as análises usualmente são críticas e fortemente articuladas ao contexto macrossocial.

Sua obra é fundamentada teoricamente em uma concepção pluralista, caracterizando-se pelo uso de diferentes conceitos e teorias que, em seu conjunto, resultam em análises coerentes e consistentes. Em virtude desta perspectiva pluralista, Ball utiliza contribuições de autores como Foucault, Bourdieu, Bernstein, Weber, entre outros (MAINARDES; MARCONDES, 2009, p. 303-304).

Sendo assim, ao investigarmos em nossa pesquisa as questões relativas ao Novo Ensino Médio, acreditamos ser pertinente vinculá-la às questões da Política Educacional. Ball comenta, em entrevista, que as Políticas, especialmente as educacionais, são “[...] pensadas e em seguida escritas com relação às melhores escolas possíveis (sala de aula, universidades, faculdades), com pouco reconhecimento de variações de contexto, em recursos ou em capacidades locais” (MAINARDES; MARCONDES, 2009, p. 306).

Corroboramos com este apontamento do autor, pois entendemos que, ao aprovar esta mudança do Ensino Médio, os responsáveis não consideraram (aparentemente) as grandes diversidades que possuímos no Brasil, por exemplo: no estado de São Paulo, a política do atual governo (2018 – 2022) é de aumentar o número de escolas de tempo integral, e assim o fez. Sendo a única de ensino regular restante entre as três mais próximas, a escola na qual leciono teve um grande aumento na quantidade de alunos em sala de aula. Essa elevação nos números continua ocorrendo: percebo novos discentes com uma certa frequência e, ao questioná-los, eles me relatam que não se adaptaram a ficar o dia todo na escola, ou que precisam trabalhar, fazer cursos e estudar no contraturno, entre outras situações.

Com isso, um dos itens mais priorizados no NEM – a possibilidade de escolha dos estudantes – não é sempre atendida, pois as escolas não oferecem os mesmos aprofundamentos curriculares, ou seja, até pode-se cursar a mesma área do conhecimento, mas tendo outros objetivos e conteúdo. Como exemplo, comentamos sobre a escola onde um colega de ProEF atua: uma escola do campo, que fica ao norte do Mato Grosso, a 700 km da capital Cuiabá. Também mantida pelo estado, lá o modelo é chamado de “pedagogia da alternância”, em que os alunos se revezam ora internados na escola ora em atividades remotas (assíncronas) em casa. Como será que o NEM está acontecendo lá? E em outras regiões do país? E nas escolas das redes particulares de ensino?

Outro ponto interessante apresentado por Ball é sobre o uso do verbo “implementar” quando nos referimos à implementação de políticas. O autor não acredita que políticas sejam implementadas, pois isso supõe um “[...] processo linear pelo qual elas se movimentam em direção à prática de maneira direta” (MAINARDES; MARCONDES, 2009, p. 305). Ele complementa que esse é um processo complexo, ocorrendo uma alternância de modalidades, ou seja, transpor as palavras em ações e que, para isso acontecer, há o processo

de “atuação” dos profissionais, especialmente os professores, que podem tanto influenciar ou não influenciar no processo com suas experiências pessoais/profissionais (MAINARDES; MARCONDES, 2009). Sendo assim, neste trabalho, utilizamos o termo “implementar” relacionado ao início oficial do novo modelo de Ensino Médio no estado de São Paulo, e não à instalação de uma nova política educacional.

Seguindo na linha de trabalho de Stephen J. Ball, em um de seus artigos, ele aborda sobre um “novo paradigma de governo educacional” (2001). Comenta:

[...] quero examinar até que ponto estamos a assistir ao desaparecimento gradual da concepção de políticas específicas do Estado Nação nos campos econômicos, social, educativo e, concomitantemente, o abarcamento de todos estes campos numa concepção única de políticas de competitividade econômica, ou seja, o crescente abandono ou marginalização (não no que se refere à retórica) dos propósitos sociais da educação (BALL, 2001, p. 100).

Na sequência, cita vários autores que dizem que a escola deixa de atender aos interesses da sociedade e passa a responder aos econômicos.

Libâneo (1992), no capítulo “Tendências pedagógicas na prática escolar”, aborda essas tendências utilizando como critério as finalidades sociais da escola. Ele as divide em duas categorias: a pedagogia liberal e a pedagogia progressista. Afirma que “[...] a educação brasileira, pelo menos nos últimos cinquenta anos, tem sido marcada pelas tendências liberais” (p. 54). Considerando o ano da obra, podemos ressaltar que estamos neste processo há 78 anos...

O autor apresenta a definição da pedagogia liberal:

A pedagogia liberal sustenta a idéia de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais, por isso os indivíduos precisam aprender a se adaptar aos valores e às normas vigentes na sociedade de classes através do desenvolvimento da cultura individual. A ênfase no aspecto cultural esconde a realidade das diferenças de classes, pois, embora difunda a idéia de igualdade de oportunidades, não leva em conta a desigualdade de condições (LIBÂNEO, 1992, p. 55).

Ball, em 2002, escreveu: “[...] a reforma da educação alastra neste momento pelo mundo” (p. 2). O autor salienta que “[...] esta epidemia é sustentada por agentes poderosos” (p. 2): o Banco Mundial e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), estes atraem políticos e muitos educadores/acadêmicos. Segundo ele, mercado, capacidade de gestão e performatividade são elementos (ou tecnologias políticas) intimamente interligadas em maior ou menor grau nas reformas, que acontecem tanto nas

escolas como nas universidades. Comenta ainda que a junção dessas tecnologias são uma alternativa atrativa e eficaz ao sistema educacional tradicional, centrado no estado e no bem-estar público, confrontando com as velhas tecnologias do “[...] profissionalismo e da burocracia” (p. 3).

Entendemos que essas características apresentadas por Ball (2002) são parecidas com o que está acontecendo no sistema público de educação do Estado de São Paulo. O autor define performatividade como uma:

[...] tecnologia, uma cultura e um modo de regulação que serve de críticas, comparações e exposições como meios de controle, atrito e mudança. Os desempenhos (de sujeitos individuais ou organizações) servem como medidas de produtividade e rendimento, ou mostras de “qualidade” ou ainda “momentos” de promoção ou inspeção. Significam, englobam e representam a validade, a qualidade ou valor de um indivíduo ou organização dentro de um determinado âmbito de julgamento/ avaliação. O problema de quem controla esse âmbito é crucial (BALL, 2002, p. 4).

Saresp, Sequência digital, Avaliações de aprendizagem e processo são algumas das provas que os alunos devem fazer e que regem toda a parte pedagógica da escola— índices são gerados, metas estipuladas e cobradas, sem levarem em conta as diversas situações pertinentes à escola, como salas superlotadas, alunos faltosos, formações continuadas desconectadas da realidade da comunidade. Prêmios e bonificações são atrelados a esses resultados. Além da avaliação dos alunos, os professores também são submetidos a testes de performatividade. Provas méritos eram aplicadas para fornecer aumento salarial; na escola de tempo integral, existe a “avaliação 360º”, em que todos se avaliam (professores, gestão e coordenação pedagógica e alunos). A nova carreira, Lei Complementar nº 1.374, de 30 de março de 2022 (SÃO PAULO, 2022b), elaborada e aprovada pelo governador João Dória, opcional para os professores efetivos, obrigatórias para as demais categorias, corrobora com a teoria de Ball. Ela instituiu um aumento salarial por meio de subsídios, além de progressão de salário conforme diversas avaliações. Seguem trechos da lei:

Artigo 14 - A evolução do ocupante do cargo de Professor de Ensino Fundamental e Médio para a referência subsequente a que se encontrar enquadrado dar-se-á por desempenho e desenvolvimento em uma das seguintes trilhas de exercício:

I - Trilha de Regência: trajetória de desenvolvimento do profissional especializado em atividades de ensino-aprendizagem, realizadas em interação direta com os educandos;

Artigo 15 - A evolução nas trilhas a que se refere o artigo 14 desta lei complementar dar-se-á para a referência subsequente àquela em que se encontra enquadrado o docente, mediante:

I - Desempenho: evolução na trilha de exercício do docente, baseada no exercício de competências e habilidades relacionadas a conhecimentos técnico-científicos,

práticas pedagógicas, habilidades de didática aplicada, engajamento e prática profissional com foco na melhoria da aprendizagem, observada a especificidade de cada trilha;

Artigo 18 - Os processos de evolução por desempenho na carreira atenderão ao que segue:

I - serão realizados pela Secretaria da Educação na periodicidade de 2 (dois) anos;

II - deverão ser constituídos de avaliação de desempenho;

III - poderão ser constituídos de avaliações de conhecimento e de prática didática, sem prejuízo dos demais instrumentos definidos em regulamento (SÃO PAULO, 2022b, n.p., grifos nossos).

Por fim, o texto da lei não apresenta de maneira clara como se dará o processo avaliativo do desempenho, causando muitas angústias e incertezas na classe docente. Ball (2002) expressa grande preocupação com esse modelo, utiliza o termo “[...] terrores da performatividade” (LYOTARD, 1984 citado por BALL, 2002, p. 4), indicando que essas alterações geram controle, atrito e mudança – não apenas do que o professor faz, mas também do que é ser professor, alterando a “identidade social” (BERNSTEIN, 1996 citado por BALL, 2002, p. 73). Aponta que os professores se tornam profissionais neoliberais: “[...] a defesa e o uso cada vez maiores do ‘Pagamento de acordo com o desempenho’ (‘Performance Related Pay’) (PRP) são um indicador claro das pressões para fazer de nós próprios uma empresa e vivermos uma vida de cálculo” (BALL, 2002, p. 5).

Podemos considerar que o NEM é fruto da política neoliberal. Roman (1999) comenta que a palavra neoliberalismo, “[...] apesar de definir um conjunto de práticas políticas, econômicas e ideológicas atuais e muito discutidas por vários autores, não chega sequer a constar no ‘Dicionário de Política’ de Bobbio, Matteucci e Pasquino (1988), cuja primeira edição é de 1983” (ROMAN, 1999, p. 168), e argumenta que isso pode ocorrer devido à atualidade do conceito, entretanto, a sua prática já é própria do capitalismo, que se reestrutura pós-crisis para se manter estável. Complementando nossa linha de raciocínio, Horn e Machado (2018) comentam:

A lógica do mercado se impôs à lógica da educação com o protagonismo, em defesa da reforma, de dois grupos principais: a) o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) interessado na reestruturação e realocação dos recursos humanos e na maior autonomia de decisão dos sistemas de ensino, quer dizer, das secretarias de educação e dos conselhos estaduais e municipais de educação; e, b) o Movimento Compromisso Todos pela Educação (Fundação Lemann, Grupo Gerdau, Organizações Globo, Fundação Natura, Sistema S, Banco Itaú, entre outros) que vêm, há alguns anos, ao menos desde 2006, disputando espaço o MEC e introduzindo o *laissez-faire* na educação pública em favor a lógica do mercado, da gestão privada dos recursos públicos (p. 9).

A discussão sobre a política educacional está longe de terminar. Portanto, procuramos apresentar uma visão geral sobre ela e nos aprofundaremos mais durante a análise dos dados deste trabalho. Na sequência, apresentaremos a trajetória metodológica da pesquisa de campo realizada.

4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Considerando-se que o objetivo desta pesquisa é analisar o processo de ensino na Educação Física desenvolvido nas aulas de atuação da professora-pesquisadora no Novo Ensino Médio, inseridas nos itinerários formativos da área de Códigos e Linguagens, optamos pela pesquisa qualitativa. Del-Masso, Cotta e Santos (2020) apontam que esta tem como objetivo “[...] interpretar o fenômeno que está observando” (p. 3).

Goellner e colaboradores (2010) comentam que não basta o “[...] investigador que atua na área de conhecimento Educação Física dizer que seu estudo segue viés qualitativo para que este seja plenamente justificado perante a comunidade acadêmica” (p. 381). Com isso, é de extrema importância entendermos as características desta modalidade de pesquisa.

Neves (1996) aponta que “[...] os estudos de pesquisa qualitativa diferem entre si quanto ao método, à forma e aos objetivos” (p. 1). Entretanto, há características que os identificam:

- (1) o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental;
- (2) o caráter descritivo;
- (3) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador;
- (4) enfoque indutivo (GODOY 1995a, p. 62 citado por NEVES, 1996, p. 1).

Negrine (1999) escreve que um aspecto que merece consideração sobre as pesquisas qualitativas se sustenta na crença de que generalizações não são possíveis. “Isso significa que as inferências que se produzem a partir do processo investigatório se traduzem em uma hipótese de trabalho, que se refere a um contexto particular e restrito” (NEGRINE, 1999, p. 61). Ou seja, buscaremos, nesta pesquisa, significados diante dos objetos estudados: as aulas ministradas pela professora de Educação Física inseridas nos itinerários formativos da área de Códigos e Linguagens.

Além disso, diante deste período de transição no Ensino Médio, a pesquisa de intervenção pedagógica se fez pertinente. Damiani e colaboradores (2013) ressaltam “[...] a importância deste método para a Educação, na medida em que pode contribuir para a produção de conhecimento pedagógico e levar à diminuição da distância entre a prática educacional e a produção acadêmica” (p. 58). Para esses autores:

Pesquisas de intervenção pedagógica são investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) –

destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam – e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências (p. 58).

Os autores acrescentam que esse tipo de pesquisa tem caráter prático e possui o objetivo de contribuir para a solução de problemas práticos. Além do que, ressaltam o “[...] potencial das pesquisas aplicadas para, por exemplo, subsidiar tomadas de decisões acerca de mudanças em práticas educacionais, promover melhorias em sistemas de ensino já existentes, ou avaliar inovações” (p. 58). Corroboramos especialmente com essa última função, que, com certeza, relaciona-se com este trabalho.

Uma das características deste modelo de pesquisa é a elaboração de relatórios que, neste trabalho, se deram através da escrita dos diários de aula (ZABALZA, 2004). Já para analisá-los, foi utilizada a criação de categorias (GOMES, 2002).

A pesquisa desenvolvida neste estudo foi realizada no primeiro semestre letivo de 2022, em uma escola pública da rede estadual de ensino, no interior de São Paulo, pertencente à região Central do estado. Envolveu a professora-pesquisadora e os alunos de uma turma do 2º ano, não seriado³, do Novo Ensino Médio, pois o 1º ano foi constituído da formação geral básica (que teve início em 2021), seguindo com os aprofundamentos curriculares a partir do 2º ano (2022), durante as aulas ministradas pela professora-pesquisadora de Educação Física no componente curricular “Jornalismo e Inclusão nos Esportes: práticas e experimentações”, pertencente ao itinerário formativo da área de Códigos e Linguagens: #SeLigaNaMídia.

A lista de estudantes da turma possui 46 nomes, sendo cinco transferidos para outras escolas, totalizando 41 ativos. Destes, cinco não aceitaram fazer parte da pesquisa, contudo, participaram normalmente das aulas.

Utilizamos o seguinte instrumento de coleta de informações: diários de aula (ZABALZA, 2004) elaborados pela professora-pesquisadora.

Para Zabalza (2004), a frequência da escrita e o conteúdo dos diários devem ser determinados pelo professor – nesse caso, pelo professor-pesquisador. Nesta pesquisa, os diários foram escritos no mesmo dia das aulas, no final da tarde, após o expediente de trabalho da professora-pesquisadora. Para o registro, foi aberto um documento no *Google Docs*, em que os arquivos foram elaborados e arquivados.

³ “Não seriado” significa que existem alunos das três turmas de 2º ano da escola, pois no Aprofundamento Curricular, na teoria, o estudante escolhe em qual vai se matricular.

Além disso, o autor comenta que os diários de aula devem estar de acordo com os objetivos, alinhados com a “[...] função que cumprem” (ZABALZA, 2004, p. 15). Ademais, a modalidade de narração empregada é uma maneira de diferenciar os tipos de diários (HOLLY, 1986, citado por ZABALZA, 2004). Neste trabalho, procurei adotar um combinado de modelos: analítica, avaliativa e etnográfica.

- Analítica: nesse tipo de diário o observador se fixa nos aspectos específicos e/ou nas diversas dimensões da coisa que se quer observar.
- Avaliativa: é uma forma de abordar os fenômenos descritos, dando-lhes um valor ou julgando-os.
- Etnográfica: o conteúdo e o sentido narrado (mesmo permanecendo nos limites das descrições) levam em consideração os contextos físico, social e cultural em que ocorre os fatos narrados. Os eventos narrados aparecem como parte de um conjunto mais amplo de fenômenos que interagem entre si (HOLLY, 1986 citado por ZABALZA, 2004, p. 15).

Seguindo para o final da nossa trajetória metodológica, elucidaremos sobre a análise de dados. Para tal, utilizaremos a definição de Gomes (2002), que apresenta o termo “análise” e “interpretação” como “[...] contidas em um mesmo movimento: o de olhar atentamente para os dados da pesquisa” (p. 68). Além disso, citando Minayo (1992), o autor aponta as três finalidades da análise: “[...] estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, e ampliar o conhecimento do assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural da qual faz parte” (GOMES, 2002, p. 69).

Serão estabelecidas categorias, que segundo Gomes (2002) representam elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si, com isso, estabelecendo classificações, conglomerando ideias ou expressões. O autor também afirma que este tipo de procedimento pode ser utilizado na maioria das pesquisas qualitativas.

Nesta pesquisa, optamos por desenvolver as categorias *a posteriori* a coleta de dados (GOMES, 2002).

Para elaborarmos os conjuntos de categorias, seguimos os preceitos de Sellitz e colaboradores (1965) citados por Gomes (2002), com três princípios de classificação, sendo eles: conjunto de categorias estabelecido a partir de um único princípio de classificação; conjunto de categorias exaustivo, permitindo a inclusão de qualquer resposta numa das categorias do conjunto; e as categorias do conjunto devem ser mutuamente exclusivas, ou seja, uma resposta não pode ser incluída em mais de uma categoria. Para isso, fizemos a organização e leitura atenta de todos os diários de aula elaborados pela professora-pesquisadora. Segundo Farias, Impolcetto e Benites (2020), “Essa fase é imprescindível para

se perceber as impressões, teor, conflitos e uma série de constatações que a leitura oferece. Visa atingir a compreensão dos significados que perpassam os materiais, superando assim a leitura simples e sem profundidade” (p. 5).

Em seguida, identificamos “[...] trechos, recortes de falas, palavras, ideias repetidas, comportamentos [...]” (FARIAS; IMPOLCETTO; BENITES, 2020, p. 5) a fim de interpretar os significados contidos nos diversos diários de aula. Estes autores chamam esta fase de codificação. Após essa primeira seleção e organização de códigos, realizamos a categorização. “Esta é gerada pelo diálogo entre os diversos códigos que emergiram no processo de codificação[...]” (p. 7). Os autores complementam que subcategorias podem ser criadas, caso necessário.

Finalizando e respeitando os aspectos éticos, informamos que a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal de São Carlos. Segundo Ribeiro e Ferreira (2016),

Toda pesquisa envolvendo ser humano tem implicação de caráter ético e legal e deve ser submetida para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa através do sistema CEP/CONEP (Comitês de Ética em Pesquisa/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) antes de seu início. [...] a pesquisa só poderá ser iniciada após o parecer de liberação, conforme regulamentado na Resolução 466/2012 [CNS 2012] (p. 3).

O projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil sob o nº 53410721.3.0000.5504, cujo parecer de aprovação é de nº 5.279.163. Antes da aprovação final, tivemos alguns contratempos com o CEP que acreditamos ser pertinente relatar.

Iniciamos o processo de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFSCar no início de novembro de 2021, entretanto, no final de dezembro de 2021 obtivemos o retorno com a solicitação de alguns pequenos ajustes, como especificar quem iria custear o transporte e alimentação dos sujeitos da pesquisa, mesmo estando descrito no projeto que ela se realizaria na grade horária regular dos estudantes, ou seja, nada iria se alterar no dia a dia dos alunos. Enviamos as alterações solicitadas em janeiro de 2022, mas somente em março de 2022 tivemos a aprovação final do CEP. Com isso, houve um atraso no início da pesquisa. Em nosso planejamento, havíamos definido analisar todo o semestre letivo do itinerário formativo, desde o primeiro dia de aula, porém, só pudemos começar com o ano letivo de 2022 em andamento. Devido a esse contratempo, não houve coleta de dados nos primeiros nove dias com aulas no itinerário, todavia, acreditamos ser importante colocarmos um breve relato desse período com o intuito de apresentar ao leitor o cenário inicial do processo. Reforçamos que eles foram escritos não enquanto pesquisa, mas como parte das anotações

(diário de bordo) da professora-pesquisadora. Esse documento encontra-se, na íntegra, no “Apêndice C” deste trabalho.

Após informarmos toda a trajetória metodológica deste estudo, seguiremos para a apresentação, análise e discussão dos dados.

5 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, vamos apresentar e analisar os dados coletados, dialogando com a literatura. Para iniciar, um quadro ilustrativo com o número dos diários de aula, a sequência das aulas e as datas em que foram realizadas (essas informações serão a referência para citação de trechos dos diários utilizados a seguir). Em seguida, como foi o processo de categorização, as categorias definidas e, por fim, suas relações com referenciais teóricos. Segue quadro:

Quadro 1 - Organização temporal dos diários de aula da professora-pesquisadora

| DIÁRIO | AULAS RELATADAS NOS DIÁRIOS | DATA |
|---------------|------------------------------------|-------------|
| 1 | 1-2 | 11/03/2022 |
| 2 | 3 | 14/03/2022 |
| 3 | 4-5 | 18/03/2022 |
| 4 | 6 | 21/03/2022 |
| 5 | 7-8 | 25/03/2022 |
| 6 | 9 | 28/03/2022 |
| 7 | 10-11 | 01/04/2022 |
| 8 | 12 | 04/04/2022 |
| 9 | 13-14 | 08/04/2022 |
| 10 | 15 | 11/04/2022 |
| 11 | 16-17 | 29/04/2022 |
| 12 | 18 | 02/05/2022 |
| 13 | 19-20 | 06/05/2022 |
| 14 | 21 | 09/05/2022 |
| 15 | 22-23 | 13/05/2022 |
| 16 | 24 | 16/05/2022 |
| 17 | 25 | 23/05/2022 |
| 18 | 26-27 | 27/05/2022 |
| 19 | 28 | 30/05/2022 |
| 20 | 29-30 | 03/06/2022 |
| 21 | 31 | 06/06/2022 |
| 22 | 32-33 | 10/06/2022 |
| 23 | 34 | 13/06/2022 |
| 24 | 35 | 20/06/2022 |
| 25 | 36-37 | 24/06/2022 |

| | | |
|----|-------|------------|
| 26 | 38-39 | 01/07/2022 |
| 27 | 40 | 04/07/2022 |

Fonte: elaborado pela autora.

Em seguida, iniciamos a análise dos dados corroborando com Gomes (2002), que entende este processo em um sentido mais amplo, “[...] análise e interpretação estão contidas no mesmo movimento: o de olhar atentamente para os dados da pesquisa” (p. 68). A fim de estabelecer um entendimento dos dados coletados, confirmar ou descartar as hipóteses da pesquisa e/ou responder aos questionamentos formulados, além de ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural da qual faz parte (MAYO, 1992 citado por GOMES, 2002).

Os diários de aula foram escritos em um processador de texto on-line, o *Google Docs*, para facilitar seu acesso em qualquer dispositivo.

Para iniciar o processo de codificação, foram realizadas várias leituras atentas dos diários; em seguida, alguns trechos foram selecionados e recortados do material inicial, dando origem a um novo documento, sendo elaborada uma lista preliminar de “categorias de codificação” (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Os trechos foram numerados e, após várias releituras, foram reavaliados, para finalmente se estabelecer as categorias.

Após esse cuidadoso processo, estabelecemos três categorias, são elas:

1. *Engajamento e impressões da docente durante o processo de desenvolvimento do Itinerário Formativo;*
2. *Estruturação e desenvolvimento do Itinerário Formativo a partir do MAPPA;*
3. *Aspectos positivos e negativos do Novo Ensino Médio e do Itinerário Formativo.*

A seguir, faremos a discussão das categorias.

5.1 Engajamento e impressões da docente durante o processo de desenvolvimento do Itinerário Formativo

A maioria das informações disponibilizadas pelas mídias sobre o porquê da necessidade do NEM aponta o alto índice de evasão dos jovens, o desinteresse deles sobre o currículo e o baixo índice nos resultados de avaliações externas (como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB) como justificativas para a urgência da

aprovação da Lei 13.415/2017 (BRASIL, [2017?];b; MOVIMENTO PELA BASE, [2020?]; SÃO PAULO, [2020?];a; SÃO PAULO, [2020?];b), Cássio e Goulart (2022) escrevem:

[...] a propaganda do ‘Novo’ Ensino Médio ocupou-se, desde o início, de culpabilizar escolas e profissionais da educação por um fenômeno social complexo e multicausal: o grande contingente de jovens egressos/as do ensino médio que não prosseguem os estudos no ensino superior e nem encontram uma colocação profissional – a frivolamente denominada ‘geração nem-nem’ (p. 286).

Com isso, a promessa de uma “salvação do Ensino Médio” foi semeada no inconsciente da sociedade e, arrisco dizer, de boa parte do quadro docente do Brasil. Esse meu pensamento corrobora com as ideias de Ball (2001), que há mais de duas décadas, em seu trabalho *“Diretrizes Políticas Globais e Relações Políticas Locais em Educação”*, já demonstrava sua preocupação nas “[...] estratégias de reformas genéricas que por sua vez repousam na instalação de um conjunto de novas tecnologias de políticas que **‘produzem’ ou promovem novos valores, novas relações e subjetividades nas arenas da prática**” (p. 103, grifo meu). Acredito que essas novas relações e subjetividades são captadas por nós professores, conscientemente ou não, assim como aponta o trecho: “Estou meio perdida sobre como agir daqui para frente (Trecho 4, Diário 4 – aula 6- 21/03/2022)”.

Ball (2002) apresenta os elementos-chave do “pacote” da reforma da educação: o mercado, a capacidade de gestão e a performatividade. Como professora-pesquisadora, entendo que esta última é fortemente cobrada na escola, especialmente relacionada à língua portuguesa/matemática – através de avaliações externas e, agora, à parte flexível do NEM, os itinerários formativos –, mediante a apresentação e divulgação midiática das culminâncias, ou seja, são solicitadas as “evidências” de que realizamos um bom trabalho com “[...] aumento da vigilância sobre o trabalho docente e sobre os produtos finais da educação (REAV, 1998 citado por BALL, 2001, p. 110). O autor complementa: “[...] as tecnologias políticas da reforma da educação não são simplesmente veículos para a mudança técnica e estrutural das organizações, mas também mecanismos para ‘reformar’ professores e para **mudar o que significa ser professor**” (BALL, 2002, p. 4-5, grifo meu). Como destaca o trecho a seguir:

Termino com a sensação de que foram meses confusos, receosos, de uma insegurança muito grande, apesar de me considerar uma professora que não tem medo de mudanças com relação à didática e temas das aulas. Também houveram momentos em que fiquei feliz, como no júri simulado e em aulas que mais alunos participaram efetivamente. Porém, não me senti professora de Educação Física em muitos momentos (Trecho 4, Diário 26 – aula 38 e 39- 01/07/2022).

Na análise dos meus diários de aula, ficou clara a preocupação em realizar e engajar os estudantes. Realizar no sentido de “fazer acontecer”, de “promover participação”, de “sentir que o que eu estava fazendo era o certo” – para os alunos, para o sistema e talvez, para mim mesma –, tive a sensação de que precisava justificar ou provar algo a alguém e essa sensação gerava mais momentos de frustração e desânimo do que de esperança e alegria. Outro item marcante foi a minha preocupação em engajar, promover a participação/envolvimento/satisfação dos discentes nas aulas do itinerário formativo que ministrava. Afinal, os itinerários formativos foram divulgados como a solução para o não envolvimento dos jovens nas aulas, a “fórmula mágica” para acabar com a evasão e apatia. Cássio e Goulart (2022) comentam que “A defesa da ‘inovadora’ reforma educacional que, de acordo com seus proponentes, levaria o ensino médio brasileiro ao século XXI[...]” (p. 286-287) tem como um dos pilares a “[...] flexibilização do currículo escolar, com a implementação de itinerários formativos que permitiriam a escolha de percursos afins aos projetos de vida individuais dos/as estudantes [...]” (p. 287).

Portanto, mais do que a avaliação sobre desenvolver adequadamente os objetivos da aula, minha preocupação era com o fato de os alunos estarem participando ou não das atividades propostas, como nos trechos a seguir: “Hoje iniciei a aula pedindo que formassem um círculo com as cadeiras, meu objetivo era ter todos “à vista” de uma maneira mais integrada, na tentativa de fazê-los participar mais ativamente (Trecho 1; Diário 5 – aulas 7 e 8 - 25/03/2022)”; e: “A aula passou e ficamos somente nestas explicações, sinto que os alunos e eu estamos bem desanimados (Trecho 3; Diário 2 – aula 3 - 14/03/2022)”.

Interessante perceber que os dados coletados afirmam o alerta que Ball (2001) fez:

O espectro e a complexibilidade destas reformas são impressionantes. Elas “costuram” um conjunto de políticas tecnológicas que relacionam mercados com gestão, com performatividade e com transformações na natureza do próprio Estado. É importante dizer que, ver estes processos de reforma como simplesmente uma estratégia de des-regulação, é interpretá-las erroneamente. Na verdade, eles são processos de re-regulação; representam não propriamente o abandono por parte do Estado dos seus mecanismos de controle, mas sim o estabelecimento de nova forma de controle, aquilo que Du Gay (1996) denomina “desregulamentação controlada” (p. 104).

O autor também aponta que essas reformas, como a do NEM, fazem com que a satisfação das estabilidades seja “[...] cada vez mais ilusórias, **os propósitos se tornam contraditórios, as motivações ficam vagas e a auto-estima torna-se instável**” (BALL, 2001, p. 110, grifo meu). Podemos perceber isso acontecendo em trechos como estes a seguir:

Tenho a sensação de que eles até podem se empolgar com algo, como foi no caso do júri, mas eles não têm compromisso e organização para dar sequência à atividade, sendo que eu preciso ficar solicitando-os o tempo todo e ainda com a sensação de que não vai dar certo! Mas sigo insistindo! (Trecho 3, Diário 17 – aula 25 - 23/05/2022).

Fiquei muito desanimada com toda esta situação, com a impressão de que nada vai acontecer, que sempre estamos desamparados e que a cada semana haverá uma surpresa desagradável, que será aquele esquema “eu finjo que ensino e vocês fingem que aprendem”. Mas vou respirar fundo e seguir, resistir é preciso! (Trecho 7; Diário 1 – aulas 1 e 2 - 11/03/2022).

Parafraseando Stephen Ball, instabilidade é a palavra que me acompanhou em todo o semestre destinado ao itinerário formativo. Claro que situações que deram certo e que promoveram o engajamento tanto dos estudantes quanto o meu aconteceram: “Enfim, fizemos várias atividades práticas do badminton, foram boas, os alunos participaram bastante, inclusive alguns que normalmente ficavam sentados” (Trecho 4, Diário 20 – aulas 29 e 30- 03/06/2022);

Comecei falando da lógica interna, que estava relacionada aos conhecimentos que a pessoa tem que ter para conseguir jogar, fui questionando-os sobre quais seriam estes conhecimentos. Me surpreendi, pois os alunos começaram a participar ativamente, foi bem gostoso (apesar do “vamos para a quadra” surgir frequentemente) (Trecho 2, Diário 15 – aulas 22 e 23 – 13/05/2022).

Entretanto, entendo que foram situações mais relacionadas à didática e à metodologia da aula do que ao fato de estar em um itinerário formativo. Acredito que a formação continuada docente é muito importante, ou seja, o professor estar constantemente estudando e se atualizando gera este movimento de “aprender sempre” e faz com que possamos acompanhar as novas descobertas, transformações e até reafirmar práticas positivas que já realizamos.

Mileo e Kogut (2009) apresentam essa mesma ideia, ao abordarem o pensamento de Libâneo (1998), indicando que “[...] momentos de formação continuada levam professores a uma ação reflexiva” (p. 4943). Sendo assim, acredito em Paulo Freire (1996) quando diz que precisamos nos convencer definitivamente de que “[...] ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção” (p. 13, grifo do autor). Ele também aponta a necessidade de uma rigorosidade metódica em que docentes e discentes são “[...] criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes” (FREIRE, 1996, p. 14). Ou seja, para mim, o rumo de “reformas educacionais”, como no caso do EM, deveriam acontecer, principalmente, por meio de um

sistema de ensino que promovesse oportunidades (reais) constantes de aperfeiçoamento aos docentes e, estes, aproveitando essas oportunidades, engajados em sua responsabilidade ética e moral com seus educandos, tendo a ciência de seu papel em um escola “[...] democrática e republicana” (FERNSTERSEIFER; GONZÁLEZ, 2020), em consonância com condições de salários dignas, entre outras questões estruturais, poderiam oferecer um ensino aliado, mas não alienado, que atendesse às demandas dos jovens e do mundo moderno. Os trechos a seguir abordam momentos de escuta das solicitações dos estudantes e de feedback positivo dos alunos às ações da professora.

Ia dar início à terceira parte da Atividade 1 do MAPPA que é o trabalho com as crônicas esportivas. Entretanto os alunos pediram para descermos e fazermos esta atividade nas mesas que temos no corredor (um corredor multiuso próximo ao pátio), relutei, mas eles insistiram pois queriam sair da sala. Se eu fosse eles, também ia querer sair! Então disse que iria se eles prometessem trabalhar, responderam que o fariam (Trecho 1, Diário 3 – aulas 4 e 5 - 18/03/2022).

Ao agir de perto com o grupo, questionando-os pelos nomes, eles começaram a falar, até que um deles, que estava acompanhando, quando ficamos em dúvida em qual país o jogador citado na crônica tinha jogado, ele prontamente disse: “peraê, deixa eu procurar aqui” (se referindo a pesquisa no celular). Fiquei feliz com esta iniciativa e dei um feedback positivo a ele e ao grupo por estarem falando e tentando compreender (Trecho 6, Diário 3 – aulas 4 e 5 - 18/03/2022).

Após explanarmos sobre a primeira categoria, indicando as demandas relacionadas ao engajamento e impressões da professora-pesquisadora durante as aulas do Componente 3 – Jornalismo e Inclusão dos Esportes: práticas e experimentações, pertencente a UC #SeLigaNaMídia, passaremos para a análise da segunda categoria.

5.2 Estruturação e desenvolvimento do Itinerário Formativo a partir do MAPPA

Muitas dúvidas e angústias surgiram no dia a dia de professora do NEM. Houve poucas formações para professores e as informações passadas pela SEDUC e pela gestão da escola mudavam constantemente, gerando receios, ansiedades e incertezas no corpo docente da escola que leciono, esta situação é relatada no trecho a seguir:

Reforço que, infelizmente, neste período de mudanças e implantação do NEM, não tive nenhum tipo de formação continuada nem por parte da SEDUC, nem da escola, o Centro de Mídias elencou alguns Itinerários para esta formação, porém, o meu não foi contemplado. Desta maneira, encontrei muitas dificuldades em trabalhar com o Itinerário e com o MAPPA (Trecho 6, Diário 26 – aula 38 e 39- 01/07/2022).

Na tentativa de orientar os docentes que atuariam nos itinerários formativos, a SEDUC forneceu o Material de Apoio ao Planejamento e Práticas do Aprofundamento (MAPPA). Esse material foi disponibilizado virtualmente no início do ano letivo e fisicamente já no meio do semestre, entretanto, em quantidade insuficiente para que cada professor tivesse o seu exemplar. Recebi um exemplar físico, mas praticamente não o usei, pois já havia planejado as aulas com o material virtual. Além disso, pouco tempo depois, os professores que o receberam tiveram que devolvê-lo para que fosse utilizado no período noturno, que começaria no segundo semestre, pois a mesma UC (#SeLigaNaMídia) seria desenvolvida.

Como seu nome sugere, o MAPPA surgiu como um apoio pedagógico ao professor do itinerário. Todavia, analisando e trabalhando com o MAPPA referente ao itinerário formativo que lecionei durante a pesquisa (Componente 3: Jornalismo e Inclusão nos Esportes: práticas e experimentações), entendo que a maneira como ele foi organizado, e até algumas das atividades propostas, fizeram com que eu repensasse e adaptasse constantemente o seu uso. Os relatos a seguir corroboram a fala anterior: “Assim finalizo a Atividade 1 do MAPPA, em 17 aulas, ao invés das 12 sugeridas no material. Além disso, não consegui cumprir algumas atividades como a criação do Instagram e o acompanhamento das mídias realizada pelos alunos fora da escola (Trecho 10, Diário 5 – aulas 7 e 8 - 25/03/2022)”; e:

Ao planejar as aulas da Atividade 2, decidi mudar a sequência das atividades propostas no MAPPA. Nele eu deveria iniciar elaborando fotorreportagens com as fotos tiradas nas vivências da Atividade 1. Porém, como eu estou há várias aulas trabalhando com conteúdo mais teóricos, quis retornar com a parte prática, afinal, o itinerário tem como um dos objetivos: “Selecionar e utilizar movimentos corporais de forma consciente e intencional para interagir socialmente em práticas corporais, de modo a estabelecer relações construtivas, empáticas, éticas e de respeito às diferenças.” Mas como eles irão conseguir atingir este objetivo se não há tempo para praticar?! (Trecho 1, Diário 6 – aula 9 – 28/03/2022).

Entendo que esses trechos citados corroboram com o discurso de Freitas e colaboradores (2022) de que as escolas “[...] não são somente espaço de reprodução e, tampouco, as políticas curriculares são implementadas sem a expressão das resistências e da atuação da ressignificação de seus sentidos” (p. 73). O próprio MAPPA traz como orientação:

É importante lembrar que você, juntamente com toda sua equipe escolar, tem liberdade para selecionar as atividades e materiais que melhor se adequam à sua realidade local, levando em conta também adaptações inclusivas para melhor atender os estudantes que tenham algum tipo de deficiência física e/ou intelectual. Ademais,

you and your school team can plan and organize the time of each path and possible integrations between the components, taking into account the objectives, competencies, skills and the objects of knowledge proposed (SÃO PAULO, 2022a, p. 7).

Besides this, the material is elaborated presupposing that all students are leveled, that they possess the same knowledge, the fact that the own indices of external evaluations already commented in this work, such as the IDEB, point out as not possible. As is pointed out in the excerpts to follow:

I was in a group and I asked them to read aloud, but I saw a lot of difficulty both in reading, as in understanding of many words, besides not being able to express themselves. Sometimes they, sometimes I read aloud, I stopped and questioned what that meant, both by words as by the interpretation of the text, they didn't know many things (it always surprises me with the lack of understanding of them about items that I consider basic in Portuguese) I taught them to search on Google, word by word, places that were mentioned (where they were located), etc. (Excerpt 5, Diary 3 – classes 4 and 5 – 18/03/2022).

“Today I planned to have them play the adapted volleyball game, because the majority of my students (middle school) do not master the fundamentals of volleyball. (Excerpt 1, Diary 7 – classes 10 and 11 – 01/04/2022)”.

From this, I present, for reflection, some questions: how to level the knowledge of students, will it be possible? Will all students have lived and had the same content, information, experiences and knowledge? We can think about these questions about Basic Education as a whole, but especially considering the process of implementation of NEM during more and less critical periods of a pandemic.

I believe that the own reformers provide the “leveling”, as presented in the previous excerpt. I agree with Arroyo (2014), “The young and adults who reach Middle School carry a experience of struggles for the school, for knowledge, experiences of tense relationships between work-survival-study” (p. 66). The author complements: “[...] the curricula and the teaching will only be innovative if they are desatrelando dessa visão e estrutura etapistas, propedêuticas, descaracterizadoras da especificidade formadora de cada tempo humano” (p. 71). In the end, will it be possible to have equality of knowledge?

Stephen J. Ball, in an interview granted to Mainardes and Marcondes (2009), reports that “Policies, mainly educational, are thought and then quickly written with relation to the best possible schools (classrooms, universities, faculties), **com pouco**

reconhecimento de variações de contexto, em recursos ou em capacidades locais” (p. 305, grifo meu). Acredito que a elaboração do MAPPA seguiu essa mesma lógica e, além disso, desconsiderou todo o período pandêmico que antecedeu o início do NEM em São Paulo, como observa o trecho a seguir:

Eles tiveram muita dificuldade em argumentar, se expressar, percebi que não possuem base para fazerem pesquisas e montarem textos, na hora de analisarem os argumentos também houve uma deficiência. Situação que sempre comento em meus relatos neste diário (Trecho 2, Diário 18– aulas 26 e 27 - 27/05/2022).

Os alunos não foram os únicos a apresentar dificuldades. Algumas das atividades propostas, especialmente as que considero mais vinculadas a conhecimentos específicos da formação em língua portuguesa, foram um grande desafio para mim. Como aponta o relato do diário 3:

[...] imprimi uma cópia para cada aluno) e expliquei que eles iriam ler as crônicas que eu levei, depois rapidamente as apresentariam para os demais alunos e, em seguida, elaborariam uma crônica esportiva baseada no que vivenciamos nas aulas ou em experiências de vida para aqueles que são novos na turma. Também comentei que não era especialista em crônicas e que, apesar de ter estudado, ainda confundo crônicas com relatos (Trecho 2, Diário 3 – aulas 4 e 5 - 18/03/2022).

Além de ter estudado por meio de pesquisas na internet, consultei alguns professores de língua portuguesa que trabalham comigo e, mesmo assim, não fui capaz de aplicar esse conhecimento específico, e o MAPPA não me auxiliou nesse processo.

O Componente 3: Jornalismo e Inclusão nos Esportes: práticas e experimentações do IF #SeLigaNaMídia, só pode ser ministrado por professores de Educação Física (SÃO PAULO, [2021?]b). Sendo assim, entendo que as características principais desse Componente deveriam ser relacionadas à Educação Física. Apesar de ter a consciência de que o trabalho do IF não é relacionado ao desenvolvimento específico do componente curricular Educação Física, entendo que, para que ele consiga abranger todas as especificidades da área de Linguagem, o material proposto deveria ter menos produção de textos escritos, e mais a linguagem corporal, como afirmado por Ladeira e Darido (2003):

Na Educação Física, o aluno deve ser considerado como um produtor de textos quando pratica uma partida de esporte ou participa de uma coreografia de dança, por exemplo. A palavra texto é aqui compreendida em seu sentido mais amplo e tem como finalidade designar unidades básicas de outras linguagens além da verbal (p. 31).

Entretanto, a leitura, produção de textos escritos e exposições orais são muito solicitadas no MAPPA. Filgueiras e Jesus (2018) comentam que a perspectiva dos Multiletramentos foi “[...] construída por teóricos preocupados com o desenvolvimento de capacidades de leitura e produção textual em língua materna e língua estrangeira” (p. 58). Isso talvez justifique a forma como o material do Componente 3: JIE foi elaborado. Alguns trechos dos diários apontam o desafio de desenvolver as questões específicas da Língua Portuguesa: “Dei sequência chamando alguns alunos para falarem sobre as crônicas que leram, alguns conseguiram relatar algumas partes, mas a maioria não, não sei se porque estavam vergonhosos ou se realmente não lembravam (Trecho 4, Diário 5 – aulas 7 e 8 - 25/03/2022)”; “[...] Decidi que eles deveriam começar a escrever a fotorreportagem como conseguissem, para auxiliá-los enviei no grupo do WhatsApp o vídeo que havíamos assistido na aula passada e mais um outro que falava sobre o tema (Trecho 3, Diário 13 – aulas 19 e 20 - 06/05/2022)”.

[...] Segui a sugestão do MAPPA e passei o vídeo sobre fotorreportagem e iniciei a leitura coletiva de um dos textos, os alunos foram lendo em voz alta (depois de muita insistência, alguns se voluntariaram) e eu fui comentando algumas coisas sobre o texto. Não terminamos e ainda falta mais um. Vamos finalizar na próxima aula (Trecho 3, Diário 12 – aula 18 – 02/05/2022).

Considerando as sugestões do MAPPA e os relatos dos diários de aula, o que foi proposto *versus* o que foi realizado durante o IF está de acordo com a premissa de Ball, citada por Mainardes e Marcondes (2009), de que:

O processo de traduzir políticas em práticas é **extremamente complexo**; é uma alternância entre modalidades. A modalidade primária é textual, pois **as políticas são escritas, enquanto que a prática é ação**, inclui o fazer coisas. Assim, **a pessoa que põe em prática as políticas tem que converter/transformar essas duas modalidades**, entre a modalidade da palavra escrita e a da ação, **e isto é algo difícil e desafiador de se fazer** (p. 305, grifos meus).

Os autores complementam dizendo que todo esse processo é quase uma peça de teatro:

Temos as palavras do texto da peça, mas a realidade da peça apenas toma vida quando alguém as representa. E este é um processo de interpretação e criatividade e as políticas são assim. A prática é composta de muito mais do que a soma de uma gama de políticas e é **tipicamente investida de valores locais e pessoais e, como tal, envolve a resolução de, ou luta com, expectativas e requisitos contraditórios** – acordos e ajustes secundários fazem-se necessários (MAINARDES; MARCONDES, 2009, p. 305, grifos meus).

Sendo assim, percebi essa minha “atuação”, interpretando e adaptando a peça teatral sob minha responsabilidade: o MAPPÁ. Entendo que sempre haverá muito de mim nas aulas que ministro, ou seja, “politicidade”, palavra que Freire (1996) utiliza para definir qualidade na prática educativa, reforçando que a mesma não pode ser neutra.

Se a integração curricular é algo que devemos considerar e refletir para uma mudança positiva na educação, ela só será possível quando tratarmos anteriormente muitos problemas que já estão escancarados à nossa frente, tais como os apontados na pesquisa de Silva (2017): tempo para planejamento individual e coletivo suficiente, desmotivação de professores, entre outros. Para mim, não há como integrar se não houver, no mínimo, tempo remunerado e em conjunto, destinado aos professores dos itinerários.

Finalizando a discussão da segunda categoria, na qual buscamos apresentar e discutir a estruturação e desenvolvimento das aulas do Componente 3: Jornalismo e Inclusão nos Esportes, práticas e experimentações a partir do MAPPÁ, apresentarei as reflexões sobre a terceira e última categoria.

5.3 Aspectos positivos e negativos do Novo Ensino Médio e do Itinerário Formativo

Na revisão bibliográfica deste estudo, apresentamos como foi engendrado o processo que culminou na aprovação da Lei nº 13.415/2017: o Novo Ensino Médio, com seus críticos e apoiadores.

Moll e Garcia (2014), no prefácio do livro “*Juventude e Ensino Médio*”, apontam que a chamada “[...] crise atual do Ensino Médio não é mais que a explicitação da ausência histórica dessa etapa educativa como possibilidade de todos, agravada por uma profunda perda de sentido identitário e pedagógico da instituição escolar” (p. 7), pois essa etapa só foi efetivamente reconhecida em 2009 através da emenda constitucional 59. As autoras complementam:

A chegada de sujeitos sociais não esperados (os pobres e os muito pobres), e muitas vezes não desejados pelas escolas, e o reiterado foco do Ensino Médio na preparação para a entrada na universidade ou na oferta de uma profissionalização esvaziada também de uma formação humana integral agravam essa situação (MOLL; GARCIA 2014, p. 8).

Andrade (2019), ao pesquisar sobre o que pensam alunos e professores sobre a reforma do EM, percebeu que ambos acreditam na necessidade de se repensar a estrutura dessa etapa da Educação Básica, porém, ao descreverem quais modificações são mais

importantes “[...] valorizam a formação crítica, com a integralidade das áreas do conhecimento, além da valorização docente e melhorias em infraestrutura” (p. 10). Penso que esse repensar a educação, em especial o EM, é importante, entretanto, corroboro com Moll e Garcia (2014) sobre não haver “[...] saídas simples, receitas, roteiros predeterminados, que novamente engessem as escolas de Ensino Médio em fazeres dissociados da compreensão da amplitude da tarefa formativa nesse momento da vida dos jovens [...]” (p. 8).

Arroyo (2014) afirma que Ensino Médio estava/está sendo repensado e ressignificado e faz os seguintes questionamentos: “Como pensar, formular currículos, docência e Ensino Médio tendo como referente a especificidade dos educandos-jovens? Jovens, adultos e seus tempos de formação desafiam os postos para repensar propostas educativas e os currículos do Ensino Médio” (p. 72). O autor foca no jovem, e na importância de pensarmos esses sujeitos como únicos. Segundo Krawczyk e Ferretti (2017),

Estamos num novo estágio do processo de mudança das relações entre as diferentes esferas de governo, com a esfera privada e com a unidade escolar. Vive-se no Brasil atual um intenso processo de mudança da racionalidade organizacional do ensino médio, que afeta profundamente a lógica de gestão do sistema e o trabalho na escola pública, novamente justificada pela baixa qualidade do ensino, pelos baixos indicadores de rendimento e altos indicadores de fracasso escolar, aumentando os espaços de mercantilização da educação, e a segmentação regional, criando novos mecanismos de seleção e aprofundando a exclusão e desigualdade social via educação (p. 41-42).

A pressa, a falta de diálogo adequado com os sujeitos da escola (professores, famílias, gestores, comunidade, entre outros) e a influência de agentes econômicos, provocou uma sequência de pontos negativos na rede pública estadual paulista, que relatarei a seguir. Não tenho a pretensão de hierarquizar as problemáticas, pois elas se entrelaçam, a sequência é apenas para uma melhor didática.

Nos trechos a seguir, relato a ausência de professores como um dos dificultadores da realização de um trabalho adequado. Ela prejudica não só o funcionamento da escola de maneira geral, como a atuação dos demais professores, mas também não garante aos discentes o acesso adequado à educação.

[...] dos 4 componentes do #SeLigaNaMidia, apenas 2 estão com professores ativos, um está sem professor, pois a aula não foi atribuída (aparentemente não existe professor disponível) e no outro a professora está de licença gestante e não existe substituto (mais uma vez pela falta de professores a aula também não foi atribuída) (Trecho 1, Diário 1 – aulas 1 e 2 - 11/03/2022).

Hoje ao chegar na escola já me deparo com meu diretor muito agitado devido à grande quantidade de salas que estariam sem professor nesta manhã (licenças médicas entre outras coisas) e me pediu ajuda para ficar com as salas que estavam de aula vaga. Há muito tempo eu não fazia isso, mas resolvi ajudar, pois a situação realmente estava complicada e inclusive, me atrapalharia nas aulas. Portanto, não ministrei o conteúdo do itinerário, mas fui para a quadra e fiquei com as demais turmas durante toda a manhã, foram 12 salas a mais, além das minhas 6 (Trecho 1, Diário 14 – aula 21 – 09/05/2022).

Cássio (2022) escreveu, três meses após o início do período letivo de 2022 na rede pública estadual de SP, uma matéria para o site Carta Capital descrevendo a situação da falta de professores na rede pública estadual paulista. Ele relata que um telejornal da emissora Band realizou uma reportagem sobre a falta de professores nas aulas dos itinerários formativos e que, após ir ao ar, recebeu uma enorme quantidade de denúncias sobre essa problemática. Segundo o autor, “[...] dezenas de estudantes, famílias e profissionais da educação, de várias partes do estado, alertavam para o mesmo problema”. A emissora resolveu refazer a reportagem e solicitou que a coordenadora de gestão de recursos humanos da SEDUC, Célia Cruz, desse seu depoimento sobre o assunto. Ela negou que houvesse um déficit geral de professores na rede estadual e disse que **casos pontuais** (grifo meu) poderiam estar acontecendo por algum motivo.

Para tentar elucidar a real situação, Cássio (2022) solicitou ao Centro de Ingresso e Movimentação da Coordenadoria de Gestão de Recursos Humanos (CGRH), sob a responsabilidade de Célia Cruz, através da Lei de Acesso à Informação, a real situação das escolas paulistas e obteve como resposta que

[...] 22% das aulas dos itinerários formativos do ensino médio para o primeiro semestre ainda não contavam com atribuição de professores. Para ser exato, 19.996 aulas do ensino médio não contavam com professores passados dois meses do início do ano letivo – 20 mil casos pontuais! (CÁSSIO, 2022, n.p.).

A escola onde realizamos esta pesquisa é mais um “caso pontual”. Concordo com Moll e Garcia (2014) de que as respostas para um Ensino Médio que atenda de fato as necessidades dos jovens brasileiros

[...] exigem, “de cara”, a constituição das condições de materialidade que implica desde a construção, reforma e adequação dos espaços escolares até as condições de salário e carreira que garantam, também nesta etapa, profissionais da educação com formação e dedicação necessárias (p. 8).

Sendo assim, se na teoria a lei nº 13.415/2017 (BRASIL, 2017a) engloba todos os jovens do Brasil, na prática ela não considera as diferenças estruturais (e outras) entre os

sistemas de ensino públicos e privados. Na redação de Cássio (2022), comentada anteriormente, ele faz os cálculos destes 22% de aulas sem professores: se elas fossem igualmente distribuídas na rede, é como se a cada cinco dias letivos, o aluno da rede estadual perdesse um – comparado às escolas particulares seriam 44 dias de aula a menos por ano letivo, 2,64 anos a menos de escolaridade para cada discente. Gerando, como muitos autores já previam, um abismo maior entre a educação dos jovens da rede pública *versus* particular (FERRETTI, 2018; OLIVEIRA; ALMEIDA JR; GARIGLIO, 2018; PEREIRA, 2019; CÁSSIO; GOULART, 2022).

Há a falta de professores, assim como de materiais e estruturas que possibilitem/facilitem o processo de ensino e de aprendizagem, como descritos nos trechos a seguir: “Outro problema desta aula é que divido o espaço das quadras com mais uma turma, onde os alunos são deixados livremente pelo espaço, sem intervenção pedagógica (Trecho 6, Diário 8 – aula 12- 04/04/2022)”;

Como tem ocorrido com frequência, a internet oferecida pela escola não estava funcionando adequadamente. O que me socorre nestas situações é a internet disponibilizada por chip no meu celular (chip oferecido pela SEDUC). Eu roteio para eles e assim conseguem desenvolver algo (Trecho 4, Diário 21 – aula 31- 06/06/2022).

Além disso, roteei minha internet do celular (que é disponibilizada pelo Estado) para que conseguissem acessar, já que a internet oferecida pela escola quase sempre não funciona, infelizmente. Até o momento não consegui ministrar uma aula sequer com a internet funcionando adequadamente (Trecho 4, Diário 13 – aulas 19 e 20 - 06/05/2022).

Infelizmente, não são todos os professores da rede que possuem acesso ao chip – por diversos fatores, como por exemplo, não possuir um aparelho celular que permita a utilização de dois chips.

Outro ponto importante encontrado na análise dos dados dos diários de aula está relacionado com a falta de formação e informação aos gestores, professores e alunos sobre o NEM, tanto relacionado a sua estrutura quanto à parte pedagógica.

Na ATPC de quarta-feira a coordenadora pedagógica do Ensino Médio disse que os itinerários formativos seriam divididos em turmas não seriadas, ou seja, teriam alunos dos três 2ºs anos (A, B e C), conforme uma “escolha” dos estudantes (escolha que teoricamente ocorreu ano passado), e que as aulas seriam as cinco primeiras de segunda e sexta-feira, fiquei surpresa **pois já estou desenvolvendo o componente com o 2º ano A desde o início do ano** (Trecho 1, Diário 1 – aulas 1 e 2 - 11/03/2022, grifo meu).

Ou seja, eu ministrei um mês de aulas a um grupo “errado”. Há momentos nos diários que apontam esta confusão de informações, destaco como exemplo:

Tem sido muito difícil esse período de “implantação” do Novo Ensino Médio, cada hora com um tipo de orientação ou diretriz! Entendo que é difícil para a direção, para os professores e... para os alunos! Olhem a dificuldade!!!! (Trecho 2, Diário 1 – aulas 1 e 2 - 11/03/2022).

Mais trechos demonstram a confusão que vivenciamos na escola. Gostaria de chamar a atenção do leitor para a data desse diário: junho, ou seja, faltando um mês para o encerramento do semestre letivo do itinerário:

Continuação: agora pela tarde, às 16:46h, a coordenadora do Ensino Médio criou um grupo no WhatsApp para conversarmos sobre as demandas do itinerário e disse que acabou de receber um formulário que deve ser respondido até amanhã. Isso acontece muito, coisas que devem ser feitas “da noite para o dia” (Trecho 5, Diário 21 – aula 31- 06/06/2022).

Além das minhas queixas enquanto professora, os alunos também se manifestavam:

Também surgiu o assunto do que será dos itinerários no próximo semestre, as mesmas dúvidas sobre o que eles irão estudar, como vai ser, se a turma será a mesma, enfim, muitas dúvidas. Falaram sobre como o itinerário é chato, concordei e disse que nem sempre vamos fazer o que gostamos, que não acho este modelo de Ensino Médio correto, porém é o que estamos vivenciando (Trecho 2, Diário 23– aula 34- 13/06/2022).

Quero aproveitar essa fala dos alunos para comentar outros dois problemas do NEM: a falácia sobre o poder de escolha referentes ao itinerário que gostariam de cursar e a problemática do aumento da carga horária, tanto relacionado à expansão das horas como à instalação de escolas de período integral. O trecho a seguir aborda a mentira sobre a liberdade de escolha dos alunos:

Formamos um círculo para que eu explicasse o que havíamos realizado até o momento, comentei sobre o mestrado e o projeto de pesquisa, mas a apatia foi muito grande, pareciam alienados a tudo. Os que já eram meus alunos estavam desinteressados, pois conheciam toda aquela conversa, os demais pareciam perdidos e/ou desinteressados. Questionei quem estava ali porque havia escolhido, poucos ergueram as mãos, a grande maioria relatou estar sem saber direito o que eram os itinerários, como foi esta escolha, enfim, totalmente perdidos nesta nova dinâmica (Trecho 5, Diário 1 – aulas 1 e 2 - 11/03/2022).

Complementando, o trecho a seguir comenta a problemática das escolas de período integral e a maneira como elas afetam as escolas regulares:

Hoje gostaria de começar meu diário comentando algo que tem me chamado atenção: nestes 16 anos atuando na rede pública estadual, 8 anos no Ensino Médio, nunca vivenciei esta situação: toda vez que entro em sala de aula há um aluno novo, ou seja, um aluno matriculado recentemente. Estes alunos estão migrando, na sua grande maioria, das escolas de tempo integral (Trecho 1, Diário 8 – aula 12-04/04/2022).

Cássio e Goulart (2022) fizeram uma análise do documento elaborado pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED) que tinha como objetivo auxiliar as redes estaduais no planejamento da oferta dos itinerários e relatam que este “[...] expõe a contradição entre a promessa da livre escolha, segundo desejos e aptidões dos/as estudantes, e as condições concretas de oferta dos itinerários formativos nas redes de ensino” (p. 515). Veja o trecho:

Os alunos ficam nas aulas do meu componente, pois relatam que ainda não sabem qual irão cursar, eles não estão na minha lista de alunos. Teoricamente irão frequentar o itinerário que houver vaga, não sei o porquê eles já não serem informados logo na matrícula. Talvez haja falha na comunicação ou demora no processo, não sei qual é a realidade. Enfim, em todas as aulas tenho alunos que não sabem o que estamos fazendo, nem se irão ficar (Trecho 2, Diário 8 – aula 12-04/04/2022).

Para os autores, a CONSED reconhece a dificuldade de se efetivar essas escolhas, especialmente em escolas de período noturno e em cidades pequenas que possuem poucas escolas, sugerindo “[...] o trabalho escolar com ‘projetos de pesquisa’ (em itinerários não escolhidos pelos/as estudantes) e a adoção massiva de modalidade EaD” (p. 516). Entretanto, podemos perceber que os problemas são mais variados, tais como esse apresentado: alunos que precisam mudar de escola durante o ano letivo. No caso do estado de São Paulo, outro grande problema aconteceu: a escolha foi disponibilizada por meio de uma “manifestação de interesse” presente em um questionário online, durante a pandemia, dificultando o acesso a muitos alunos da rede (CÁSSIO; GOULART, 2022). Ainda:

Além da falta de internet, o acesso às informações sobre os itinerários passíveis de escolha foi limitado aos/as estudantes. O site oficial do NEM, com a matriz curricular dos itinerários e as ementas detalhadas, por exemplo, só foi lançado depois do encerramento da consulta online. No período do preenchimento do formulário, os/as estudantes tiveram acesso apenas a uma “breve descrição” (três linhas) e a uma “ementa geral” (de leitura opcional) de cada itinerário. Não obstante sucintas, as 35 ementas em PDF somavam 72 páginas, material extenso de leitura

que permitiria aos/às estudantes conhecer as trajetórias possíveis para uma escolha qualificada (CÁSSIO; GOULART, 2022, p. 519).

O acesso adequado a internet é um desafio de todos, inclusive da escola, como aponta o trecho: “Eles conseguiram fazer alguma coisa, mas não tudo, pois a internet e os notebooks oferecidos pela escola são bem lentos e não funcionam adequadamente (Trecho 2, Diário 17 – aula 25 - 23/05/2022)”

Hernandes (2019) indica, e concordo com ele, que a proposta do NEM é disfarçada de flexibilidade e que se baseia na ideologia de os estudantes “[...] aprenderem de modo autônomo valorizando a aprendizagem pela pesquisa, mas na verdade libera o estudante de integralizar parte do currículo do Ensino Médio como educação formal, ou seja, na escola e com os professores” (p. 7). Ele complementa:

Na realidade, o Estado se libera de prover escola e professores para esses estudantes e os responsabiliza por sua aprendizagem (ou falta desta). Esse tipo de educação a distância não seria mais que um pacote de informações produzidas por produtores de simulacros de aulas (PATTO, 2013) para serem consumidas pelos alunos (p. 7).

Ou seja, o estado não disponibiliza as condições estruturais para que os discentes realizem as atividades a distância, bem como as no contraturno escolar, como as aulas de Educação Física que eram oferecidas. Este trecho corrobora essa triste situação: “Estes alunos, meninos, estavam animados e já começaram a perguntar quando eu os deixaria treinarem, pois a maioria não está frequentando as aulas de Educação Física no contraturno (Trecho 2, Diário 9 – aulas 13 e 14 – 08/04/2022)”.

Ademais, Krawczyk e Ferreti (2017) afirmam que a mentira de livre escolha para atender os interesses dos alunos gera, na verdade, “[...] um sistema em nome do qual os estados (e em muitos casos as próprias unidades escolares) estarão submetidos a um conjunto muito escasso de condições de trabalho e ao rígido controle e responsabilização através das avaliações nacionais” (p. 42-43). Os dados coletados durante a minha pesquisa seguem nesta mesma linha de entendimento:

Além disso, acredito que a avaliação é superficial, chegará lá no final e teremos que literalmente “dar nota” aos alunos, pois este é o sistema educacional vigente, pois se você não fizer assim, terá que ficar se justificando: não foi o aluno que não se dedicou, foi o professor que não ofereceu todas as chances ou falhou de alguma maneira (Trecho 3, Diário 11 – aulas 16 e 17 - 29/04/2022).

Assim, seguiremos a “lógica” do sistema educacional, em que muito provavelmente ninguém ficará de recuperação, pois não se sabe como seria esta recuperação. Na próxima semana teremos o Conselho de série e soube por conversas com outros professores de itinerários que teremos que apresentar o 5º conceito, como se fosse a

nota final de um ano letivo, já que os Itinerários são semestrais. Portanto, mesmo que o aluno não seja produtivo ou não tenha se apropriado das informações desenvolvidas nas aulas, dificilmente ele será reprovado (Trecho 6, Diário 25 – aulas 36 e 37- 24/06/2022).

Mais problemas foram encontrados, como segue:

Subimos e ela iniciou, na turma que eu estava, **falando sobre o horário de expansão** e as aulas de Educação Física (que são no contraturno e o Estado não oferece alimentação e transporte para os alunos frequentem, também falou que as dispensas são para os que trabalham ou que são afastados por atestado de saúde, entretanto, na minha percepção deu a entender que eles, entendendo a situação dos estudantes, poderiam “justificar” a ausência”) [...] (Trecho 5, Diário 1 – aulas 1 e 2 - 11/03/2022).

Essa fala é da coordenadora pedagógica, em uma conversa com os alunos do segundo ano, e o horário de expansão era realizado remotamente via CMSP. Em conversa informal com a professora responsável por essas aulas, ela relata que os alunos nunca acessavam, nem de maneira síncrona, nem assíncrona. O mesmo acontecia com as aulas de Educação Física do contraturno e a frequência era muito pequena.

Argumentei que as aulas não eram de Educação Física, que temos aula do itinerário formativo, enfim, o de sempre. Sinto que eles sentem muita falta do componente curricular Educação Física, no turno, da maneira como estávamos habituados (Trecho 3, Diário 9 – aulas 13 e 14 – 08/04/2022).

O Art. 13 da Lei 13.415/2017 institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em tempo integral, e conta com repasses, durante dez anos, de recursos do MEC para os Estados e o Distrito Federal (BRASIL, 2017a). Em São Paulo, o último governo, iniciado por João Dória e finalizado por Rodrigo Garcia, aumentou de 6% para 44% o número de escolas em tempo integral (SÃO PAULO, [2022?]c). Nesse processo, muitas das escolas de EM regular tornaram-se escolas de tempo integral – e, mais uma vez, a reforma não considerou as reais necessidades dos jovens, causando muitos problemas, tornando as escolas de tempo regular verdadeiros “depósitos” de professores e alunos. Tal situação acontece por muitos motivos, dentre os quais: acúmulos de cargo, incompatibilidade com o modelo integral, outros projetos de vida que incluem atividades extracurriculares, jovens que já se encontram no mercado de trabalho, entre outros. O trecho a seguir demonstra a angústia e os desafios enfrentados:

Hoje novamente havia novos alunos na turma. Jovens que continuam vindo das escolas de tempo integral. Fica difícil manter uma sequência com os alunos, pois sempre há alguém que não participou de todas as atividades ou da maioria delas, além desta situação, muitos alunos são faltosos, especialmente às sextas-feiras e,

para completar, o desinteresse, principalmente quando temos que fazer algo escrito, é muito grande. (Trecho 1, Diário 13 – aulas 19 e 20 - 06/05/2022).

Segundo Andrade (2019), “[...] critica-se a intencionalidade ao estender a jornada escolar, pois não fica claro o real motivo para fazê-lo” (p. 61).

Dando sequência às primeiras reflexões, seguem trechos que ilustram a afirmação de Arroyo (2014) de que quando as normas e expectativas são definidas “do alto”, elas não restauram currículos e tampouco inovam o ensino.

[...] Um dos focos deste componente é a investigação científica, algo que não está acontecendo, eles não estão acompanhando as modalidades fora da escola e nem tomam a iniciativa de pesquisar o que não sabem ou conhecem. Considero que ainda há muito a ser feito para que os alunos realmente se interessem e ajam de maneira protagonista (Trecho 7, Diário 3 – aulas 4 e 5 - 18/03/2022).

[...] para mim, o material que foi disponibilizado para seguirmos, o MAPPA, inseriu os esportes apenas para justificar a presença da área da EF, mas não como um real objetivo a ser alcançado. Além disso, finalizo com a impressão de que os motivos anunciados para justificar o NEM, tais como evitar a evasão escolar e promover maior interesse e participação dos alunos não foram obtidos, além de diminuir ainda mais o tempo destinado às práticas corporais, teorizando cada vez mais nosso principal objeto de estudo, o movimento humano (Trecho 5, Diário 26 – aula 38 e 39- 01/07/2022).

Porém, quando se reconhece que na escola há práticas inovadoras “[...] de que são atores professores-alunos. Há AUTORIAS, criatividade nas escolas. Há indagações teóricas e práticas, há saberes e respostas profissionais” (ARROYO, 2014, p. 57, grifo do autor) e é nessa perspectiva que justificaria o ponto positivo do desenvolvimento das aulas do itinerário formativo, nas práticas pedagógicas pensadas e dialogadas com os estudantes. Apresento alguns trechos que corroboram com Arroyo (2014): “Fiquei satisfeita, na próxima aula pretendo continuar na sequência didática que programei para que eles pratiquem o vôlei sentado (Trecho 5, Diário 6 – aula 9 – 28/03/2022)”; “Penso que foi uma aula bem proveitosa, com os alunos mais animados. Fiquei satisfeita (Trecho 5, Diário 11 – aulas 16 e 17 - 29/04/2022)”;

Quiseram até jogar uma partida a mais no horário que seria “do futebol”. Se não tivéssemos combinado, sinto que eles continuariam jogando animados. Fui fazendo as intervenções necessárias e alguns alunos registraram com fotos. Poucos alunos não participaram de nenhuma parte da aula (Trecho 7, Diário 9 – aulas 13 e 14 – 08/04/2022).

Esse último trecho refere-se à uma aula de voleibol. Acredito, assim como apresentado pelo Professor Osmar (SOUZA JÚNIOR, 2017), que, por meio da mediação da

cultura corporal de movimento, conseguiremos proporcionar aos estudantes uma ampliação na sua leitura de mundo, abrindo novos horizontes e possibilidades do movimentar-se.

A seguir, sobre o júri simulado que fizemos e que elaboramos (alunos e eu) a partir de uma conversa disparadora em sala de aula:

Os relatos após as aulas, quando encontrava com os alunos foi: hoje foi legal, hein “dona”! (que é a maneira como se referem a mim). Também tive uma fala da minha coordenadora do EM, pois quando cheguei ela disse que já estava sabendo da aula, porque os alunos estavam ansiosos, muitos que não são da turma pediram para ir assistir! (Trecho 4, Diário 18– aulas 26 e 27 – 27/05/2022).

A seguir, a aula que tivemos um profissional convidado, que era um comentarista esportivo:

Todos falamos que o ideal era de modo presencial, mas devido ao pouco tempo que temos, foi a opção encontrada para que pudéssemos fazer a aula. João comentou como começou sua carreira, a diferença de atuações de comentaristas, entre outras coisas. Alguns alunos interagiram fazendo perguntas. Foi bem legal, dentro do possível! (Trecho 4, Diário 22 – aulas 32 e 33- 10/06/2022).

Por fim, acredito que tais características positivas não foram necessariamente causadas pela reforma do Ensino Médio. Ou talvez o pensar sobre o Ensino Médio nos faça superar a fase do “não mais” e o “ainda não” (GONZÁLEZ; FENTERSEIFER, 2009). Ou seja, acredito que já há o entendimento de que é preciso olhar para as juventudes, entretanto a maneira como isto está sendo realizado passa pelo forte viés neoliberal, deixando de fora as verdadeiras necessidades dos jovens para atenderem as do capitalismo neoliberal.

Realizado diálogos e reflexões sobre os dados coletados que apontaram aspectos positivos e negativos do NEM de maneira geral e, mais especificadamente do IF, fonte desta pesquisa, passo para as considerações finais do trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se que o objetivo deste estudo foi analisar os processos de ensino na Educação Física desenvolvidos nas aulas de atuação da professora-pesquisadora no Novo Ensino Médio, inseridas nos itinerários formativos da área de Códigos e Linguagens: “#SeLigaNaMídia”, teço, a seguir, minhas considerações após a sua realização.

Penso que a minha jornada neste mestrado profissional foi intensa, desafiadora e interessante. Entender que existem diversos tipos de pesquisas e que eu, enquanto docente da rede pública, posso ser professora-pesquisadora é muito gratificante. Portanto, trago aqui minhas considerações finais, com estimas de que este trabalho seja útil à ciência, à educação, à Educação Física e a outros/as docentes. Além disso, como forma de organizar e divulgar aos professores de Educação Física interessados em conhecer nossa trajetória com o IF, ofertar o curso “Relatos e vivências de uma professora-pesquisadora atuando no NEM - Itinerário Formativo da área de Linguagens e suas Tecnologias como produto educacional”, que será disponibilizado no Portal de Cursos Abertos (PoCA), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

A hipótese inicial de que eu iria observar se as características propostas pelo componente curricular Educação Física permaneceriam nos itinerários formativos ficou em segundo plano, sendo a minha atuação como professora de itinerário formativo o enfoque dos diários. Portanto, pouco foi contatado sobre a Educação Física no IF, emergindo da coleta de dados, questões mais relacionadas à política educacional.

Percebi que neste momento de transição de proposta do Ensino Médio, no NEM, muitas dúvidas e angústias surgiram e ainda permanecem. O clima de incertezas, o despreparo de toda a equipe escolar e até a descrença neste novo sistema se fazem presentes em meus diários de aula (Apêndice D).

Na revisão bibliográfica, fizemos um breve histórico sobre a Educação Física Escolar, os documentos oficiais relacionados ao Ensino Médio, além de elementos do Currículo Paulista. Também enveredamos para a discussão sobre políticas educacionais e sobre a reforma do Novo Ensino Médio, a Lei nº 13.415/2017.

Já a análise dos diários de aula culminou em três categorias: *Engajamento e impressões da docente durante o processo de desenvolvimento do Itinerário Formativo*; *Estruturação e desenvolvimento do Itinerário Formativo a partir do MAPPA*; e *Aspectos positivos e negativos do Novo Ensino Médio e do Itinerário Formativo*.

Elas indicaram que o Novo Ensino Médio apresenta muitos problemas, desde estruturais até socioeducacionais. São mais pontos negativos do que positivos. Além do mais, o Estado de São Paulo, ao iniciar a implementação do NEM, antes do prazo final definido pelo MEC, com o agravante de ser em um período pandêmico (covid-19), gerou muitas dúvidas e inseguranças tanto nos alunos como nos professores, principalmente com relação aos IF. As formações e informações destinadas à rede de ensino, desde gestores, professores e estudantes, foram insuficientes e confusas.

As percepções da docência no itinerário formativo indicaram que a troca de componentes curriculares “tradicionais” por um “novo” (itinerário formativo) não foi suficiente para promover um engajamento satisfatório dos estudantes. Além disso, o material de apoio pedagógico, MAPP, fornecido pela SEDUC, desconsiderou a diversidade das juventudes (pedagógicas e sociais) e do dia a dia escolar, com poucas atividades que, no meu entendimento, priorizassem as especificidades da Educação Física, exigindo uma gama muito grande de atividades teóricas, mais voltadas à Língua Portuguesa. Foi difícil perceber algum ponto positivo durante as aulas do IF, parecendo que as aulas com maior engajamento e satisfação de alunos e professora estavam mais relacionados à didática e metodologia das aulas do que pelo fato de ela estar sendo desenvolvida no IF.

Muitas foram as reclamações que os discentes fizeram a mim durante todo o semestre, ora queixavam-se das minhas aulas, especialmente pela quantidade de atividades teóricas e que não possuíam similaridades com o que eles entendiam por Educação Física, outras vezes sobre as aulas dos itinerários formativos de maneira geral. Inclusive, os estudantes costumavam faltar mais nos dias de aula dos IF. Por fim, bradavam sobre o NEM.

Entendo, com a realização deste trabalho, como professora-pesquisadora, que a discussão sobre o NEM ainda possui um longo caminho a percorrer. Mais estudos são necessários sobre o Novo Ensino Médio como um todo e, para que possamos entender como os conteúdos dos diversos componentes curriculares estão sendo desenvolvidos nos itinerários formativos e quais consequências produzirão em nossa juventude, especialmente aos alunos das redes públicas. Para finalizar, vale ressaltar que, em 2023, inicia-se, no estado de São Paulo, a primeira turma de 3º ano do NEM, com uma carga horária bem maior de itinerários formativos e, com isso, novos desafios, novas dúvidas e novos enfrentamentos para estudantes, professores e gestores.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Nayara L. de. **A reforma do ensino médio (lei 13.415/2017): o que pensam alunos e professores?** Jaboticabal, 2019. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias. 140 p. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/181936/andrade_nl_me_jabo.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso em 30 jan 2023.
- ARROYO, Miguel G. Repensar o ensino médio: por quê?. **In: Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo** / Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia, organizadores. – Belo Horizonte, 2014, p. 53-74. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2015/01/livro-completo_juventude-e-ensino-medio_2014.pdf. Acesso em 30 jan 2023.
- BALL, Stephen J. Diretrizes Globais e Relações Políticas Locais em Educação. **Currículo sem Fronteiras**, v.1, n.2, p. 99-116, jul/dez 2001. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2001/vol1/no2/1.pdf>. Acesso em 19 nov 2022.
- BALL, Stephen J. Reformar escolas/reformar professores e os terrores da performatividade. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 15, núm. 2, 2002, pp. 3-23 Universidade do Minho Braga, Portugal. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37415201>. Acesso em 21 nov 2022.
- BATALHA, Eliana R. de C. Recomendações técnicas para construção dos produtos educacionais. 2019. 44f. **Guia (Produto Educacional de Mestrado)** – Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Câmpus Pelotas Visconde da Graça, Programa de Pós - graduação em Ciências e Tecnologias da Educação, 2019.
- BETTI, Mauro. A versão final da Base Nacional Comum Curricular da Educação Física (Ensino Fundamental): menos virtudes, os mesmos defeitos. Perspectivas em diálogo. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**, ano IV, v. 1, jul 2018. p. 156-175 Disponível em: https://47e1bf12-b02d-4d36-84f4-15827910c76d.filesusr.com/ugd/db85a1_2c61b488e7054297b983a6c8c3a1ef55.pdf. Acesso em: 29 nov de 2022.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN Sari K. Cap. V Análise de dados. P. 203-241. In: **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Editora.1994. Porto.
- BOSCATTO, Juliano; IMPOLCETTO, Fernanda M.; DARIDO, Suraya C. A Base nacional Comum Curricular: uma proposição necessária para a Educação Física? **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 96-112. Set/2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p96/32565>. Acesso em 29 nov 2022.
- BRACHT, Valter. A educação física no ensino fundamental. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais Belo Horizonte**, novembro de 2010. Disponível em: https://psicod.org/pars_docs/refs/47/46322/46322.pdf. Acesso em 16 ago 2021.

BRASIL. Serviços e Informações do Brasil. **Novo Ensino Médio começa a ser implementado gradualmente a partir de 2022**. Publicado em 14 jul 2021. Atualizado em 31 out 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2021/07/novo-ensino-medio-comeca-a-ser-implementado-gradualmente-a-partir-de-2022>. Acesso em 26 abr 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Ministério da Educação. **Fundeb- apresentação**. [2021?]a Disponível em <http://portal.mec.gov.br/fundeb#:~:text=Ou%20seja%2C%20o%20Fundeb%20tem,censo%20escolar%20do%20ano%20anterior>. Acesso em 06 jun 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLEM – Apresentação**. [2021?]b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnlem> . Acesso em 06 jun 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018a. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> . Acesso em 19 nov 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: ensino médio**. Brasília, [2018]b. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf . Acesso em 21 nov 2022.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Dispõe sobre a Conversão da Medida Provisória nº 746, de 2016. Brasília. Diário Oficial da União, 2017a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm. Acesso em 30 jan 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Novo ensino médio: perguntas e respostas**. [2017?]b Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361> . Acesso em: 23 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em 23 dez 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN+ ensino médio: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais – linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf> . Acesso em 30 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Parte II Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio**. 2000a . Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em 08 set 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Parte I - Bases legais. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio**. 2000b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/BasesLegais.pdf> . Acesso em 08 set 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

BUNGENSTAB, Gabriel. C.; LAZZAROTTI FILHO, Ari. A educação física no “novo” ensino médio: a ascensão do notório saber e o retorno da visão atlética e “esportivizante” da vida. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 52, p.19-37, 2017. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/72960843/35049-libre.pdf?1634505961=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA+Educacao+Fisica+no+novo+Ensino+Medio+a.pdf&Expires=1669040230&Signature=ZD11axkJp5Sjykc9-X0a~fkvdXzVCqnnbURaBIAFZ~I2KncII8in45lGI~LpH5HA8UYayn1iCfAQAVWNTsCEc o7bp7wdNhSXT0qmZ9cVmDOtpGjmCpEgFkinG143KLO5eEZ~w3qYRON9Yv3cxNwF6KB4UinfPfl5pHTfXk~CD~SIga2peYHRz~SZik8iJv3DEib27iXg7OHfAuXPobcAEtTVVxuaUgLwR-r2rApvoriusjF04VvSKDJntNJBSSitr6YIbvUIP0gE6i9aRWc8yq28bpNzPL735jHkNgm3pW MmgfGHQoDV5bsIJnG7zfKQWgS63gepAApYa8nAxNyQ &Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA>. Acesso em: 21 nov 2022.

CALLAI, Ana N. A.; BECKER, Eriques P.; SAWITZKI, Rosalvo L. Considerações acerca da Educação Física escolar a partir da BNCC. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**. Campinas, SP. V. 17, e019022, p. 1-16. ISSN: 1980-9030. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8654739/21555>. Acesso em: 29 nov 2022.

CÁSSIO, Fernando. Em São Paulo, uma revolução educacional sem professores. **Carta Capital**. São Paulo/SP. 20 maio 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/em-sao-paulo-uma-revolucao-educacional-sem-professores/>. Acesso em 30 jan 2023.

CÁSSIO, Fernando; GOULART, Débora. C. A implementação do Novo Ensino Médio nos estados: das promessas da reforma ao ensino médio nem-nem. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 16, n. 35, p. 285–293, 2022. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1620>. Acesso em: 20 jan. 2023.

DAMIANI, Magda e colaboradores. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação**. FaE/PPGE/UFPEL. Pelotas [45] p. 57 – 67, maio/agosto, 2013.

DARIDO, Suraya C. Os conteúdos da educação física na escola. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 64-79, 2005.

DARIDO, Suraya C. Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na educação física escolar. In: ALBUQUERQUE, Denise I. de P.; DEL-MASSO, Maria C. S. **Desafios da Educação Física Escolar: temáticas da formação em ser viço no ProEF**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 28-45. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021.pdf>. Acesso em: 21 nov 2022.

DARIDO, Suraya. C.; RANGEL-BETTI, Irene. C.; RAMOS, Glauco. N. S.; GALVÃO, Zenaide.; FERREIRA, Lilian. A.; SILVA, Eduardo. V. M. e; RODRIGUES, Luiz. H.; SANCHES, Luiz.; PONTES, Gustavo.; CUNHA, Felipe. A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 17-32, 2001. DOI: 10.11606/issn.2594-5904.rpef.2001.139482. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139482>. Acesso em: 18 jul. 2022.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social, **Revista Brasileira de Educação**. nº 24, set /out /nov /dez 2003.

DEL-MASSO, Maria. C. S.; COTTA, Maria. A. de C.; SANTOS, Marisa. A. P. **Análise Qualitativa e Análise Quantitativa em Pesquisa Científica**. 2020. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF. Disciplina Seminários de Pesquisa Científica em Educação Física – Parte 2. Disponível em: <http://nau.uniriotec.br/images/pdf/guia/tutorialComiteEtica.pdf>. Acesso em 30 nov 2022.

FARIAS, Alison N.; IMPOLCETTO, Fernanda M.; BENITES, Larissa C. A análise de dados qualitativos em um estudo sobre educação física escolar: o processo de codificação e categorização. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 23, 2020. DOI: 10.5216/rpp.v23.57323. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/57323>. Acesso em: 2 jan. 2023.

FERRETTI, Celso. J. A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação. **Estudos Avançados**, v. 32, n. Estud. av., 2018 32(93), maio 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/RKF694QXnBFGgJ78s8Pmp5x/?lang=pt#>. Acesso em 30 jan 2023.

FENSTERSEIFER, Paulo E.; GONZALEZ, Fernando J. **A Escola e a Educação Física em sociedades democráticas e republicanas**. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF. Disciplina Escola, Educação Física e Planejamento. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/turmaII/d3/A%20Escola%20e%20a%20Educa%20c3%a7%20a3o%20F%20c3%a2%20em%20Sociedades%20Democr%20c3%a1ticas%20e%20Republicanas.pdf>. Acesso em 31 jan 2023.

FILGUEIRAS, Isabel P. JESUS, Tiago B. Educação Física no Ensino Médio: a construção do currículo na perspectiva dos multiletramentos. *In*: FARIAS, U.S.; MALDONADO, D. T.; NOGUEIRA, V. A. (org.). **Educação Física escolar no ensino médio- a prática pedagógica em evidência**. Vol.36. Curitiba: Editora CRV, 2018. p. 49-60.

FRANGIOTI, Perla C.; RAMOS, Glauco N. S. **A utilização de livro didático na educação física escolar**. São Carlos; 2004; 41 f; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Educação Física) - Universidade Federal de São Carlos.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Auntonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. Paz e Terra. São Paulo, 1996.

FREITAS, Anniele F. de; ZAN, Dirce; SILVA, Fernanda D. da; MOIMAZ, Rodolfo S. Primeiros passos da Reforma do Ensino Médio em São Paulo: o caso da rede regular de ensino. *In*: **A reforma do ensino médio em São Paulo [recurso eletrônico]**: a continuidade

do projeto neoliberal / organização Nora Krawczyk, Dirce Zan ; autores Ana Beatriz Gasquez PORELLI... [et al.] . - 1. ed. - Belo Horizonte [MG]: Fino Traço, 2022. recurso digital. P. 46-77. Disponível em: E-book "A Reforma do Ensino Médio em São Paulo: a continuidade do projeto neoliberal" - Fino Traço Editora (finotracoeitora.com.br)

GALIAN, Cláudia V A. Os PCN e a elaboração de propostas curriculares no Brasil. **Cadernos de Pesquisa** [online]. 2014, v. 44, n. 153 [Acessado 18 Julho 2022], pp. 648-669. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/198053142768>>. Epub 07 Jan 2015. ISSN 1980-5314. <https://doi.org/10.1590/198053142768>.

GOELLNER, Silvana e colaboradores. Pesquisa qualitativa na educação física brasileira: marco teórico e modos de usar. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 381-410, 3. trim. 2010. DOI: 10.4025/reveducfis.v21i5.8682.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 67-80.

GONÇALVES, Josilaine C. KRAWCZYK, Nora. QUADROS, Sérgio F. de FORATO, Sílvia. Quando tudo começa...ou (re)começa: pegadas a caminho da reforma do Ensino Médio. In: **A reforma do ensino médio em São Paulo** [recurso eletrônico]: a continuidade do projeto neoliberal / organização Nora Krawczyk , Dirce Zan ; autores Ana Beatriz Gasquez Porelli... [et al.] . - 1. ed. - Belo Horizonte [MG] : Fino Traço, 2022. recurso digital. P. 11-45. Disponível em: E-book "A Reforma do Ensino Médio em São Paulo: a continuidade do projeto neoliberal" - Fino Traço Editora (finotracoeitora.com.br)

GONZÁLEZ, Fernando J.; FENSTERSEIFER, Paulo E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 9-24, set 2009. Disponível em: https://www.unesc.net/portal/resources/files/354/entre_o_nao_mais_e_o_ainda_nao.pdf. Acesso em: 30 jan 2023.

HERNANDES, Paulo R. A Reforma do Ensino Médio e a produção de desigualdades na educação escolar. **Educação**, [S. l.], v. 44, p. e58/ 1–19, 2019. DOI: 10.5902/1984644434731. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/34731>. Acesso em: 20 jan. 2023.

HORN, Geraldo. B.; MACHADO, Alexsander. A reforma do ensino médio no discurso neoliberal da liberdade e da qualidade da educação. **Jornal de Políticas Educacionais**. V. 12, n. 24 Novembro de 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/61057/37291> . Acesso em 16 ago. 2022.

IMPOLCETTO, Fernanda, M. DARIDO, Suraya C. Educação Física como componente curricular da Educação Básica: aspectos legais. P. 14-27. In: **Desafios da educação física escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF** [recurso eletrônico] / Denise Ivana de Paula Albuquerque e Maria Candida Soares Del-Masso. - São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

JACOMINI, Márcia A. Novo Ensino Médio na prática: a implementação da reforma na maior rede de ensino básico do país. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 16, n. 35, p. 267–283, 2022.

DOI: 10.22420/rde.v16i35.1569. Disponível em:
<https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1569>. Acesso em: 20 jan. 2023.

KRAWCZYK, Nora. Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. **Cadernos de pesquisa**, V.41, nº.144, set./dez 2011. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cp/a/mq5QhqMxcsdJ9KfDZjqLmtG/?lang=pt&format=pdf> . Acesso em: 14 ago 2021.

KRAWCZYK, Nora; FERRETTI, Celso J. Flexibilizar para quê? Meias verdades da “reforma”. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 11, n. 20, p. 33-44, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/download/757/pdf/2352>. Acesso em 30 jan 2023.

LADEIRA, Maria F. T. DARIDO, S. C. Educação Física e Linguagem: algumas considerações iniciais. *Motriz*. Rio Claro. v. 9, n. 1, p. 25-32, jan/abr 2003. <https://doi.org/10.5016/1149>. Disponível em:
<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1149>. Acesso em: 27 jan 2023.

LIBÂNIO, José C. **Democratização da Escola Pública** – a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4430722/mod_resource/content/1/2%20-%20LIB%20C%2082NEO%20C%20J.C.%20Tend%20C3%A2Ancias%20Pedag%20C3%B3gicas%20na%20Pr%20C3%A1tica%20Escolar..pdf. Acesso em 21 nov 2022.

LOPES, Alice. C. Itinerários formativos na BNCC do Ensino Médio: identificações docentes e projetos de vida juvenis. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 13, n. 25, p. 59–75, 2019. DOI: 10.22420/rde.v13i25.963. Disponível em:
<https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/963>. Acesso em: 8 ago. 2022.

MACHADO, Perla. C. F.; RAMOS, Glauco. N. S. As aulas de Educação Física no Centro de Mídias do Estado de São Paulo: elementos iniciais para problematização. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**. XVI Seminário de Educação Física Escolar, (São Paulo) 2021 Nov; 35 Supl 14:15XX-R.93.

MAINARDES, Jefferson. MARCONDES, Maria. I. Entrevista com Stephen J. Ball: um diálogo sobre justiça social, pesquisa e política educacional. **Educação & Sociedade** [online]. 2009, v. 30, n. 106, pp. 303-318. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302009000100015>>. Epub 02 Jul 2009. ISSN 1678-4626. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302009000100015>. Acesso em 29 ago. 2022.

MILEO, Thaisa R.; KOGUT, Maria C. A importância da formação continuada do professor de educação física e a influência na prática pedagógica. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, III Encontro Sula Brasileiro de Psicopedagogia. 26 a 29 de outubro de 2009. PEUCPR. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Maria-Kogut-2/publication/263580053_A_IMPORTANCIA_DA_FORMACAO_CONTINUADA_DO_PROFESSOR_DE_EDUCACAO_FISICA_E_A_INFLUENCIA_NA_PRATICA_PEDAGOGICA_A/links/00b7d53b44792b3f89000000/A-IMPORTANCIA-DA-FORMACAO-CONTINUADA-DO-PROFESSOR-DE-EDUCACAO-FISICA-E-A-INFLUENCIA-NA-PRATICA-PEDAGOGICA.pdf. Acesso em: 31 jan 2023.

MOLL, Jaqueline; GARCIA, Sandra. Prefácio. **In: Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo** / Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia, organizadores. – Belo Horizonte, p. 7-9. 2014. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2015/01/livro-completo_juventude-e-ensino-medio_2014.pdf. Acesso em 30 jan 2023.

MOTTA, Vânia C., FRIGOTTO, Gaudêncio. Por que a urgência da reforma do ensino médio? Medida provisória nº 13.415/2017). **Educação & Sociedade**, v. 38, n. Educ. Soc., 2017 38(139), abr. 2017. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017176606>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/8hBKtMRjC9mBJYjPwbNDtk/abstract/?lang=pt>. Acesso em 20 jan 2023.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S.; (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 3ª ed. Porto Alegre: UFRGS/ Sulina, 1999. p. 61-99.

NEIRA, Marcos. G. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. 2018a. V. 40(3). p. 215-223. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/m5NJPS7PQnCCxZZtCsdjsqL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 nov 2022.

NEIRA, Marcos. G. A Educação Física nos documentos curriculares nacionais do ensino médio. In: FARIAS, U.S.; MALDONADO, D. T.; NOGUEIRA, V. A. (org.). **Educação Física escolar no ensino médio- a prática pedagógica em evidência**. Vol.36. Curitiba: Editora CRV, 2018b. p. 17-32.

NEVES, J.L. Pesquisa qualitativa-características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, nº 3, 1996. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf. Acesso em: 26 out. 2021.

NEVES, José L. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v.1, nº 3, 2º sem./1996. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/54648986/PESQUISA_QUALITATIVA_CHARACTERISTICAS_USO-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1669059764&Signature=N7UVTajuraJ6u4pMVvyRd~mOmwrK507QPzUjd2Ps-bqnheqEtvfJz3JksXuNcSCy2FKsRuC73~qRZKwTeiRXSst2AZBPXeHZ6FmdqlGDmjj2g105ZbVyZ6mcFBSMujX3pFCISVHZPQCys3YffTE~Ykgrass6dwSQBOZ134ptZIJ2rYwLcXj2WF6fvH0GCkcTAOcJLYqtfUryNJXepDvtlig9lx15PaBMPboKhqXZrAkIDmFqjMQwpe3WStgArTCQ~liQFHmMLS4s3oA01QQyQ-a3pnJXc1j5bapgKHUAIAbc4vBpAhMDjeUhji~dnPjjqsq2PygpbONTkMPehGCpw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 26 out. 2021.

O NOVO ENSINO MÉDIO EM PROFUNDIDADE. Publicado pelo canal: **Movimento pela Base**. 1 vídeo (3:58min). [2020?]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WjT-YrMo_aI. Acesso em: 25 jan 2023.

OLIVEIRA, Cláudio; ALMEIDA JR, Admir S.; GARIGLIO, José Â. Educação Física Escolar, Juventudes e Processos de Escolarização no Contexto das “Novas” Políticas Educacionais: perguntas *para e com* os sujeitos do Ensino Médio. In: NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T.; FARIAS, U.S. (org.). **Educação Física escolar no ensino médio- a prática pedagógica em evidência 2**. Vol.37. Curitiba: Editora CRV, 2018. p. 17-38.

OLIVEIRA, Eduardo A. M.; FALK, Josilene E.W.M.; CARVALHO, Michele P.; GONÇALVES, Emerson N. C. Parâmetros curriculares nacionais do ensino médio, formação docente e a gestão escolar. **XXVI Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação**, 2013. Disponível em: <https://anpae.org.br/simposio26/1comunicacoes/EduardoAugustoMosconOliveira-ComunicacaoOral-int.pdf>. Acesso em 29 ago. 2022.

PEREIRA, Cláudia S. M. **Reforma do ensino médio – lei 13.415/2017: avanços ou retrocessos na educação?** Dissertação [mestrado]. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola. Seropédica. 2019, 115 f.

PROPOSTAS Nacionais. **Poca**, [2018]. Disponível em: <https://poca.ufscar.br/index.php/como-propor-um-curso/>. Acesso em 13 dez 2021.

RIBEIRO, Sheila A. B.; FERREIRA, Simone B. L. **Pesquisa envolvendo seres humanos:** comitê de ética em pesquisa. Núcleo de Acessibilidade e Usabilidade. Programa de Pós-graduação em informática. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de ciências exatas e tecnologia. Dez 2016, v. 10

ROMAN, Marcelo. D. Neoliberalismo, política educacional e ideologia: as ilusões da neutralidade da pedagogia como técnica. **Psicologia USP [online]**. 1999, v. 10, n. 2, p. 153-187. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65641999000200011> . Epub 10 Ago 2000. ISSN 1678-5177. <https://doi.org/10.1590/S0103-65641999000200011>. Acesso em 17 set 2022.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Matriz Curricular do Ensino Médio para as turmas da 3ª série, em continuidade, que iniciaram o Ensino Médio em 2020 diurno**. [2023?]. Disponível em: https://novoensinomedio.educacao.sp.gov.br/assets/docs_ni/Matrizes_Novo_Ensino_Medio.pdf. Acesso em 20 jan 2023.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Material de Apoio ao Planejamento e Práticas do Aprofundamento Curricular: #SeLigaNaMídia – Linguagens e suas Tecnologias**. São Paulo. 2022a. Disponível em: https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2022/02/MAPPA_LGG_UC1.pdf . Acesso em 24 set de 2022.

SÃO PAULO (Estado). **Lei complementar nº 1.374, de 30 de março de 2022. (Última atualização: Decreto nº 66.807, de 02 de junho de 2022)**. Dispõe sobre o Do Plano de Carreira e Remuneração para Professores de Ensino Fundamental e Médio. 2022b. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei.complementar/2022/lei.complementar-1374-30.03.2022.html>. Acesso em 08 ago. 2022.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Educação de SP anuncia 261 novas escolas de tempo integral e entrega de ônibus aos estudantes.** [2022?]c. Disponível em: [https://www.educacao.sp.gov.br/educacao-de-sp-anuncia-261-novas-escolas-de-tempo-integral-e-entrega-de-onibus-aos-estudantes/#:~:text=A%20Secretaria%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20do,\(44%25%20da%20rede\)](https://www.educacao.sp.gov.br/educacao-de-sp-anuncia-261-novas-escolas-de-tempo-integral-e-entrega-de-onibus-aos-estudantes/#:~:text=A%20Secretaria%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20do,(44%25%20da%20rede)). Acesso em 30 jan 2023.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Resolução SEDUC nº97, de 08-10-2021.** 2021a Disponível em: <http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/RESOLU%C3%87%C3%83O%2097.PDF?Time=18/07/2022%2007:35:44>. Acesso em 23 jun. 2021.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Matrizes das Unidades Curriculares dos Aprofundamentos que Compõem os Itinerários formativos.** [2021?]b. Disponível em: https://novoensinomedio.educacao.sp.gov.br/assets/docs_ni/Matrizes_UnidadesCurriculares_AprofundamentosCompoem_Itinerarios_Formativos.pdf . Acesso em 23 dez 2021.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Um novo Ensino Médio.** [2020?]a. Disponível em: <https://novoensinomedio.educacao.sp.gov.br/> . Acesso em: 16 ago 2021.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Documento orientador Implementação do Novo Ensino Médio.** [2020?]b. Disponível em: https://novoensinomedio.educacao.sp.gov.br/assets/docs_ge/Documento_Orientador_Novo_Ensino_Medio_SP.pdf. Acesso em: 16 ago 2021.

SÃO PAULO (estado). Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. União dos Dirigentes Municipais de Educação do Estado de São Paulo. **Currículo paulista** (ensino médio). São Paulo: SEE-SP/UNDIME-SP, 2020c. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/>. Acesso em 21 jun. 2021.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. União dos Dirigentes Municipais de Educação do Estado de São Paulo. **Currículo Paulista – Etapa Educação Infantil e Ensino Fundamental.** São Paulo: SEE- SP/UNDIME-SP, 2019a. Disponível em: http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Portals/84/docs/pdf/curriculo_paulista_26_07_2019.pdf . Acesso em 08 ago 2022.

SÃO PAULO (Estado). Do Portal do Governo. SP Notícias. **Governo de São Paulo lança o programa “Inova Educação”.** 06 mai 2019b. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/governo-de-sp-lanca-o-inova-educacao/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SILVA, Cinthia. L. Nas linhas e entrelinhas dos Parâmetros Curriculares Nacionais/Educação Física/Ensino Médio. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 177–194, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643894>. Acesso em: 3 jan. 2023.

SILVA, Luís E. da. **Os desafios para a integração curricular no ensino médio em uma escola pública de educação básica.** Dissertação [Mestrado]. Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria/RS, 2017. 237 p.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira. Juventudes: desvelando a pluralidade de contextos e projetos de vida. *In: Educação Física no Ensino Médio: diagnóstico, princípios e práticas.* DARIDO, s. C. (org.). Ijuí. Ed. Unijuí, 2017. p. 41-56.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional;** trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
 Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
 Departamento de Educação Física e Motricidade Humana
 Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF
 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Responsável

Araraquara, ____ de _____ de 2022.

O/a menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado/a como voluntário/a para participar da pesquisa intitulada “A Educação Física e o Ensino Médio: perspectivas e desafios”. O objetivo do trabalho é analisar os processos de ensino na Educação Física desenvolvidos nas aulas de atuação da professora-pesquisadora no Novo Ensino Médio, inseridas nos itinerários formativos da área de Códigos e Linguagens.

Os benefícios da participação dele/a serão ajudar a entender sobre o processo de ensino e de aprendizagem da Educação Física nesta nova regulamentação do Ensino Médio de acordo com a lei nº 13.415/2017, intitulada “Novo Ensino Médio”, contribuindo para que sejam divulgadas e pensadas maneiras de oferecer uma Educação Física escolar de boa qualidade dentro dos itinerários formativos da área de Códigos e Linguagens.

As coletas serão realizadas nas aulas do Componente 3: Jornalismo e Inclusão nos esportes: práticas e experimentações (do Itinerário Formativo #SeLigaNaMídia) ao longo do primeiro semestre letivo de 2022 de uma turma da 2ª série do Ensino Médio. A professora da turma, também pesquisadora, registrará estas observações em um diário e realizará a aplicação de questionário sobre o assunto da pesquisa com os estudantes da turma. Tais ações estarão articuladas ao desenvolvimento das atividades regulares de ensino previstas no planejamento semestral, sem causar qualquer prejuízo de aprendizagem ao grupo, bem como, aqueles que não quiserem participar do estudo.

A participação do estudante na pesquisa não terá custos para você ou para ele. Como a pesquisa será realizada dentro da grade curricular, em horário habitual de aula, o aluno não terá custos adicionais com alimentação e transporte.

Os riscos da pesquisa estão ligados às contingências próprias das aulas de Educação Física, ou seja, tropeçar, esbarrar no colega, cair ou outra ação característica de práticas corporais realizadas em grupo. O/a estudante também poderá ter algum desconforto pelo fato de suas aulas serem registradas ou responder ao questionário. Contudo, se acontecer alguma dessas coisas, a professora-pesquisadora vai tomar todas as providências e dará a ajuda que você necessitar. Além disso, o participante terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

Caso você não entenda alguma coisa, não goste de qualquer situação descrita pelo/a menor sobre as aulas de Jornalismo e Inclusão nos esportes: práticas e experimentações ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a professora-pesquisadora Perla Cristina Frangioti Machado, pessoalmente [...]ou por e-mail [...]ou pelo telefone [...], ou professor Glauco Nunes Souto Ramos, que é orientador da pesquisadora, pessoalmente ou pelo e-mail: [...]ou pelo telefone [...].

Você e o estudante receberão uma via deste Termo (TCLE) rubricado em todas as páginas pela professora-pesquisadora.

O nome/identificação dele/a não será citado em nenhum lugar, nem repassaremos as informações dele/a a qualquer outra pessoa. O que ele/a fizer ou falar durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pela professora-pesquisadora.

Ele/a ou o/a responsável, não receberão nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa. Os direitos dele/a como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações da resolução nº 466 de dezembro de 2012 do CNS, que trata do respeito ao ser humano nas pesquisas científicas.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do/a menor sob minha responsabilidade na pesquisa e concordo que ele/a participe. O pesquisador me informou que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar (CEP), que, vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem a responsabilidade de garantir e fiscalizar que todas as pesquisas científicas com seres humanos obedeçam às normas éticas do País, e que os participantes de pesquisa

tenham todos os seus direitos respeitados. O CEP-UFSCar funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos [...].

Endereço eletrônico: [...]

Endereço para contato (24 horas por dia, sete dias por semana)

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos

Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (UFSCar) Endereço: [...]

Contato telefônico: [...]e-mail: [...]

Eu, _____, CPF _____, o/a autorizo a participar da pesquisa.

Assinatura do/a responsável

Assinatura do/a pesquisador/a

APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
 Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
 Departamento de Educação Física e Motricidade Humana
 Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Araraquara, ____ de _____ de 2022.

Olá, estamos convidando você para participar da pesquisa com o título: “A Educação Física e o Ensino Médio: perspectivas e desafios”. O objetivo do trabalho é analisar os processos de ensino na Educação Física desenvolvidos nas aulas de atuação da professora-pesquisadora no Novo Ensino Médio, inseridas nos itinerários formativos da área de Códigos e Linguagens.

Os benefícios da sua participação serão ajudar a entender sobre o processo de ensino e de aprendizagem da Educação Física nesta nova regulamentação do Ensino Médio de acordo com a lei nº 13.415/2017, intitulada “Novo Ensino Médio”, contribuindo para que sejam divulgadas e pensadas maneiras de oferecer uma Educação Física escolar de boa qualidade dentro dos itinerários formativos da área de Códigos e Linguagens.

O estudo será realizado pela pesquisadora Perla Cristina Frangioti Machado, sob a orientação do professor Glauco Nunes Souto Ramos.

As coletas serão realizadas nas aulas do Componente 3: Jornalismo e Inclusão nos esportes: práticas e experimentações (do Itinerário Formativo #SeLigaNaMídia) ao longo do primeiro semestre letivo de 2022 de uma turma da 2ª série do Ensino Médio. A professora da turma, também pesquisadora, registrará estas observações em um diário e realizará a aplicação de questionário sobre o assunto da pesquisa com você e sua turma. Tais ações estarão articuladas ao desenvolvimento das atividades regulares de ensino previstas no planejamento semestral, sem causar qualquer prejuízo de aprendizagem ao grupo, bem como, aqueles que não quiserem participar do estudo.

Sua participação na pesquisa não terá custos para você ou seu responsável. Como a pesquisa será realizada dentro da sua grade curricular, em seu horário de aula, você não terá custos adicionais com sua alimentação e transporte.

Os riscos da pesquisa estão ligados às contingências próprias das aulas de Educação Física, ou seja, tropeçar, esbarrar no colega, cair ou outra ação característica de práticas corporais realizadas em grupo. Você também poderá ter algum desconforto pelo fato de suas aulas serem registradas ou responder ao questionário. Contudo, se acontecer alguma dessas coisas, a professora-pesquisadora vai tomar todas as providências e dará a ajuda que você necessitar. Além disso, terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa.

Não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado sua participação.

Caso você não entenda alguma coisa, não goste de qualquer situação no decorrer das aulas de Jornalismo e Inclusão nos esportes: práticas e experimentações ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a professora-pesquisadora Perla Cristina Frangioti Machado, pessoalmente [...]ou por e-mail [...]ou pelo telefone [...], ou professor Glauco Nunes Souto Ramos, que é orientador da pesquisadora, pessoalmente ou pelo e-mail: [...]ou pelo telefone [...].

Você e o seu responsável receberão uma via deste Termo (TALE) rubricado em todas as páginas pela professora-pesquisadora.

Não vamos falar seu nome em nenhum lugar, nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa. O que você fizer ou falar durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pelo professor-pesquisador.

Você não vai receber nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa.

Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações da resolução nº 466 de dezembro de 2012 do CNS, que trata do respeito ao ser humano nas pesquisas científicas.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar (CEP), que, vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem a responsabilidade de garantir e fiscalizar que todas as pesquisas científicas com seres humanos obedeçam às normas éticas do País, e que os participantes de pesquisa tenham todos os seus

direitos respeitados. O CEPUFSCar funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos [...]Endereço para contato (24 horas por dia, sete dias por semana)

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos

Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (UFSCar)

Endereço: [...]

Contato telefônico: [...]e-mail: [...]

Araraquara, _____ de _____ de 2022.

Prof. Dr. Glauco N. S. Ramos

Nome do Pesquisador

Assinatura do Pesquisador

Nome do Participante

Assinatura do Participante

APÊNDICE C – DIÁRIO DE BORDO DA PROFESSORA DO PERÍODO ANTERIOR AO INÍCIO DA PESQUISA.

- As primeiras aulas foram do chamado “acolhimento”, ou seja, atividades diversas programadas para a integração dos alunos com a escola.

- Minha turma é o 2º ano A. Tenho uma aula às segundas-feiras e duas às sextas-feiras. Hoje expliquei a eles como funcionaria o componente 3 - Jornalismo e Inclusão nos Esportes – práticas e experimentações, pertencente ao itinerário formativo #SeLigaNaMídia. A ideia inicial era apresentar o objetivo do componente e o esquema, a logística das aulas baseada no MAPPA. Conforme comecei, os alunos ficaram agitados e começaram a falar, muito revoltados, sobre estas mudanças, especialmente quando frisei que o que tínhamos não seria mais a aula de Educação Física que eles estavam acostumados, que a proposta do Estado iria oferecer o componente Educação Física em contraturno. Muito angustiados e nervosos, disseram que não irão voltar à tarde para a escola, pois moram longe, trabalham etc. Conversamos bastante sobre esta implementação (que, inclusive, tem sido divulgada por propagandas/mensagens na TV aberta <https://www.youtube.com/watch?v=rffon63gGBY>), falei que a lei foi aprovada em 2017 e que este ano era o prazo máximo para todo o Brasil iniciar, mas, que as escolas de São Paulo começaram no ano passado, por isso eles já estavam com o segundo ano, expliquei como é feito o processo de transição, mas a angústia e revolta não cessavam, pois eu também não tinha todas as respostas! Reforcei que estamos aprendendo juntos e que conto muito com a participação deles. Aparentemente eles toparam! Combinamos de nos comunicarmos por um grupo de WhatsApp da turma em que eu estarei presente. Confesso que as trocas foram intensas!

- Os alunos estavam de aula vaga quando cheguei. Como eles estavam no pátio, questionei se queriam fazer aula por ali mesmo, eles disseram que sim. Então buscamos um lugar na parte externa que havia sombra e nos sentamos em roda. No início, a maioria deles já se posicionou no círculo, entretanto, alguns deles não. Iniciei a aula retomando rapidamente o que eles deveriam trazer hoje, comentei os objetivos da aula, em seguida perguntei sobre a pesquisa, eles foram falando e eu anotando no caderno. Como os alunos que estavam fora da roda não manifestaram interesse em mudar de posição, eu parei a aula e disse que eles deveriam escolher, ou entrariam no círculo com a turma ou a gente subiria para a sala e teríamos uma aula sentados nas cadeiras das carteiras, pois não poderia continuar com alunos que estavam de costas para mim. Imediatamente eles começaram a se organizar e se integraram ao restante do grupo (além da iniciativa deles, o grupo que estava em roda já fez uma pressão, chamando-os, para que eles se arrumassem conosco). Continuando a aula, eles foram dizendo inclusive sobre as modalidades que são divulgadas em canais (de TV) fechados, aparentemente eles fizeram uma pesquisa e algum texto dizia isso: “modalidades divulgadas e canais abertos e fechados”. Pedi para eles enviarem as pesquisas no grupo do WhatsApp, então poderei fazer melhor esta análise. Além desta, comentaram sobre as atividades pouco divulgadas. Um aluno que faltou na aula, me enviou a pesquisa pelo WhatsApp, fiquei feliz com a iniciativa dele. Em seguida, conversamos um pouco sobre as modalidades que eles trouxeram e escolhemos a que iremos praticar: mais divulgada: vôlei de praia (fiquei em dúvida, mas não questionei na hora, agora vou olhar as pesquisas que enviarem no grupo), das menos divulgadas: salto em altura, natação e rugby. Percebi que a metade da turma está ansiosa pela proposta, enquanto os demais estão dentro de uma “normalidade” de interesse, se posso dizer que isso existe! Eles também me entregaram os nomes dos grupos de trabalho. Fiquei de passar pelo WhatsApp a pesquisa para a aula da próxima sexta-feira. A aula passou muito rápido, porém percebi uma boa interação.

- Enviei mensagem pelo grupo do WhatsApp com as orientações para a aula de hoje. Ainda por lá, dois alunos me retornaram dizendo que poderiam cuidar do canal de mídia (Instagram e Facebook). Hoje, ao iniciar a aula, retomei esta mensagem e solicitei voluntários para fazerem a logo, mais dois alunos se voluntariaram. Perguntei se alguém estava sem grupo de trabalho e quem não estava no grupo do WhatsApp, em seguida, organizamos as pessoas que se manifestaram. Expliquei sobre o acompanhamento (fora da escola - assíncrono) que eles terão que fazer das modalidades escolhidas. Tenho a sensação de que alguns alunos estão muito empolgados, outros uma motivação “normal” e um grupo de uns 5 a 10 alunos que não se interessam, preciso ficar chamando a atenção deles no sentido de: “gente, vocês fazem parte disso, vamos fazer juntos!”. Esse “fazer juntos” eu

estou reforçando a todo momento! Em seguida, disse que iríamos vivenciar o salto em altura, que foi uma das modalidades de pouca divulgação escolhida por eles. Expliquei que faríamos um rodízio dos grupos, ou seja, alguns fariam o salto enquanto os outros registrariam por meio de fotos e vídeos, depois inverteríamos os papéis (pensei nesta lógica me inspirando na metodologia *sport education*). Fomos para a quadra e como tínhamos aula dupla, imaginei que conseguiríamos fazer tudo o que eu havia planejado! Porém, não deu tempo, não conseguimos fazer o rodízio. Foi a primeira vez que trabalhei com os saltos (os colchões foram estreados hoje, compramos no ano que iniciou a pandemia e não havíamos tido a oportunidade de usá-los), precisei fazer adaptações no colchão (pensei que os dois colchões que temos seriam suficientes, mas não foram! Usamos também os colchonetes, mudamos várias vezes as posições deles para que não causasse nenhum acidente). Comecei a vivência com um “pega-pega pula-sela” para eles aquecerem, em seguida, fizemos algumas movimentações articulares e, em seguida, fomos para os saltos. Como um dos alunos disse que já tinha sido atleta de salto, pedi que ele mostrasse aos demais como fazer, depois os outros foram tentando. Nesta parte da aula percebi que muitos que deveriam estar praticando que fizeram a parte do aquecimento, não foram saltar, e sobre os registros, um grupo estava fazendo certinho e nos demais, um ou outro integrante estava realizando a tarefa, mas de maneira muito bacana, tentando ângulos diversos, vídeos em velocidade normal e em câmera lenta. Como precisei demandar uma atenção maior para quem estava saltando, não consegui ficar sondando e incentivando os que estavam parados, fiquei com medo de alguém se machucar, caso eu sáísse de perto. No final da aula avisei que vou encaminhar neste final de semana, no grupo do WhatsApp, o questionário diagnóstico para que eles respondam. Encerramos a aula. Pretendo fazer a vivência do rodízio na próxima aula, mas estou achando que eles não irão aceitar, espero que eu esteja enganada!

- Para a aula de hoje havia programado o rodízio dos grupos (os que tinham registrado, praticariam o salto em altura e vice-versa). Comentei que percebi que muitos dos que deveriam praticar na aula passada ficaram se esquivando e não fizeram, responderam que estavam com vergonha ou com medo de se machucar, também falei sobre os que deveriam registrar e que não o fizeram, alguns argumentaram que não têm memória no celular, outros deram a entender que é chato, enfim! Outro grupo já se manifestou que não era esse o combinado, entretanto estavam resistentes a terem que praticar o salto, conversei com eles e disse que o que valeria era a ação, que cada um poderia saltar como se sentisse mais confortável.

Com relação ao rodízio, uma turma me interrompeu e começou a falar que queria jogar futebol, aula livre (que eles escolham o que fazer sem a minha intervenção, inclusive eles podem ficar sem fazer qualquer atividade), queimada etc., o típico estereótipo da Educação Física que eu sofro no dia a dia da escola, especialmente de alunos que vieram de professores “rola-bola”. Precisei retomar que não era aula do componente curricular Educação Física e que não foi isso que havíamos combinado. Estamos em um outro momento e nos Itinerários Formativos. Descemos para a quadra, o tempo já estava escasso, montamos as coisas e fui para o aquecimento, assim como na aula passada e, em seguida, para os saltos. Alguns alunos que deveriam estar registrando acabaram praticando, outros ficaram sem fazer nada e um grupo fez um ou dois saltos cada um. Esta situação me incomodou, entretanto não interagi de nenhuma maneira, pois o tempo era curto e fiz a minha escolha de me atentar aos que queriam participar da aula. Tem uma aluna que está sem celular por castigo, gosta de escrever e está registrando tudo no caderno dela (ela se nega a fazer qualquer atividade física, diz que é sedentária e não consigo motivá-la a uma mudança de comportamento), disse que eu traria uma câmera para emprestar para ela, mas ela também se negou e pediu para eu deixá-la escrevendo sobre a aula, sendo assim, pedi que anotasse também quem não estava participando da atividade. Posteriormente vou ler o material dela. Sinto que a aula não rendeu o quanto deveria, gastei tempo repetindo coisas que eles, teoricamente, já deveriam saber, tive que solicitar a alguns alunos de outra turma, que estavam com o professor substituto de Educação Física e que, infelizmente, tem uma postura de desinvestimento pedagógico, para que sáíssem da quadra para que eu pudesse usá-la, já que eles estavam ocupando todos os outros espaços disponíveis, alunos meus que se misturaram com os alunos deste professor, enfim, uma situação difícil que é chato de resolver, pois teria que conversar com o professor ou com a gestão sobre a postura dele. Também senti um desinteresse pelo grupo do WhatsApp, enviei um vídeo curto do TikTok sobre o curling, como modalidade pouco divulgada, e não tive nenhum comentário!

• Hoje, utilizamos nossas duas aulas para conversarmos sobre os problemas da turma (algo que conversamos e combinamos de fazer na aula de Projeto de Vida!). Percebo que há a resistência sempre dos mesmos alunos, os que acham que “estamos perdendo tempo” fazendo este tipo de aula, para eles as coisas são assim e não tem o que melhorar, e ficam no famoso “vamos jogar futebol”! Percebo que para eles, o “jogar futebol” é o que de melhor a escola tem a oferecer. Todo o restante é perda de tempo, não há uma perspectiva de futuro, ou talvez o futebol seja esta perspectiva, honestamente, não sei responder. Entretanto, uma boa parte da turma falou, conversamos sobre direitos e deveres, o foco era discutirmos sobre as nossas aulas, as que leciono para eles, porém, toda vez que puxava para este lado, logo o assunto se desviava para outros relacionados a um professor específico, a professores de maneira geral, à gestão e funcionários do quadro de apoio, ou seja, a todo sistema educacional! Se queixaram muito da maneira como são tratados no grito, como existem professores que simplesmente chegam e colocam as aulas gravadas do Centro de Mídias de São Paulo (CMSP) para eles assistirem. Tentei mostrar a eles o outro lado, de talvez entender o porquê essas pessoas agem assim, e questionei o que poderíamos fazer, perguntei se a mudança poderia começar com eles. Um aluno novo na turma (começou nesta semana) disse como era na escola antiga dele, onde todos se respeitavam, sugeriu que não revidassem as agressões, pois assim mostrariam com exemplos o como gostariam de serem tratados. Alguns relutaram questionando: vamos ouvir provocações e vamos ficar quietos? E o aluno novo e eu, mais algumas alunas dizíamos sim, você fica em silêncio, inclusive uma delas disse que sua avó sempre falava que a “melhor arma é o silêncio”. Chegamos a uma conclusão de que eles deveriam ser alunos melhores para provocar uma reação positiva nas pessoas, para posteriormente, chamarem os interessados para uma conversa. Discutimos sobre uma reflexão que eu tinha ouvido em uma palestra: usar a palavra “trabalhar” ao invés de “tentar”, pois quem tenta logo vai desistir, faz algumas tentativas e só, já quem trabalha, vai persistindo, trabalhando no que precisa ser modificado. Infelizmente este tipo de aula, em que os alunos são ouvidos, não acontecem frequentemente na escola, ou por não haver tempo, ou até mesmo porque muitos professores entendem que não é papel deles resolver estas questões e porque a escola, especialmente nossos superiores, não incentivam e nem preparam para o desenvolvimento destas práticas. Entendo que estas discussões não se relacionam diretamente com os conteúdos do Itinerário, mas sim, com os objetivos gerais da Educação, que são de formar o cidadão integralmente, desenvolvendo um cidadão crítico e participativo. Por fim, o objetivo estabelecido ficou em trabalharem com este professor e cumprirem os seus deveres como alunos, como por exemplo, entrarem na sala de aula no horário, além de não revidarem quando forem chamados à atenção. Agora pouco eu perguntei no grupo do WhatsApp se eles haviam conseguido colocar em prática e eles responderam que sim, inclusive um dos alunos que é considerado o “bagunceiro e causador de problemas da turma” levantou a mão para tirar uma dúvida e logo foi “atacado pelo professor”, ele não revidou e disse que queria fazer uma pergunta, o professor respondeu. Elogiei a ação deles, especialmente do aluno que não reagiu e participou (Pois até quando encerramos nossa aula este aluno estava me dizendo que não ia entrar na aula deste professor).

Enfim, percebo o quanto eles são carentes de serem ouvidos e o quanto que eu estou sozinha nesta empreitada, pois não são somente os alunos que são tratados desta maneira pela gestão, nós professores também. E, infelizmente sinto o quanto meus pares não estão preocupados com estas questões, parecem que não há um colega feliz e animado por ser professor. É muito triste.

• Ontem estava preparando as aulas da parte de Sistematização da atividade 1 e percebi que no MAPPA não há sugestões de crônicas esportivas, justo nessa parte que considero ter mais dificuldades, pois a relacionada aos esportes e mídias, tenho mais acesso a informações e mais conhecimento, ou seja, me sinto muito mais preparada do que para buscar crônicas. Além disso, ao fazer minha pesquisa na internet pelo site Google, a grande maioria das crônicas são pagas, talvez por isso que eles não as cederam a nós! Me senti muito desamparada pelo material, pois me ofereceu o que eu já sabia na Introdução e no Desenvolvimento e me deixou com poucas informações na Sistematização. Hoje iniciei a aula conversando com eles sobre a modalidade que eles escolheram com muita divulgação, havia sido vôlei de praia, mas questionei sobre a data da reportagem, era uma reportagem antiga, aproximadamente 4 anos atrás. Perguntei qual é a modalidade que eles realmente veem toda hora na TV e nas mídias, eles disseram que é o futebol. Expliquei que o futebol que faríamos na escola era adaptado, pois não tínhamos, por exemplo, o campo. Deixei livre para escolherem quem gostaria de praticar (frisando que gostaria que as meninas participassem) e quem

queria registrar, montamos 3 times para o jogo e os demais registraram, mas mais uma vez houve alunos que não participaram de nenhuma das funções. O pouco tempo de aula me atrapalha muito, só para irem e voltarem da quadra são praticamente 10 minutos de aula. Fico muito frustrada, tenho a sensação de que não estou desenvolvendo as aulas de maneira adequada. Eles jogaram 5 minutos em cada jogo, cada equipe participou duas vezes, mas sem qualquer preparação, somente dividimos os times (as meninas escolheram) e combinou-se jogar com as regras que conheciam. Estamos bem atrasados com relação à proposta sugerida no MAPP. Não houve tempo para qualquer tipo de reflexão e finalização da aula. Eles novamente enviaram os registros no grupo do WhatsApp. Ainda lá, enviei um lembrete sobre a aula no dia anterior, solicitando que viessem com roupa adequada para a atividade prática que faríamos na aula, trouxessem água, máscara reserva, entre outras recomendações, entretanto, percebi que eles não leram a mensagem. Enquanto fazia minha ATPC a nova coordenadora pedagógica do ensino médio parou para conversar comigo e disse que esteve em formação sobre os itinerários formativos e o MAPP. Comentou que vai tentar se reunir com todos os professores dos itinerários para passar a formação. Aparentemente eles estão exigindo uma rigidez com as atividades do material de apoio e cobrando a interação entre os componentes da Unidade Curricular (UC). Algo que me surpreendeu, pois segundo a primeira orientação que tivemos, poderíamos fazer como quiséssemos, desde que respeitássemos os objetivos do componente. aguardo orientações para saber se continuarei com meu planejamento ou se terei que alterá-lo.

APÊNDICE D - DIÁRIOS DE AULA DA PROFESSORA-PESQUISADORA

Diário 1 – aulas 1 e 2 - 11/03/2022

Na ATPC de quarta-feira a coordenadora pedagógica do Ensino Médio disse que os itinerários formativos seriam divididos em turmas não seriadas, ou seja, teriam alunos dos três 2ºs anos (A, B e C), conforme uma “escolha” dos estudantes (escolha que teoricamente ocorreu ano passado), e que as aulas seriam as cinco primeiras de segunda e sexta-feira, fiquei surpresa, pois já estou desenvolvendo o componente com o 2º ano A desde o início do ano. Ela disse que não precisaria recomeçá-lo, mas explicar aos alunos como temos trabalhado e continuar o planejamento, também explicou a mim e ao outro professor do itinerário que deveríamos caminhar juntos nas atividades propostas no MAPPA, entretanto, dos 4 componentes do #SeLigaNaMidia, apenas 2 estão com professores ativos, um está sem professor, pois a aula não foi atribuída (aparentemente não existe professor disponível) e no outro a professora está de licença gestante e não existe substituto (mais uma vez pela falta de professores a aula também não foi atribuída). Além disso, o professor que está ministrando as aulas junto comigo disse que precisa oferecer informações prévias aos alunos para conseguir desenvolver as atividades propostas no MAPPA (trecho 1).

Tem sido muito difícil esse período de “implantação” do Novo Ensino Médio, cada hora com um tipo de orientação ou diretriz! Entendo que é difícil para a direção, para os professores e... para os alunos! Olhem a dificuldade!!!! (trecho 2).

Ainda, fiquei surpresa com mais uma informação sobre os itinerários: que no segundo semestre eu vou oferecer exatamente o mesmo componente para outra turma, sendo que o que eu havia entendido era que mudaria o componente, em outro itinerário da área de Linguagens (trecho 3). Por fim, a coordenadora disse que começaria na próxima segunda-feira as turmas não seriadas, argumentei que poderiam iniciar nesta sexta (hoje), senão estaríamos perdendo mais um dia, já que as turmas mudariam. Ela aceitou e combinou que faria a mudança logo na primeira aula. Pedi permissão para eu avisar os alunos através dos grupos do WhatsApp que criei com os 2ºs anos (pois sou professora de Projeto de Vida deles), enviando as novas listas das turmas, ela deixou e assim o fiz, tendo um retorno já conturbado dos alunos, com reclamações de que não estavam no itinerário que escolheram e até com a ausência dos nomes nas três listas. Eu entro na escola na segunda aula do dia, teoricamente as salas já estariam divididas, mas logo encontrei a coordenadora que disse que ainda não havia ido conversar com eles. Pressionei e ofereci ajuda para fazer as mudanças, pois senti que a situação não iria mudar, adiando ainda mais este processo (trecho 4).

Subimos e ela iniciou na turma que eu estava, falando sobre o horário de expansão e as aulas de Educação Física (que são no contraturno e o Estado não oferece alimentação e transporte para que os alunos frequentem, também falou que as dispensas são para os que trabalham ou que são afastados por atestado de saúde, entretanto, na minha percepção deu a entender que eles, entendendo a situação dos estudantes, poderiam “justificar” a ausência”) o processo demorou e ela solicitou que eu aguardasse a próxima aula para que os alunos se reagrupassem, já que ainda passaria nos outros segundos anos, fiquei aguardando com eles em sala, quando deu o horário saímos, mas ela ainda estava conversando com a outra turma e faltava a terceira (trecho 5). Perguntei se poderia organizá-los, chamando os alunos das outras salas e ela deixou, então fui às turmas que faltavam, separei-os pelas listas e, em seguida, meus alunos e eu descemos para a quadra.

Formamos um círculo para que eu explicasse o que havíamos realizado até o momento, comentei sobre o mestrado e o projeto de pesquisa, mas a apatia foi muito grande, pareciam alienados a tudo. Os que já eram meus alunos estavam desinteressados, pois conheciam toda aquela conversa, os demais pareciam perdidos e/ou desinteressados. Questionei quem estava ali porque havia escolhido, poucos ergueram as mãos, a grande maioria relatou estar sem saber direito o que eram os itinerários, como foi esta escolha, enfim, totalmente perdidos nesta nova dinâmica (trecho 6). Fiquei muito desanimada com toda esta situação, com a impressão de que nada vai acontecer, que sempre estamos desamparados e que a cada semana haverá uma surpresa desagradável, que será aquele esquema “eu finjo que ensino e vocês fingem que aprendem”. Mas vou respirar fundo e seguir, resistir é preciso! (trecho 7).

Para finalizar, falei que vou montar outro grupo no WhatsApp, agora com os estudantes do itinerário, eles toparam.

Diário 2 – aula 3 - 14/03/2022

Hoje eu cheguei na escola e passei pelas salas de aula e percebi que as turmas não estavam separadas pelos itinerários, questionei dois professores que estavam à porta e eles disseram que não sabiam o que tinham que fazer. Disse que precisavam trocar as salas e que os alunos já sabiam quais eram as turmas deles. Passei avisando nas salas e eles trocaram naquele momento. Algo que não era meu trabalho, mas que se não fizesse eu iria perder mais tempo (trecho 1).

Em sala de aula, decidi retomar e explicar novamente sobre o Novo Ensino Médio, como estava estruturado, o que era nosso itinerário e o meu componente (trecho 2). Também expliquei sobre o mestrado profissional e meu projeto de pesquisa. Entreguei os termos de consentimento para os alunos e os que aceitaram participar, entreguei o termo para os responsáveis preencherem (06 alunos se recusaram e 23 aceitaram participar).

A aula passou e ficamos somente nestas explicações, sinto que os alunos e eu estamos bem desanimados (trecho 3). Na sexta-feira vou continuar a Atividade 1, iniciando a parte de sistematização. Também vou montar o grupo no WhatsApp para que possa conversar com eles.

Diário 3 – aulas 4 e 5 - 18/03/2022

Hoje iniciei a aula recolhendo as autorizações dos responsáveis para os alunos participarem da pesquisa, poucos levaram, mesmo eu tendo enviado um lembrete ontem no grupo do WhatsApp, também entreguei novos para quem havia faltado e para quem tinha perdido.

Durante a semana, informalmente, sondei alguns alunos que não aceitaram participar sobre o motivo da negativa e a maioria disse: “não sei”. Para promover uma reflexão fui fazendo perguntas para que eles pensassem nos motivos, dois deles disseram que era porque não haviam entendido o que era para fazer, então expliquei novamente e perguntei se eles gostariam de participar, responderam que sim, mas hoje eles faltaram. Um terceiro aluno respondeu que não sabia e que não ia participar porque ele não quer.

La dar início a terceira parte da Atividade 1 do MAPPA que é o trabalho com as crônicas esportivas. Entretanto os alunos pediram para descermos e fazermos esta atividade nas mesas que temos no corredor (um corredor multiuso próximo ao pátio), relutei, mas eles insistiram pois queriam sair da sala. Se eu fosse eles, também ia querer sair! Então disse que iria se eles prometessem trabalhar, responderam que o fariam (trecho 1).

Descemos e pedi que se organizassem em grupos de livre escolha (em grupos, pois acreditei que eles participariam mais da atividade, no material eles sugerem uma leitura compartilhada; imprimir uma cópia para cada aluno) e expliquei que eles iriam ler as crônicas que eu levei, depois rapidamente as apresentariam para os demais alunos e, em seguida, elaborariam uma crônica esportiva baseada no que vivenciamos nas aulas ou em experiências de vida para aqueles que são novos na turma. Também comentei que não era especialista em crônicas e que, apesar de ter estudado, ainda confundo crônicas com relatos. Comentei sobre as características das crônicas (trecho 2).

O material sugere que eu apresente crônicas relacionadas com as modalidades que vivenciamos nas aulas, porém não encontrei. Levei outras crônicas esportivas (trecho 3).

Fazê-los ler foi muito difícil, as crônicas tinham uma página, com letras grandes (tamanho 12), reclamaram que era muita coisa para ler! Fui passando de grupo em grupo para incentivá-los, eles “enrolaram”, mas estavam lendo, quando passava perguntando sobre o que eles tinham entendido a resposta era: “nada”. Falava para eles: não é possível que vocês não entenderam nada! Porém, eles insistiam. Percebi que teria que ler junto com eles (trecho 4).

Fui em um grupo e pedi que eles lessem em voz alta, mas vi muita dificuldade tanto de leitura, como de compreensão de muitas palavras, além de não conseguirem se expressar. Ora eles, ora eu lia em voz alta, fui parando e questionando o que aquilo significava, tanto por palavras como a interpretação do texto, eles não sabiam muitas coisas (sempre me espanto com a falta de compreensão deles sobre itens que considero básicos na língua portuguesa), ensinei a pesquisarem no Google,

palavra por palavra, lugares que eram citados (onde se localizavam) etc (trecho 5). Ao agir de perto com o grupo, questionando-os pelos nomes, eles começaram a falar, até que um deles, que estava acompanhando, quando ficamos em dúvida em qual país o jogador citado na crônica tinha jogado, ele prontamente disse: “peraê, deixa eu procurar aqui” (se referindo a pesquisa no celular). Fiquei feliz com esta iniciativa e dei um feedback positivo a ele e ao grupo por estarem falando e tentando compreender (trecho 6). Em seguida, fiz o mesmo com outro grupo, aos poucos eles também foram se soltando e participando mais ativamente. Apareceu no texto uma palavra entre aspas, questionei-os se sabiam o porquê dela ter sido escrita assim, eles não sabiam, então chamei um aluno do grupo anterior, pois lá também havia uma palavra assim e falei para ele contar para os demais para que a palavra estava entre aspas e ele prontamente respondeu, portanto, eu acredito que eles - ou pelo menos ele - entenderam a explicação (trecho 7).

O problema foi que duas aulas se passaram e ainda faltaram três grupos para eu fazer esta leitura conjunta. Porém, entendo que este trabalho é necessário para realmente ser efetivo. Se eu fizesse uma leitura para a sala toda, provavelmente muitos não prestariam atenção e não se engajariam da mesma maneira. Um dos focos deste componente é a investigação científica, algo que não está acontecendo, eles não estão acompanhando as modalidades fora da escola e nem tomam a iniciativa de pesquisar o que não sabem ou conhecem. Considero que ainda há muito a ser feito para que os alunos realmente se interessem e ajam de maneira protagonista.

Combinei com eles que na próxima aula faria a leitura com os grupos restantes e que os que eu já acompanhei começarão a escrever a crônica.

Diário 4 – aula 6- 21/03/2022

Ao chegar na escola percebi que os alunos já estavam tendo aula no corredor multiuso. Como eu teria uma aula com eles, preferi permanecer onde eles estavam para tentar perder menos tempo (trecho 1).

O problema é que os alunos “mataram” aula, ou seja, se misturaram com mais salas que estavam de aula vaga no pátio. Além do barulho e movimentação estarem bem intensas (trecho 2).

Iniciei a aula pedindo as autorizações que levaram aos responsáveis, somente dois trouxeram. Entreguei novamente as crônicas impressas e pedi para os grupos (que eu já havia lido junto), para escreverem suas crônicas e fui passando nos outros. Consegui acompanhar mais dois deles, o terceiro não se apresentou, não sei se me perdi na contagem anterior ou se todos os membros estavam fora da sala. O ambiente estava bem bagunçado, de uma maneira negativa, muitos alunos não estavam participando efetivamente (trecho 3). Estou meio perdida sobre como agir daqui para frente. Aliás, a falta de informação é constante, segundo a coordenação, as informações que recebem são sempre insuficientes e as que chegam são sempre “em cima da hora” (trecho 4).

De qualquer forma, foi importante eu terminar a leitura com os grupos. Na próxima aula, seguindo o planejamento, eles deverão apresentar as crônicas lidas (trecho 5).

Diário 5 – aulas 7 e 8 - 25/03/2022

Hoje iniciei a aula pedindo que formassem um círculo com as cadeiras, meu objetivo era ter todos “à vista” de uma maneira mais integrada, na tentativa de fazê-los participar mais ativamente. Relutantes, eles se posicionaram, com muitos pedindo o famoso: “vamos descer”?! Respondia que não, eles retrucavam questionando o porquê, disse que eles não estão cumprindo com as responsabilidades deles, pois além de não participarem, eles fogem da aula, saem e não voltam mais, dispersando pela escola. Contra a vontade da maioria, que relatou “dar muito trabalho mudar as carteiras e cadeiras de lugar”, formamos o círculo (trecho 1).

Iniciei a conversa retomando o que eles deveriam ter feito nas aulas anteriores, quais haviam sido as minhas expectativas nas aulas e como alguns poucos realizaram e os demais não. Fui falando de pontos positivos, como o fato de alguns alunos participarem quando fiz a leitura das crônicas em conjunto com eles, e de pontos negativos, como o aluno que ficou sozinho no grupo, pois os demais saíram da aula e não voltaram mais (trecho 2).

Eles me olhavam com um olhar que para mim significava: “Ai, dona (como eles costumam se referir a mim)! Isso tudo é muito chato!” (trecho 3). Dei sequência chamando alguns alunos para

falarem sobre as crônicas que leram, alguns conseguiram relatar algumas partes, mas a maioria não, não sei se porque estavam vergonhosos ou se realmente não lembravam (trecho 4). De qualquer forma me pareceu que a maioria estava somente de “corpo presente”, a atenção não era para a nossa conversa (trecho 5).

Depois que falamos um pouco sobre as crônicas, comentei quais são as características para a escrita das crônicas: texto curto, que conta algum fato do dia a dia e que tem a opinião do escritor. Assim encerramos a primeira aula.

Pedi que retomassem seus lugares, organizando as carteiras para que cada um produzisse sua crônica esportiva. Orientei que os alunos que haviam participado das nossas aulas de vivências das modalidades esportivas, relatassem alguma situação relacionada a elas. Já os demais, poderiam escolher algum fato, tanto praticado, como assistido por eles, que tivesse atividade física ou esportes (trecho 6).

Quase metade da turma iniciou prontamente a atividade, outros demoraram um pouco, mas quando eu solicitava, começavam a fazer (a maioria deles me falava que não tinha entendido o que era para ser feito, apesar de eu ter explicado oralmente e enviado no grupo do WhatsApp, duas matérias que davam dicas de como escrever uma crônica). Por fim, um grupo simplesmente baixou a cabeça para dormir. Fui de mesa em mesa “acordando-os” e pedindo para abrirem o caderno e escreverem, alguns me atenderam, entretanto, dois deles buscaram crônicas na internet, um me entregou a crônica, que nem era sobre o assunto solicitado, isso porque ele havia me perguntado se ele poderia escrever sobre outra coisa, na minha inocência, como ele nunca tinha participado efetivamente, deixei, para ser um início de trabalho com ele. Ao ler a crônica, percebi que não era dele, uma rápida pesquisa na internet e encontrei a original (trecho 7). Chamei-o para conversar e perguntei por que ele tinha feito aquilo, a resposta foi: “pelo menos eu fiz”, disse que não era com isso que eu me importava, ele respondeu que não tinha nenhuma história, questionei-o, fui incentivando-o a contar algum fato de sua vida, ele me prometeu fazer (o que eu duvido que vai acontecer, mas tenho que manter a esperança), o outro que copiou a crônica não me entregou, pois já tinha falado para ele que não valia copiar da internet, também comentou que vai fazer, vou aguardar (trecho 8).

Durante a aula alguns alunos foram me chamando para auxiliá-los. Ao final, recebi as crônicas, poucos não me entregaram (trecho 9). Assim finalizo a Atividade 1 do MAPPa, em 17 aulas, ao invés das 12 sugeridas no material. Além disso, não consegui cumprir algumas atividades como a criação do Instagram e o acompanhamento das mídias realizada pelos alunos fora da escola.

Na próxima aula darei início à Atividade 2 (trecho 10).

Diário 6 – aula 9 – 28/03/2022

Ao planejar as aulas da Atividade 2, decidi mudar a sequência das atividades propostas no MAPPa. Nele eu deveria iniciar elaborando fotorreportagens com as fotos tiradas nas vivências da Atividade 1. Porém, como eu estou há várias aulas trabalhando com conteúdo mais teóricos, quis retornar com a parte prática, afinal, o itinerário tem como um dos objetivos: “Selecionar e utilizar movimentos corporais de forma consciente e intencional para interagir socialmente em práticas corporais, de modo a estabelecer relações construtivas, empáticas, éticas e de respeito às diferenças”. Mas como eles irão conseguir atingir este objetivo se não há tempo para praticar?! (trecho 1).

Portanto, ontem à noite enviei mensagem no grupo do WhatsApp pedindo que eles se preparassem para se sentarem no chão (poderiam levar uma troca de roupa) para a vivência do vôlei sentado, atividade proposta no Desenvolvimento da Atividade 2. Uma coisa que eu ainda não havia feito foi solicitar que me enviassem um “ok” de ciência da mensagem. Alguns alunos me retornaram. Pretendo sempre pedir este retorno.

Cheguei na sala, fiz chamada e logo descemos para o pátio. Expliquei que os esportes paralímpicos, como o vôlei sentado, são adaptações dos esportes olímpicos, para atender pessoas com deficiências físicas, intelectuais e visuais, comentei que a única modalidade criada para ser paralímpica é o goalball. Também falei mais especificamente do vôlei sentado, citei algumas regras etc.

Para iniciar a vivência, fizemos um pega-pega gelo sentado, em seguida realizamos algumas

atividades de controle de bola sentados, finalizando, jogamos em roda também sentados, trocando passes, com o objetivo de não deixar a bola cair no chão. Logo o tempo de aula terminou (trecho 2).

Os alunos que não quiseram participar, ficaram responsáveis por registrarem com fotos. Não consegui acompanhá-los, pois preferi dar atenção aos que estavam sentados, participando junto com eles, incentivando-os a sentarem no chão (trecho 3).

Agora à tarde eu enviei mensagem no grupo do WhatsApp solicitando as fotos. Ainda não me enviaram. Sinceramente, toda vez que os questionava se estavam fotografando, me respondiam que sim, mas não os via fazendo. Vou aguardar.

Considero boa a participação na vivência: metade da turma, ainda mais por ser uma atividade que gera desconforto ao terem que se sentar no chão e se movimentar, além disso, havia outra sala no pátio, isso provoca timidez em muitos deles, mesmo assim, realizaram as atividades propostas (trecho 4).

Fiquei satisfeita, na próxima aula pretendo continuar na sequência didática que programei para que eles pratiquem o vôlei sentado (trecho 5).

Diário 7 – aulas 10 e 11 – 01/04/2022

Hoje programei vivenciarem o jogo câmbio adaptado como o vôlei sentado, pois a maioria dos meus alunos (do ensino médio) não domina os fundamentos do voleibol (trecho 1).

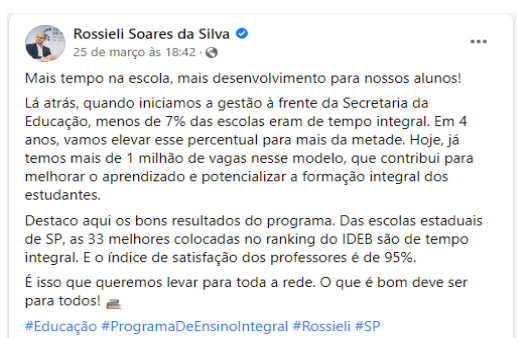
Ontem à noite reenviei a mensagem sobre a aula para que se preparassem para se sentar no chão.

Levei trena, barbante e fita adesiva com o intuito de criarem uma quadra do tamanho real. Pedi para que pesquisassem as medidas e fui apoiando a confecção. Nesta parte poucos alunos se envolveram, alguns pegaram as bolas e ficaram jogando “altinha”, outros sentaram e disseram que iriam fazer os registros, alguns que relataram que iriam jogar estavam aguardando “ficar pronto”. Ou seja, poucos alunos se dedicaram a esta parte, mesmo eu os chamando constantemente (trecho 2). Feita a quadra, adaptamos uma rede com cones, bastões e barbantes, a altura foi quase a da rede feminina (1,05m), eles já a consideraram alta! Em seguida, comecei a chamar os alunos que iriam jogar, então as resistências e reclamações seguiram, entretanto, aos poucos, foram sentando e montando os times. Exatamente doze alunos jogaram (trecho 3). O início foi mais parado, mas aos poucos foram se soltando e conseguindo jogadas mais disputadas. Como eram duas aulas, houve tempo para disputarem dois sets de 25 pontos (trecho 4).

Alguns alunos ficaram completamente alheios ao jogo, não executando nem os registros, outros tiraram fotos, mas quase sempre sentados, sem buscarem ângulos melhores, outros somente assistiram ao jogo. Percebi que os alunos que estavam jogando começaram a se divertir, além de conseguirem realizar jogadas mais elaboradas. Fiquei bem feliz com isso (trecho 5)!

Diário 8 – aula 12- 04/04/2022

Hoje gostaria de começar meu diário comentando algo que tem me chamado atenção: nestes 16 anos atuando na rede pública estadual, 8 anos no Ensino Médio, nunca vivenciei esta situação: toda vez que entro em sala de aula há um aluno novo, ou seja, um aluno matriculado recentemente. Estes alunos estão migrando, na sua grande maioria, das escolas de tempo integral (trecho 1). Muitos começam a trabalhar e não conseguem seguir nesse modelo de escola, outros não se adaptam a ficar o dia todo na escola, lembrando que criar escolas de período integral é a principal bandeira do atual governo do Estado. Segue publicação do Rossieli Soares da Silva, até então Secretário da Educação:



“Mais tempo na escola, mais desenvolvimento para nossos alunos!

Lá atrás, quando iniciamos a gestão à frente da Secretaria da Educação, menos de 7% das escolas eram de tempo integral. Em 4 anos, vamos elevar esse percentual para mais da metade. Hoje, já temos mais de 1 milhão de vagas nesse modelo, que contribui para melhorar o aprendizado e potencializar a formação integral dos estudantes.

Destaco aqui os bons resultados do programa. Das escolas estaduais de SP, as 33 melhores colocadas no ranking do IDEB são de tempo integral. E o índice de satisfação dos professores é de 95%.

É isso que queremos levar para toda a rede. O que é bom deve ser para todos! 🍷
#Educação #ProgramaDeEnsinoIntegral #Rossieli #SP”

Fonte: prints do facebook: <https://www.facebook.com/rossielisoares>. Acesso em: 04 abr. 2022.

Os alunos ficam nas aulas do meu componente, pois relatam que ainda não sabem qual irão cursar, eles não estão na minha lista de alunos. Teoricamente irão frequentar o itinerário que houver vaga, não sei o porquê eles já não serem informados logo na matrícula. Talvez haja falha na comunicação ou demora no processo, não sei qual é a realidade. Enfim, em todas as aulas tenho alunos que não sabem o que estamos fazendo, nem se irão ficar (trecho 2).

Na aula conversei com eles que deveríamos escolher outra modalidade para praticar vinculada às pesquisas iniciais da Atividade 1. Mas devido às várias mudanças que tivemos, além do não retorno dos alunos nas atividades propostas, preferi conversar novamente com eles para decidirmos o que praticar. Como tínhamos realizado o vôlei sentado nas últimas aulas, escolheram praticar o vôlei, já que não é muito divulgado na mídia (trecho 3).

A maioria dos alunos não sabia executar os fundamentos, outros sabiam algumas coisas. Decidimos dividi-los em dois grupos, os que já tinham noção foram jogar 3 cortes, os demais ficaram comigo e fizemos algumas atividades de estafeta, o tempo foi muito curto, logo a aula acabou (trecho 4). Para o grupo dos “3 cortes” defini um monitor que eu sabia que conseguia jogar bem, pedi para ele ir orientando o grupo. Porém, quando olhei, a roda estava jogando “altinha”, um jogo inspirado no futebol, já o menino que eu havia colocado como monitor estava jogando com mais um aluno. Perguntei o que estava acontecendo e ele disse que ele ia ensinar só quem estava prestando atenção, que os demais não queriam jogar (trecho 5).

Outro problema desta aula é que divido o espaço das quadras com mais uma turma, onde os alunos são deixados livremente pelo espaço, sem intervenção pedagógica (trecho 6).

Os alunos que não jogaram fizeram os registros fotográficos, outros ficaram conversando alheios à aula (trecho 7).

Hoje a minha turma estava novamente de aula vaga quando eu cheguei, aproveitei para chamar alguns alunos para formarem a equipe de futsal que irá jogar os Jogos Escolares do Estado de São Paulo (JEESP) (trecho 1).

Estes alunos, meninos, estavam animados e já começaram a perguntar quando eu os deixaria treinarem, pois, a grande maioria não está frequentando as aulas de Educação Física no contraturno (trecho 2).

Argumentei que as aulas não eram de Educação Física, que temos aula do itinerário formativo, enfim, o de sempre. Sinto que eles sentem muita falta do componente curricular Educação Física, no turno, da maneira como estávamos habituados (trecho 3).

Meu objetivo nas aulas de hoje era desenvolver um jogo em que o objetivo era não deixar a bola cair no chão, utilizando algumas regras do voleibol. Os meninos continuaram insistindo que precisavam treinar, que seria o único momento, pois a maioria do time estava ali, já que a turma é não seriada e tem alunos de 3 séries diferentes. Resolvi fazer um acordo com eles, pois entendo que estas solicitações são importantes, já que realmente não há outros espaços na escola que possibilitem esta integração e treinamento para competições, já que não possuímos turma de treinamento, entretanto, penso que estas competições são experiências interessantes para eles, especialmente porque o Estado envia ônibus, lanche, os jogos são em quadras em bom estado e tem arbitragem oficial. Entendo que o esporte na escola é diferente do esporte fora dela, mas acredito que vale a vivência (trecho 4).

Eles toparam e os demais alunos também. Uma aula seria com o “voleibol” e na outra eles poderiam jogar o futebol, os demais continuariam o “voleibol” (trecho 5).

Houve uma participação maior na parte prática, improvisamos uma rede de voleibol presa em mastros fixados em pneus e montamos 3 equipes. Expliquei as regras e a cada 5 pontos as equipes trocavam com a que estava aguardando. O jogo foi acontecendo e a turma se empolgando. Penso ser importante destacar que é principalmente através do movimento corporal, das práticas corporais que os alunos constroem a sua cultura corporal de movimento, não há como se apropriar destes conhecimentos sem que haja sua vivência e, de certa maneira, sua repetição (trecho 6).

Quiseram até jogar uma partida a mais no horário que seria “do futebol”. Se não tivéssemos combinado, sinto que eles continuariam jogando animados. Fui fazendo as intervenções necessárias e alguns alunos registraram com fotos. Poucos alunos não participaram de nenhuma parte da aula (trecho 7).

Como combinado, eles foram treinar para o campeonato e os demais continuaram o jogo. Finalizamos a aula sem discussões reflexivas. Na próxima aula pretendo fazer esta parte.

Diário 10 – aula 15 – 11/04/2022

Hoje havia poucos alunos na escola, pois nesta quarta e quintas-feiras teremos conselho de classe para o fechamento do bimestre e na sexta é feriado de Páscoa. Com isso, muitos deles resolveram “emendar” a semana em casa (trecho 1)!

Portanto, resolvi não avançar com a programação. Nós apenas criamos o Instagram que utilizaremos para as postagens:



Fonte: Print da página no instagram: https://instagram.com/os_cria_do_je?igshid=YmMyMTA2M2Y=

O nome foi escolhido pelos alunos.

Em seguida, ficamos conversando sobre os Jogos Escolares do Estado de São Paulo até a aula terminar.

Semana que vem haverá recesso e não teremos aula. Voltaremos na semana do dia 25 de abril (trecho 2).

Diário 11 – aulas 16 e 17 - 29/04/2022

Hoje optei por continuar a desenvolver atividades sobre o voleibol, para que os alunos consigam se apropriar de movimentos que os permitam jogar. Na primeira aula, realizamos um jogo de câmbio com duas bolas ao mesmo tempo e com mais pessoas em cada equipe (trecho 1). A grande maioria dos alunos presentes participou, duas alunas quiseram fazer as fotos e uns 4 ficaram sentados sem participar (eu chamo várias vezes, mas eles não participam. Sinceramente não fiquei insistindo, pois não consigo dar atenção para os que querem aprender e ficar implorando participação dos demais (trecho 2). Além disso, acredito que a avaliação é superficial, chegará lá no final e teremos que literalmente “dar nota” aos alunos, pois este é o sistema educacional vigente, pois se você não fizer assim, terá que ficar se justificando: não foi o aluno que não se dedicou, foi o professor que não ofereceu todas as chances ou falhou de alguma maneira) (trecho 3). Na segunda aula, dividimos em 3 equipes e fizemos um rodízio a cada 5 pontos, neste jogo poderiam rebater a bola da maneira que conseguissem. Em ambos os jogos eu fui dando feedback sobre como poderiam aprimorar os movimentos e situações (trecho 4). Penso que foi uma aula bem proveitosa, com os alunos mais animados. Fiquei satisfeita (trecho 5).

Avisei que na próxima aula vamos desenvolver a atividade sobre fotorreportagem.

Diário 12 – aula 18 – 02/05/2022

Ao chegar na sala a turma estava de aula vaga, demoraram para retornar à sala de aula. As mesmas situações de “pedidos para descer”, ou seja, para saírem da sala (mas não necessariamente para cumprirem as atividades propostas) começaram, mas logo respondi que não iria, pois havíamos combinado de fazer a fotorreportagem. Precisei chamar a atenção deles para o fato de que temos que realizar as tarefas, mesmo sem gostarmos, que o fato de eu não ser “brava” com eles não quer dizer que eles não devem cumprir as atividades (trecho 1). Retomei como o componente era dividido em atividades e estas como eram estruturadas, disse o que éramos para estarmos fazendo e não estamos e o que precisávamos cumprir e ainda a ordem que inverte, promovendo a vivência do voleibol, na tentativa deles se apropriarem do jogo (trecho 2).

Segui a sugestão do MAPPA e passei o vídeo sobre fotorreportagem e iniciei a leitura coletiva de um dos textos, os alunos foram lendo em voz alta (depois de muita insistência, alguns se voluntariaram) e eu fui comentando algumas coisas sobre o texto. Não terminamos e ainda falta mais um. Vamos finalizar na próxima aula (trecho 3).

Diário 13 – aulas 19 e 20 - 06/05/2022

Hoje novamente havia novos alunos na turma. Jovens que continuam vindo das escolas de tempo integral. Fica difícil manter uma sequência com os alunos, pois sempre há alguém que não participou de todas as atividades ou da maioria delas, além desta situação, muitos alunos são faltosos, especialmente às sextas-feiras e, para completar, o desinteresse, principalmente quando temos que fazer algo escrito, é muito grande (trecho 1).

Para iniciar iria continuar a leitura em grupo sobre o texto da fotorreportagem. Entretanto, esqueci meu notebook em casa (eu o ligava na TV) sendo assim, decidi espelhar meu celular na televisão. Porém, os links que estavam disponíveis no MAPPA não abriram de jeito nenhum, não sei se foi problema do celular, da internet ou do link mesmo (trecho 2).

Decidi que eles deveriam começar a escrever a fotorreportagem como conseguissem, para auxiliá-los enviei no grupo do WhatsApp o vídeo que havíamos assistido na aula passada e mais um outro que falava sobre o tema (trecho 3). Além disso, roteei minha internet do celular (que é disponibilizada pelo Estado) para que conseguissem acessar, já que a internet oferecida pela escola quase sempre não funciona, infelizmente. Até o momento não consegui ministrar uma aula sequer com a internet funcionando adequadamente (trecho 4).

Outro problema que surgiu foi que muitos dos alunos não tinham acesso às fotos das aulas, ou por não estarem no grupo quando foram enviados, por não terem salvado, por problemas no celular etc. Pedi que se juntassem com alunos que tinham acesso e reenviei algumas delas no nosso grupo (trecho 5).

Tive que ficar insistindo para que comesçassem a escrever. Poucos fizeram desde o início, alguns fui convencendo durante a aula e assim o tempo foi passando. Percebo que eles possuem muita dificuldade na escrita e leitura. Consegui auxiliar alguns grupos, mas a atenção que precisam é muito grande, para que escrevam de maneira adequada e não “façam só por fazer” (trecho 6).

Não sei se eu não tenho habilidade (apesar de me considerar uma pessoa que escreve razoavelmente bem!) e competência para ensiná-los, se eles possuem mais defasagem do que deveriam, se são os dois juntos, enfim, não sei responder (trecho 7).

Alguns grupos me entregaram os textos, agora preciso lê-los.

Pretendo dar um feedback a eles na próxima aula.

Diário 14 – aula 21 – 09/05/2022

Hoje ao chegar na escola já me deparei com meu diretor muito agitado devido à grande quantidade de salas que estariam sem professor nesta manhã (licenças médicas entre outras coisas) e me pediu ajuda para ficar com as salas que estavam de aula vaga. Há muito tempo eu não fazia isso, mas resolvi ajudar, pois a situação realmente estava complicada e inclusive, me atrapalharia nas aulas. Portanto, não ministrei o conteúdo do itinerário, mas fui para a quadra e fiquei com as demais turmas durante toda a manhã, foram 12 salas a mais, além das minhas 6 (trecho 1).

Diário 15 – aulas 22 e 23 – 13/05/2022

Hoje decidi retomar, junto com os alunos, os objetivos e as atividades descritas no MAPPA, com o intuito de mostrar para eles tanto o que já havíamos realizado, como o que estávamos em atraso.

Abri o MAPPA no computador e compartilhei na televisão da sala de aula. Iniciei citando: Competências e Habilidades da Formação Geral Básica a serem aprofundadas: “Competência 5 (EM13LGG501- Selecionar e utilizar movimentos corporais de forma consciente e intencional para interagir socialmente em práticas corporais, de modo a estabelecer relações construtivas, empáticas, éticas e de respeito às diferenças.)” (p. 59). Fui lendo e parando para explicar o que este texto queria

dizer, usei lógica interna e lógica externa dos jogos para elucidar (trecho 1). Comecei falando da lógica interna, que estava relacionado aos conhecimentos que a pessoa tem que ter para conseguir jogar, fui questionando-os sobre quais seriam estes conhecimentos. Me surpreendi, pois os alunos começaram a participar ativamente, foi bem gostoso (apesar do “vamos para a quadra” surgir frequentemente). Em seguida, comecei a falar da lógica externa, que são as outras questões relacionadas aos esportes, eles também foram respondendo até que chegamos nas situações de racismo, gênero etc... então surgiu assunto sobre os transgêneros e o debate se acirrou! A turma do “sou a favor dos esportes serem por sexo biológico” e os que defendem “ser por gênero” começou (trecho 2)! Aproveitei a situação e disse que não adiantava eles ficarem opinando sobre o assunto, sugeri fazermos o júri simulado. Expliquei o que seria e eles toparam. Portanto, meu objetivo daquela aula foi “deixado de lado” para usufruir de algo que foi motivador para eles, pois entendi que desta maneira, além da motivação, não fujo do objetivo de trabalharmos com as diversidades, proposta do Componente. Para finalizar, organizamos quem queria estar em qual papel: juiz, júri popular, acusação e defesa (trecho 3). Agendamos para dia 27/05. Vou organizar as regras e enviar pelo grupo do WhatsApp.

Diário 16 – aula 24- 16/05/2022

Hoje eu continuei mostrando o MAPPA e comentando o que deveríamos estar fazendo, mas não estamos e o que já cumprimos (trecho 1). Falei que vou passar as informações sobre o júri simulado no grupo. Foi tudo muito corrido, aparentemente eles não absorveram o que eu estava falando (trecho 2)! Vou montar um material para postar no grupo do WhatsApp, falando destes pontos que conversamos e o que temos que fazer como tarefa. Nos minutos finais da aula, falei sobre o meu trabalho do mestrado e entreguei mais autorizações (para os que não me devolveram ainda ou são alunos novos). Na sexta-feira eu não irei ministrar aula para eles, pois estarei em jogo com os alunos (Jogos Escolares do Estado de São Paulo-JEESP) (trecho 3).

Diário 17 – aula 25 - 23/05/2022

Hoje eu havia planejado fazer as publicações das crônicas esportivas e das fotorreportagens no Instagram que a turma criou. Porém, percebi que eles não estavam, com exceção de uma aluna, se preparando para o “júri simulado” que acontecerá na próxima sexta-feira. Portanto, decidi levá-los na sala de informática para que pudessem fazer as pesquisas (trecho 1). Eles conseguiram fazer alguma coisa, mas não tudo, pois a internet e os notebooks oferecidos pela escola são bem lentos e não funcionam adequadamente (trecho 2).

O juiz e os jurados ficaram junto comigo, conversei com eles sobre a imparcialidade que eles devem ter no julgamento, além de combinarmos a disposição da sala e iniciarmos a divisão do tempo. Sobre este, não conseguimos finalizar, vou terminar e enviar no grupo do WhatsApp. Tenho a sensação de que eles até podem se empolgar com algo, como foi no caso do júri, mas eles não têm compromisso e organização para dar sequência à atividade, sendo que eu preciso ficar solicitando-os o tempo todo e ainda com a sensação de que não vai dar certo! Mas sigo insistindo (trecho 3)! A seguir, a mensagem enviada aos alunos:

Boa tarde, pessoal!

⚠ Atenção para as regras do júri simulado!

🕒 tempos e etapas:

Total: 2 aulas (90min)

📌 organização (sala e grupos): 20 min (divididos em início e finalização)

📌 defesa da tese inicial: 10 min (5 min para cada grupo)

📌 debate entre grupos : 30 min

- acusação: 10 min

- defesa: 10 min

- réplica: 5 min
- tréplica: 5 min
- ▶ considerações finais : 10 min (5min para cada grupo)
- ▶ deliberação do júri : 15 min
- ▶ veredito : 5 min

 caracterização :

✔ Podem levar roupa social para simular o advogad@s e o juiz.

 fontes de pesquisa :

▶ os dois grupos devem apresentar as fontes de pesquisa, por escrito (manualmente ou digitado) para entregar para a professora.

? qualquer dúvida, mandem aqui!

Até mais!

Diário 18– aulas 26 e 27 - 27/05/2022

Ontem enviei mensagem no grupo para lembrá-los do nosso Júri simulado de hoje!

Cheguei e os alunos já estavam se preparando para organizar a sala como havíamos combinado na última aula. Fiquei chateada porque houve muitas faltas, especialmente do grupo de acusação, com isso, somente os dois oradores do grupo estavam presentes. Entretanto, boa parte da turma se envolveu na atividade, inclusive com figurinos (trecho 1)!

Eles tiveram muita dificuldade em argumentar, se expressar, percebi que não possuem base para fazerem pesquisas e montarem textos, na hora de analisarem os argumentos também houve uma deficiência. Situação que sempre comento em meus relatos neste diário. Percebo que eles não estão acostumados com estas aulas e têm muita dificuldade em interpretar, por exemplo (trecho 2).

Porém, alguns alunos me surpreenderam, foi o caso do juiz, que fez sua lição de casa e levou todo um “ritual” que ele deveria fazer, inclusive com os textos de suas falas. A aluna da acusação também fez todo o trabalho praticamente sozinha (trecho 3).

Os relatos após as aulas, quando encontrava com os alunos foi: hoje foi legal, hein “dona”! (que é a maneira como se referem a mim).

Também tive uma fala da minha coordenadora do EM, pois quando cheguei ela disse que já estava sabendo da aula, porque os alunos estavam ansiosos, muitos que não são da turma pediram para ir assistir! Ela comentou que atuava nos júris e fez um relato de como funciona o processo “oficial” (trecho 4).

Foi muito bacana, espero ter essas experiências positivas mais vezes (trecho 5)!

Diário 19 – aula 28- 30/05/2022

Hoje fomos conversar sobre a aula passada. Decidi levá-los até a quadra para nos sentarmos lá, já que insistem para que saiamos da sala de aula.

Fizemos uma roda de conversa, perguntei a nota que dariam para a proposta da atividade passada, a média foi 8 (trecho 1). Questionei os alunos faltosos, todos disseram que estavam doentes, mas são alunos que costumam faltar às sextas-feiras. Falei que eles poderiam ter avisado no grupo do WhatsApp, que talvez pudéssemos até reagendar a data, assim a equipe de acusação não ficaria desfalcada. Alguns alunos reclamaram que o tempo foi curto, e eu concordo com eles, o erro foi meu, pois convidei a coordenadora para ela contar brevemente sobre como é um júri de verdade, mas ela demorou muito tempo, tivemos que reajustar os tempos de fala e discussão.

Outro ponto trazido por eles foi que todas as falas não seguiram uma linha de raciocínio e que a defesa ganhou por terem desenvolvido uma oratória melhor (trecho 2). Concordei com eles, falei que

isso a gente pode ir trabalhando. Elogiei a turma, disse que por ser a primeira vez, foi realmente muito bom. Porém, alguns personagens importantes faltaram hoje, como o juiz e a acusação (trecho 3).

Diário 20 – aulas 29 e 30- 03/06/2022

Hoje comecei a aula contando o que estava trabalhando para realizar com eles: estou em contato com um comentarista esportivo da CBN/EPTV para fazer alguma atividade sobre jornalismo esportivo, também estou falando com um radialista esportivo que está vendo a possibilidade dos alunos irem até um treino da Ferroviária (futebol), além disso, conversei com o presidente da Federação Paulista de Badminton e dois atletas e eles aceitaram fazer uma live com a turma para que os entrevistassem. Pensei nestas ações para, de certa maneira, desenvolver as ações solicitadas pelo MAPP, de vivenciarem as diversas profissões do jornalismo esportivo e para que pesquisassem sobre esportes muito divulgados e pouco divulgados nas mídias. Para completar, sugeri que eles organizassem e fizessem a cobertura esportiva dos jogos interclasses, pois assim, também conseguiríamos realizar algumas das propostas do material de apoio (trecho 1). Eles aceitaram, alguns para organizar, outros para fazer a cobertura jornalística. Eu perguntei se eles gostariam de realizar o interclasses no modelo “Callejero”, mas eles não aceitaram, queriam algo mais “pegado”, segundo eles (trecho 2)!

Em seguida, sugeri algumas vivências do badminton para que tivessem mais embasamento na hora de conversar com os atletas e a federação. Eu sinto que não consigo me organizar e fazer as ações acontecerem da maneira que planejo. Não sei se a falha é minha, da situação, dos alunos ou mais de uma opção! Parece que “patino, patino” e não chego a lugar algum (trecho 3).

Enfim, fizemos várias atividades práticas do badminton, foram boas, os alunos participaram bastante, inclusive alguns que normalmente ficavam sentados (trecho 4).

Vou deixar as aulas da sexta-feira para as vivências práticas e a da segunda para as mais teóricas (trecho 5).

Diário 21 – aula 31 – 06/06/2022

Hoje, como todas as aulas de segunda-feira, o tempo é inimigo das atividades (trecho 1)! Pedi que se organizassem em grupos de 4 pessoas, colocando as carteiras juntas, formando um quadrado. Eles demoraram para se organizar e não quiseram formar grupos com 4, mas com mais alunos, para não desmanchar a “panelinha”, ou eu ficava discutindo com eles sobre a quantidade de pessoas no grupo ou eu passava a atividade. Resolvi deixá-los como quisesses, desde que cumprissem a tarefa (trecho 2).

Entreguei uma folha de sulfite para cada grupo e pedi que pesquisassem e anotassem a descrição de 5 atuações profissionais relacionadas ao jornalismo esportivo, em seguida, que o grupo escolhesse 2 delas para que possam vivenciar (a princípio pensei durante os Jogos Interclasses) (trecho 3). Como tem ocorrido com frequência, a internet oferecida pela escola não estava funcionando adequadamente. O que me socorre nestas situações é a internet disponibilizada por chip no meu celular (chip oferecido pela SEDUC). Eu roteio para eles e assim conseguem desenvolver algo (trecho 4). Alguns grupos demoraram para começar a fazer as atividades, fui passando novamente de grupo em grupo explicando-a novamente. Eles não conseguiram finalizar, pedi que fizessem como tarefa para sexta-feira.

Dois grupos me encontraram nos corredores e me entregaram, os demais eu aguardarei a próxima aula.

Continuação: agora pela tarde, às 16h46, a coordenadora do Ensino Médio criou um grupo no WhatsApp para conversarmos sobre as demandas do itinerário e disse que acabou de receber um formulário que deve ser respondido até amanhã. Isso acontece muito, coisas que devem ser feitas “da noite para o dia” (trecho 5).

INFORMAÇÃO PARA AS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO

Assunto: Comunicado nº 1.017/2022 - Novo Ensino Médio – Itinerários - consulta sobre o MAPPA – Prazo 07/06/2022.

Prezado(a) Gestor(a),

A COPED realiza uma consulta com os professores que atuam nos Itinerários Formativos, nos componentes dos Aprofundamentos.

A ação tem por objetivo levantar contribuições para que possam subsidiar as melhorias nos Materiais de Apoio de Planejamento e Práticas de Aprofundamento (MAPPA).

Os professores podem registrar sua contribuição no link:

<https://forms.gle/SGANSQduL27HNdxg9>

O prazo para responder à consulta é 07 de junho de 2022 (terça-feira).

Assim, convidamos os professores que atuam nos Itinerários Formativos a que registrem suas contribuições, o que permitirá a melhoria dos Materiais de Apoio de Planejamento e Práticas de Aprofundamento (MAPPA).

Desde já agradecemos.

“Este questionário deve ser respondido até amanhã. Eu o recebi hoje à tarde. Então, me xinguem só um pouquinho.” (coordenadora)

Seguem prints do formulário:

Levantamento sobre utilização dos MAPPAs

Prezado/a professor/a,

A fim de propor melhorias para os Materiais de Apoio de Planejamento e Práticas de Aprofundamento (MAPPA), estamos realizando um primeiro mapeamento do uso desses materiais.

Esse formulário estará aberto até dia 7 de junho (terça-feira). Após essa data, iremos iniciar grupos focais para discussão mais aprofundada de melhorias, com base nas respostas aqui apresentadas.

Agradecemos a contribuição.
Equipe COPED



perlac@prof.educacao.sp.gov.br (não compartilhado)

[Alternar conta](#)



***Obrigatório**

Diretoria de ensino *

Escolher

Nome da escola

Sua resposta

Qual(is) componente(s) curricular(es) dos aprofundamentos você tem aula atribuída? *

Sua resposta

Você recebeu o MAPPAs da Unidade Curricular que tem aula atribuída? *

- Sim, recebi todos os MAPPAs que tenho aula atribuída
- Recebi apenas parte dos MAPPAs que tenho aula atribuída
- Não recebi o(s) MAPPAs(s)

Caso você não tenha recebido todos ou parte dos MAPPAs que tem aula atribuída, sinalize aqui quais.

Sua resposta

Indique na escala abaixo o quanto você concorda com cada uma das afirmações *

| | Concordo totalmente | Concordo parcialmente | Discordo parcialmente | Discordo totalmente |
|--|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| Eu utilizo o MAPPA para planejar minhas aulas do Aprofundamento Curricular | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| O MAPPA contribuiu para o planejamento das minhas aulas do Aprofundamento Curricular | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Eu tenho clareza sobre a estrutura do MAPPA | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| As formações têm me ajudado no planejamento das aulas do Aprofundamento Curricular | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Eu utilizo o tempo de ATPI para planejar minhas aulas de Aprofundamento Curricular | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

Deixa aqui suas sugestões de melhoria para os MAPPA

Sua resposta

Penso que este formulário é apenas mais uma burocracia, pois tenho quase certeza de que não teremos feedback sobre ele. Além disso, tenho medo de que eles acabem retirando o tempo atribuído para a preparação das aulas (dependendo das respostas dos professores), que não é suficiente, entretanto auxilia muito no dia a dia. É difícil acreditar que algo positivo chegue por consequência deste formulário (trecho 6).

Diário 22 – aulas 32 e 33- 10/06/2022

Ontem eu consegui agendar uma aula online com um comentarista esportivo, para que ele falasse sobre sua atuação, como estamos com o calendário bem justo até o final do semestre, acabei marcando de um dia para o outro mesmo (trecho 1). Enviei mensagem no grupo do WhatsApp para avisar os alunos, junto com um vídeo dele falando no Jornal Regional/EPTV, para quem quisesse conhecê-lo antes.

Hoje ao chegar perguntei quem havia visto a mensagem no grupo, somente uns 5 alunos disseram que sim e apenas um assistiu ao vídeo (trecho 2).

Antes de iniciar a live, conversei com os alunos e pedi que participassem da aula, que prestassem atenção, que fôssemos educados com o convidado. Enquanto eu falava, alguns me pediram clips, pois eles os colocam no boné, aproveitei isso e usei de moeda de troca, que se eles participassem direitinho, eu compraria uma caixinha de clips colorido (os mais valiosos!rs) e deixaria na bolsa para quando eles precisarem. Talvez não seja uma atitude muito pedagógica, adequada, mas foi a que entendi que seria eficiente para atingir meus objetivos (trecho 3).

Liguei o notebook na televisão e fizemos a vídeo-chamada pelo Google Meet.

Todos falamos que o ideal era de modo presencial, mas devido ao pouco tempo que temos, foi a opção encontrada para que pudéssemos fazer a aula.

João comentou como começou sua carreira, a diferença de atuações de comentaristas, entre outras coisas. Alguns alunos interagiram fazendo perguntas.

Foi bem legal, dentro do possível (trecho 4)!

Diário 23– aula 34- 13/06/2022

A sala estava bem difícil de lidar hoje, muita conversa, muitos dormindo, apesar das também muitas faltas, foi difícil conseguir a atenção deles, a todo momento precisei parar chamá-los ao foco da aula (trecho 1).

Solicitei que me entregassem a tarefa do trabalho em grupo que haviam iniciado na sala de aula na segunda-feira passada, mas nenhum dos grupos que faltavam entregaram.

Também surgiu o assunto do que será dos itinerários no próximo semestre, as mesmas dúvidas sobre o que eles irão estudar, como vai ser, se a turma será a mesma, enfim, muitas dúvidas. Falaram sobre como o itinerário é chato, concordei e disse que nem sempre vamos fazer o que gostamos, que não acho este modelo de Ensino Médio correto, porém é o que estamos vivenciando (trecho 2).

Após muitas conversas e tentativas de início da aula de hoje, consegui iniciar uma conversa sobre como vamos organizar os interclasses, entretanto, não consegui finalizar. Estou com medo de não conseguir cumprir as atividades e a pesquisa!

Estou com a sensação de que o semestre “já acabou” e não consigo finalizar nada (trecho 3).

Diário 24– aula 35 - 20/06/2022

Passei os recados de datas na lousa, sobre a festa junina de amanhã e sobre o campeonato interclasses, comentei que eles irão fazer a cobertura jornalística, porém que não sabia ao certo o dia, pois a coordenação ainda não me deu retorno de como vamos poder fazer (trecho 1).

Em seguida, pedi que respondessem o questionário final da pesquisa. Muitos alunos também não tinham feito o inicial, solicitei que respondessem também.

Decidi não esperar o último dia de aula porque os alunos estão muito faltosos e com a aproximação das férias, muitos param de frequentar as aulas antes do tempo.

Diário 25– aulas 36 e 37- 24/06/2022

Hoje, como acontece frequentemente, houve muitas faltas (trecho 1).

Organizamos os jogos interclasses que irão acontecer na próxima semana (trecho 2).

Os alunos que irão jogar participaram mais desta organização. Pedi que fossem às salas confirmarem os inscritos, fizemos a organização dos horários e os sorteios dos grupos (trecho 3). Eles também pediram para que os novos anos jogassem em um mesmo grupo, por serem mais novos e terem mais chance de irem às semifinais.

Poucos alunos que não irão participar disseram que irão na próxima semana, ou seja, muitos já estarão “de férias”. Porém, alguns confirmaram que farão a cobertura jornalística que havíamos conversado. Não estou muito confiante, mas vou torcer para que realmente aconteça. Sobre a tarefa que eles estão me devendo, ninguém trouxe. É muito triste esta falta de compromisso e organização dos estudantes. Tenho a sensação de que não vou conseguir fazer a culminância, ou seja, a finalização do Componente Curricular (trecho 4). As avaliações das atividades ficaram mais na participação das

aulas do que na entrega de atividades/trabalhos, ou seja, algo bem superficial, em que me coloco também, mas não como a única, responsável (trecho 5). Assim, seguiremos a “lógica” do sistema educacional, em que muito provavelmente ninguém ficará de recuperação, pois não se sabe como seria esta recuperação. Na próxima semana teremos o Conselho de série e soube por conversas com outros professores de itinerários que teremos que apresentar o 5º conceito, como se fosse a nota final de um ano letivo, já que os Itinerários são semestrais. Portanto, mesmo que o aluno não seja produtivo ou não tenha se apropriado das informações desenvolvidas nas aulas, dificilmente ele será reprovado (trecho 6).

Na próxima semana não teremos as aulas da segunda e sexta-feiras, pois na segunda eu estarei fora, levando alguns alunos no JEESP e na sexta, os interclasses (trecho 7).

Sobre o questionário final, apenas 16 alunos responderam até agora, vou reforçar no grupo do WhatsApp e enviar mensagem no privado dos que ainda faltam responder.

28/06/2022- recebemos no grupo do WhatsApp dos Itinerários formativos os nomes dos itinerários do próximo semestre. O de linguagens será: “Muito além das palavras”. Não foi disponibilizado o MAPPA destes novos itinerários.

Diário 26– aula 38 e 39- 01/07/2022

Ontem enviei mensagem no grupo do WhatsApp para perguntar quem iria na aula hoje e se comprometeria em fazer a cobertura jornalística dos interclasses, como havíamos combinado. Apenas um aluno respondeu que iria à aula e executaria o trabalho.

Hoje, ao chegar na escola, antes de iniciar os jogos, passei na sala para conversar com eles, poucos alunos foram à escola, e dois deles (o que confirmou pelo grupo e mais um) disseram que fariam a cobertura jornalística dos jogos de hoje (semifinais, disputa de 3º lugar e final). Os demais não se manifestaram, mesmo eu perguntando (trecho 1).

Em seguida fui trabalhar nos jogos. Eles me entrevistaram no início e depois vi que eles estavam entrevistando outras pessoas e fotografando ou filmando algumas partes dos jogos. Ao final, conversei com um deles que me disse que vai editar e me enviar o vídeo (trecho 2).

Oficialmente, as aulas terminarão na segunda-feira, dia 04 de julho. Entretanto, penso ser pouco provável que algum aluno compareça neste dia. Portanto, encerro aqui os meus diários, somente deixando para confirmar na segunda-feira, a ausência ou não dos alunos (trecho 3).

Termino com a sensação de que foram meses confusos, receosos, de uma insegurança muito grande, apesar de me considerar uma professora que não tem medo de mudanças com relação à didática e temas das aulas. Também houve momentos em que fiquei feliz, como no júri simulado e em aulas que mais alunos participaram efetivamente. Porém, não me senti professora de Educação Física em muitos momentos (trecho 4). Para mim, o material que foi disponibilizado para seguirmos, o MAPPA, inseriu os esportes apenas para justificar a presença da área da EF, mas não como um real objetivo a ser alcançado. Além disso, finalizo com a impressão de que os motivos anunciados para justificar o NEM, tais como evitar a evasão escolar e promover maior interesse e participação dos alunos não foram obtidos, além de diminuir ainda mais o tempo destinado às práticas corporais, teorizando cada vez mais nosso principal objeto de estudo, o movimento humano (trecho 5).

Reforço que, infelizmente, neste período de mudanças e implantação do NEM, não tive nenhum tipo de formação continuada nem por parte da SEDUC, nem da escola, o Centro de Mídias elencou alguns Itinerários para esta formação, porém, o meu não foi contemplado. Desta maneira, encontrei muitas dificuldades em trabalhar com o Itinerário e com o MAPPA (trecho 6).

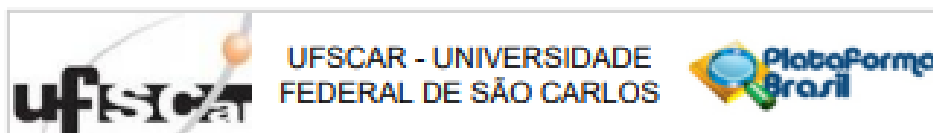
Diário 27– aula 40- 04/07/2022

Como havia comentado e previsto anteriormente, os alunos não compareceram nas aulas de hoje.

Dia 05/07 (terça-feira), recebemos no grupo dos Itinerários formativos (WhatsApp) mensagem da coordenadora dizendo que além das nossas notas do segundo bimestre e quinto conceito (que na verdade é o terceiro!), temos que fazer um, em nome de todos os componentes dizendo se o aluno foi aprovado ou não no Itinerário.

ANEXO

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A Educação Física e o Novo Ensino Médio: perspectivas e desafios

Pesquisador: GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 53410721.3.0000.5504

Instituição Proponente: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

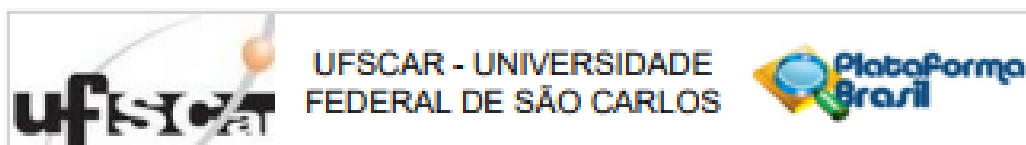
Número do Parecer: 5.279.163

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas na apresentação do projeto foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1856087, de 14/01/2022) e/ou do Projeto Detalhado (ProjetoDetalhado2, de 14/01/2022):

RESUMO: O ensino médio brasileiro está passando por uma reformulação baseado na Lei nº 13.415/2017, intitulada "Novo Ensino Médio" (NEM). As escolas públicas estaduais de São Paulo iniciaram a implantação deste novo modelo no ano letivo de 2021, iniciando com o 1º ano do Ensino Médio, mantendo-se a grade curricular já estabelecida e chamada de "formação geral básica". A partir de 2022, as turmas do 2º ano terão os "itinerários formativos", que são o conjunto de disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras situações de trabalho, que os estudantes poderão escolher no ensino médio, ou seja, não haverá mais a aula do componente curricular Educação Física, mas ela estará inserida nos itinerários da área de Códigos e Linguagens. Para compreender este processo de transição de estrutura do ensino médio, esta pesquisa tem como objetivo analisar os processos de ensino na Educação Física desenvolvidos nas aulas de atuação da professora-pesquisadora no NEM, inseridas nos itinerários formativos da área de Códigos e Linguagens. A coleta de dados será realizada durante o primeiro semestre letivo de 2022 com uma turma do 2º ano da professora-pesquisadora. A pesquisa será qualitativa, caracterizada pela pesquisa-ação, onde a pesquisadora é também professora e analisará suas

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SÃO CARLOS
Telefone: (16)3351-9825 **E-mail:** cep@ufscar.br

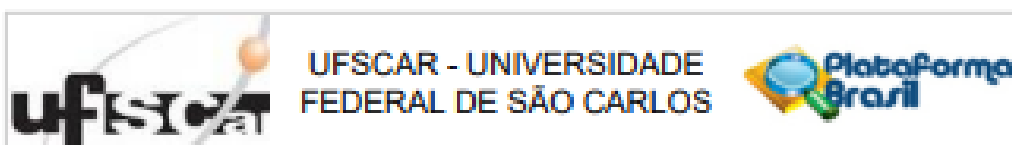


Continuação do Papear: 5.279.163

práticas. A coleta de dados será realizada através de questionários semiestruturados e diários de classe. Após a coleta de dados, serão estabelecidas categorias para análise dos dados, de maneira qualitativa, visando entender sobre o processo de ensino e de aprendizagem da Educação Física nesta nova regulamentação do Ensino Médio contribuindo para que sejam divulgadas e pensadas maneiras de oferecer uma Educação Física escolar de boa qualidade dentro dos itinerários formativos da área de Códigos e Linguagens. Serão apresentadas e solicitadas assinaturas de todos os participantes da pesquisa e seus responsáveis legais os Termos de Assentimento e de Consentimento Livre e Esclarecido.

METODOLOGIA: A metodologia utilizada na pesquisa será a qualitativa. Cotta, Del-Masso e Santos (2020) apontam que esta tem como objetivo "interpretar o fenômeno que está observando" (p. 3). Esta possui as seguintes características: (1) o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; (2) o caráter descritivo; (3) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador; (4) enfoque indutivo. (ISRAEL, 1996 apud GODOY 1995a, p. 62). Dentre as possibilidades da pesquisa qualitativa, a pesquisa-ação será utilizada neste estudo. Franco (2005) comenta que: Daí a ênfase no caráter formativo dessa modalidade de pesquisa, pois o sujeito deve tomar consciência das transformações que vão ocorrendo em si próprio e no processo. É também por isso que tal metodologia assume o caráter emancipatório, pois mediante a participação consciente, os sujeitos da pesquisa passam a ter oportunidade de se libertar de mitos e preconceitos que organizam suas defesas à mudança e reorganizam a sua auto concepção de sujeitos históricos (p. 486). As coletas de dados serão realizadas nas aulas de Educação Física ao longo do primeiro semestre letivo de 2022 de uma turma de aproximadamente 30 alunos da 2ª série do Ensino Médio, pois seguindo calendário de implementação do Novo Ensino Médio da rede pública estadual, 2022 será o primeiro ano dos "itinerários formativos". As coletas de dados se darão através de dois instrumentos, a saber: a) diários de aula (ZABALZA, 2004) elaborados pela professora-pesquisadora e, b) questionário (NEGRINE, 1999) que será aplicado aos alunos participantes da pesquisa. Segundo Zabalza (2004), os diários de aula adquiriram "um grande relevo na pesquisa educativa dos últimos anos" (p. 14) proporcionando uma grande aproximação à atuação dos professores. Além disso, o autor os considera como um "grande recurso para explicitar os próprios dilemas em relação à atuação profissional" (p. 18), entendendo dilema como o "conjunto de situações bipolares ou multipolares que se oferecem ao professor no desenvolvimento de sua atividade profissional" (p. 18). A frequência da escrita e o conteúdo dos diários devem ser

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.525-905
 UF: SP Município: SÃO CARLOS
 Telefone: (16)3351-9285 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.279-163

determinados pelo professor-pesquisador. Além disso, devem estar de acordo com os objetivos, alinhados com a "função que cumprem" (ZABALZA, 2004, p.15). Em relação ao questionário, Hayman (1974) apud Negrine (1999) o define como "uma lista de perguntas a qual se obtêm informações de um sujeito ou grupo de sujeitos por meio de respostas escritas" (p. 83). Os questionários serão aplicados durante as aulas da professora-pesquisadora no início e final do semestre letivo com o objetivo de diagnosticar a percepção dos alunos sobre as aulas de Educação Física no itinerário formativo. Tais ações estarão articuladas ao desenvolvimento das atividades regulares de ensino previstas no planejamento semestral, sem causar qualquer prejuízo de aprendizagem ao grupo, bem como, aqueles que não quiserem participar do estudo. Destacamos que, durante o desenvolvimento da investigação serão respeitados todos os protocolos de biossegurança referentes à prevenção de contaminação pelo coronavírus que leva ao desenvolvimento da COVID-19 estabelecidos pelo Ministério da Saúde e organizados pela rede de ensino pública do estado de São Paulo e do município de Araraquara/SP. Além disso, todos os envolvidos na pesquisa (estudantes e seus responsáveis) receberão e deverão assinar os Termos de Assentimento (Apêndice A) e de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), indicando a concordância em participar da pesquisa. Da mesma forma, a direção da escola deverá assinar uma autorização para a realização da pesquisa (Anexo A). Para a análise de dados utilizaremos a definição de Gomes (2002) que apresenta o termo "análise" como a união entre análise (olhar para os dados) e interpretação (articulação dos dados com o conhecimento científico). Serão estabelecidas categorias específicas, a posteriori a coleta de dados (GOMES, 2002).

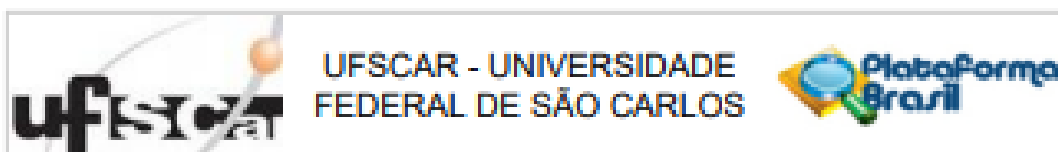
Objetivo da Pesquisa:

Melhor compreensão sobre o processo de ensino e de aprendizagem da Educação Física nesta nova regulamentação do Ensino Médio de acordo com a lei nº 13.415/2017, intitulada "Novo Ensino Médio", contribuindo para que sejam divulgadas e pensadas maneiras de oferecer uma Educação Física escolar de boa qualidade dentro dos itinerários formativos da área de Códigos e Linguagens.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Os riscos da pesquisa estão ligados às contingências próprias das aulas de Educação Física, ou seja, tropeçar, esbarrar no colega, cair ou outra ação característica de práticas corporais realizadas em grupo. O/a estudante também poderá ter algum desconforto pelo fato de suas aulas serem registradas ou responder questionário. Contudo, se acontecer alguma dessas coisas, a professora-pesquisadora vai tomar todas as providências e dará a ajuda que for necessária.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-605
 UF: SP Município: SÃO CARLOS
 Telefone: (16)3351-6625 E-mail: caphumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.279.183

Benefícios: Os benefícios da participação na pesquisa serão: participar das aulas de Educação Física e ajudar a entender sobre o processo de ensino e de aprendizagem da Educação Física nesta nova regulamentação do Ensino Médio de acordo com a lei nº 13.415/2017, intitulada "Novo Ensino Médio", contribuindo para que sejam divulgadas e pensadas maneiras de oferecer uma Educação Física escolar de boa qualidade dentro dos itinerários formativos da área de Códigos e Linguagens.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa que deve seguir os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 466/2012 suas complementares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

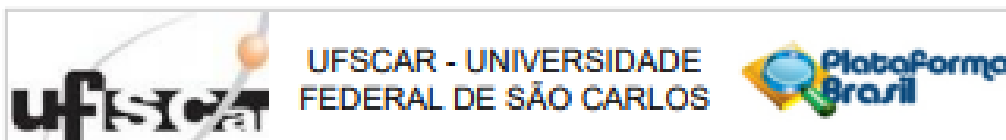
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Análise de respostas ao parecer pendente nº 5.188.679 emitido em 28/12/2021

Considerando a situação sócio sanitária, bem como os planos de contingenciamento da pandemia da COVID-19 municipais e Estaduais; Considerando que as Portarias/Resoluções de Instituições Proponentes de pesquisa são constantemente atualizadas; Considerando o papel do sistema CEP/CONEP em garantir a segurança e proteção do participante da pesquisa por meio dos Protocolos submetidos na Plataforma Brasil; Considerando a corresponsabilidade do pesquisador pela integridade e bem-estar dos participantes da pesquisa; Este CEP orienta aos pesquisadores o acompanhamento da situação sócio sanitária da região em que ocorrerá a pesquisa, bem como as determinações legais dos planos de contingenciamento do COVID-19 para determinação do início, suspensão ou continuidade de atividades de pesquisas presenciais, mesmo que o Protocolo já se encontre aprovado pelo CEP.

RESPOSTA: Temos que, preocupados com a atual situação pandêmica do país, dos professores, alunos e familiares, isto foi indicado na 10ª página do projeto, da seguinte forma: "Destacamos que, durante o desenvolvimento da investigação serão respeitados todos os protocolos de biossegurança referentes à prevenção de contaminação pelo coronavírus que leva ao desenvolvimento da COVID-19 estabelecidos pelo Ministério da Saúde e organizados pela rede de ensino pública do estado de São Paulo e do município de Araraquara/SP." Deixamos indicado no

Endereço: WASHINGTON LUIZ RM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
 UF: SP Município: SAO CARLOS
 Telefone: (16)3351-0685 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.379.163

arquivo do projeto com destaque amarelo.

ANÁLISE: a contextualização sobre a situação sócio sanitária, planos de contingenciamento da pandemia da COVID-19 e demais medidas a garantir a integridade e bem-estar de todos os envolvidos na pesquisa foram de caráter orientativo, como descrito em "Este CEP orienta aos pesquisadores...". Agradecemos a compreensão dos pesquisadores.

Pendências no projeto de pesquisa:

1. Inserção dos questionários semiestruturados citados como instrumentos de avaliação.

RESPOSTA: os questionários foram inseridos

ANÁLISE: pendência atendida

Pendências no TALE:

1. Descrever que a participação do aluno não terá custos para ele ou para o seu responsável legal.

RESPOSTA: Foi acrescentado o seguinte parágrafo: "Sua participação na pesquisa não terá custos para você ou para seu responsável. Como a pesquisa será realizada durante o horário de suas aulas de Educação Física, você não terá custos adicionais com sua alimentação e transporte."

ANÁLISE: pendência atendida

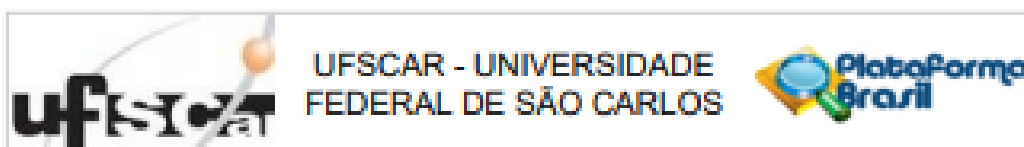
2. Descrever que o participante terá todas as despesas com o transporte e a alimentação decorrentes da sua participação na pesquisa, quando for o caso, serão ressarcidas no dia da coleta de dados. E que o participante terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

RESPOSTA: Como os participantes da pesquisa serão alunos que frequentam as aulas regulares de Educação Física na escola, não terão nenhum tipo de custo ou despesas em relação à participação na pesquisa. Desta forma, foram acrescentados os seguintes parágrafos: "Sua participação na pesquisa não terá custos para você ou para seu responsável. Como a pesquisa será realizada durante o horário de suas aulas de Educação Física, você não terá custos adicionais com sua alimentação e transporte." e "Você terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa."

ANÁLISE: pendência atendida

3. Descrever que o participante e o seu responsável receberão uma via do TALE rubricada em todas as páginas pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Cidade: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9585 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: S.279.163

com quem o participante e o seu responsável poderão tirar todas as dúvidas sobre a pesquisa a qualquer momento.

RESPOSTA: Acrescentamos ao parágrafo que já indicava tais aspectos, o endereço da professora-pesquisadora de Educação Física. Desta maneira, o parágrafo ficou da seguinte forma: "Caso você não entenda alguma coisa, não goste de qualquer situação no decorrer das aulas de Educação Física ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a professora-pesquisadora Perla Cristina Frangioti Machado, pessoalmente [REDACTED], [REDACTED] ou por e-mail [REDACTED] ou pelo telefone [REDACTED] ou professor Glaucio Nunes Souto Ramos, que é orientador da pesquisadora, pessoalmente ou pelo e-mail: [REDACTED] ou pelo telefone [REDACTED]"; e acrescentamos o parágrafo: "Você e o seu responsável receberão uma via deste Termo (TALE) rubricado em todas as páginas pela professora-pesquisadora."

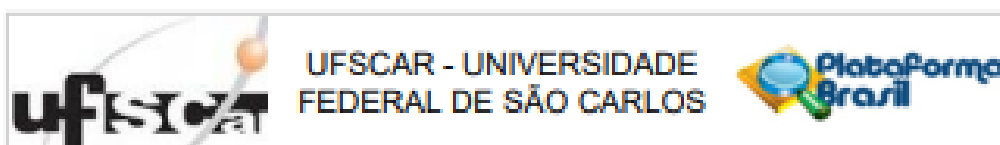
ANÁLISE: pendência atendida

4. Atualizar as informações do CEP no parágrafo final. Texto sugerido: "Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar (CEP), que, vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem a responsabilidade de garantir e fiscalizar que todas as pesquisas científicas com seres humanos obedeçam às normas éticas do País, e que os participantes de pesquisa tenham todos os seus direitos respeitados. O CEP-UFSCar funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br"

RESPOSTA: Conforme solicitação, atualizamos/completamos o parágrafo, a saber: "Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar (CEP), que, vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem a responsabilidade de garantir e fiscalizar que todas as pesquisas científicas com seres humanos obedeçam às normas éticas do País, e que os participantes de pesquisa tenham todos os seus direitos respeitados. O CEP-UFSCar funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br"

ANÁLISE: pendência atendida

| | |
|---|-------------------------------------|
| Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235 | CEP: 13.565-905 |
| Bairro: JARDIM GUANABARA | |
| UF: SP | Município: SAO CARLOS |
| Telefone: (16)3351-9685 | E-mail: cephumanos@ufscar.br |



Continuação do Parecer: S.279.183

Pendências no TCLE:

1. Descrever que a participação do aluno não terá custos para ele ou para o seu responsável legal.

RESPOSTA: Foi acrescentado o seguinte parágrafo: A participação do estudante na pesquisa não terá custos para você ou para ele. Como a pesquisa será realizada dentro da grade curricular, em horário habitual de aula, o aluno não terá custos adicionais com alimentação e transporte.

ANÁLISE: pendência atendida

2. Descrever que o participante terá todas as despesas com o transporte e a alimentação decorrentes da sua participação na pesquisa, quando for o caso, serão ressarcidas no dia da coleta de dados. E que o participante terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

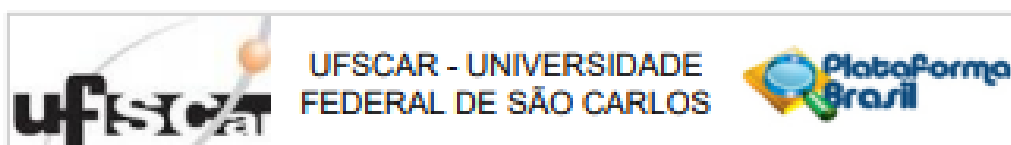
RESPOSTA: Como os participantes da pesquisa serão alunos que frequentam as aulas regulares de Educação Física na escola, não terão nenhum tipo de custo ou despesas em relação à participação na pesquisa. Desta forma, foram acrescentados os seguintes parágrafos: "Sua participação na pesquisa não terá custos para você ou para seu responsável. Como a pesquisa será realizada durante o horário de suas aulas de Educação Física, você não terá custos adicionais com sua alimentação e transporte." e "Você terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa."

ANÁLISE: pendência atendida

3. Descrever que o participante e o seu responsável receberão uma via do TCLE rubricada em todas as páginas pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal com quem o participante e o seu responsável poderão tirar todas as dúvidas sobre a pesquisa a qualquer momento.

RESPOSTA: Acrescentamos ao parágrafo que já indicava tais aspectos, o endereço da professora-pesquisadora de Educação Física. Desta maneira, o parágrafo ficou da seguinte forma: "Caso você não entenda alguma coisa, não goste de qualquer situação descrita pelo/a menor sobre as aulas de Educação Física ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a professora-pesquisadora Perla Cristina Frangioti Machado, pessoalmente ([REDACTED]), [REDACTED] ou por e-mail [REDACTED], pelo telefone [REDACTED], ou professor Glaucio Nunes Souto Ramos, que é orientador da pesquisadora, pessoalmente ou pelo e-mail: [REDACTED] ou pelo telefone [REDACTED]."





Continuação do Parecer: 5.279/163

e acrescentamos o parágrafo: "Você e o estudante receberão uma via deste Termo (TCLE) rubricado em todas as páginas pela professora-pesquisadora.

ANÁLISE: pendência atendida

4. Atualizar as informações do CEP no parágrafo final. Texto sugerido: "Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar (CEP), que, vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem a responsabilidade de garantir e fiscalizar que todas as pesquisas científicas com seres humanos obedeçam às normas éticas do País, e que os participantes de pesquisa tenham todos os seus direitos respeitados. O CEP-UFSCar funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br"

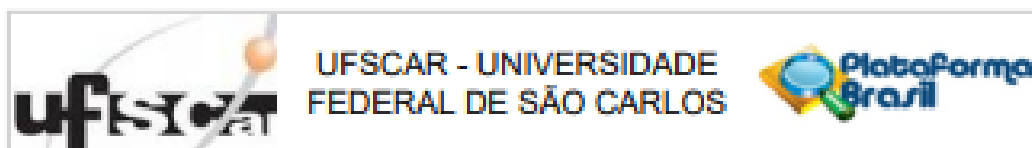
RESPOSTA: Conforme solicitação, atualizamos/completamos o parágrafo, a saber: "Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do/a menor sob minha responsabilidade na pesquisa e concordo que ele/a participe. O pesquisador me informou que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar (CEP), que, vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem a responsabilidade de garantir e fiscalizar que todas as pesquisas científicas com seres humanos obedeçam às normas éticas do País, e que os participantes de pesquisa tenham todos os seus direitos respeitados. O CEP-UFSCar funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br".

ANÁLISE: pendência atendida

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco)

| | | | |
|-----------|------------------------|------------|----------------------|
| Endereço: | WASHINGTON LUIZ KM 235 | CEP: | 13.565-905 |
| Bairro: | JARDIM GUANABARA | | |
| UF: | SP | Município: | SÃO CARLOS |
| Telefone: | (16)3351-9685 | E-mail: | cephumanos@ufscar.br |



Continuação do Parecer: 6.279-163

anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|-----------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB INFORMACOES BASICAS_DO_PROJETO_1856087.pdf | 14/01/2022 13:54:33 | | Aceito |
| Outros | QuestionariosIniciaisFinal.pdf | 14/01/2022 13:54:00 | GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TALE2.pdf | 14/01/2022 13:53:10 | GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE2.pdf | 14/01/2022 13:52:44 | GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | ProjetoDetalhado2.pdf | 14/01/2022 13:52:27 | GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS | Aceito |
| Outros | Carta_Resposta_versao1.pdf | 14/01/2022 13:51:57 | GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS | Aceito |
| Outros | CartaAutorizaEscola.pdf | 10/11/2021 12:44:36 | GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS | Aceito |
| Orçamento | ORCAMENTO.pdf | 10/11/2021 12:44:10 | GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS | Aceito |
| Folha de Rosto | FolhaDeRosto3.pdf | 10/11/2021 12:42:56 | GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-900
 UF: SP Município: SÃO CARLOS
 Telefone: (16)3321-0605 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Formos: 5.279.163

SAO CARLOS, 08 de Março de 2022

Assinado por:
Adriana Sanches Garcia de Araújo
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** caphumanos@ufscar.br